



ALMA NOVA

REVISTA MENSAL ILUSTRADA

PELO RESURGIMENTO
DAS

ARTES • LETRAS • CIÊNCIAS e da PÁTRIA

ANO II • ABRIL DE 1916 • N.º 4 - (16)

* * DIRECTORES * *

LITERÁRIOS :

A. BUSTORFF * E *

MATEUS MORENO * *

ARTÍSTICO :

SAAVEDRA MACHADO

Secretario da Redacção

* SACADURA CABRAL *

ETNOGRAFIA ARTISTICA

I

Uma «córna» alentejana

O ADJUNTO desenho, onde Saavedra Machado pôs a exactidão e delicadeza que costuma pôr em todos os trabalhos que executa para o Museu Etnologico, representa uma córna pertencente ao mesmo Museu. *Córna* tem neste caso a significação de recipiente feito de um segmento de chifre de boi, de 0^m,15 a 0^m,20, *plus minus*, de altura, com fundo e tampa de cortiça, e a superficie muitas vezes cheia de labores artisticos, como aqui: serve principalmente para conter azeitonas, mas pôde conter carne de porco, e outros mantimentos, e servir de vaso de beber. Utilizam-na os pastores e trabalhadores do Alentejo quando vão para o campo. ¹

A presente córna foi feita por um pegureiro. Passarei a descrevê-la.

Considerando-a emborcada, distinguem-se nela, alem de uma faixa rendada que a cinge em quasi todo o bôrdo do bocal, sete secções longitudinais, sendo tres d'elas mais largas que as quatro restantes: uma das referidas secções maiores domina o dorso, e as outras duas occupam a parte mais curva do vaso. Na secção

que domina o dorso vê-se uma planta, provavelmente herbacea, de cujo caule partem ramos com folhas e flores, para a direita e para a esquerda; o proprio caule ergue-se entre duas plantas baixas, tambem providas de flores e folhas. Das outras duas secções maiores, uma, á esquerda do observador, é muito complicada: ha nela flores, corações, ornatos de fórma de renda, uma data («1884»), e dois quadrupedes (cão e burro), cada um pousado em sua base triangular. A terceira secção maior, á direita do observador, compõe-se de um vaso cordiforme, de que parte uma planta (herva) atravessada por outra data («1878»), e ladeada de ornatos de várias especies (coração, estrelas, folhas, rosetas etc.). As secções menores ficam entre as maiores. Duas estão assim dispostas: uma, á direita da do dorso (ou esquerda do observador), formada de uma serie de seis rosetas, tangentes duas a duas; outra, á esquerda (direita do observador), formada de dez circunferencias, que se cortam entre si, e abranquem ramos e rosetas, pousando a circunferencia do fundo no bôrdo de um vintem de «D. LUIZ I REI DE PORTUGAL». As duas secções menores de que falta falar estão contiguas, e ficam entre as secções maiores da parte curva da córna: uma d'elas compõe-se de uma linha ondulada em cujas curvas (oito) se abrigam rosetas; a outra, a mais simples de todas, é formada de depressões triangulares dispostas á moda de cruces da ordem de Cristo. Nos

¹ Agora só trato do Alentejo, e não de outras provincias onde se usam recipientes semelhantes. Em Tras-os-Montes, por exemplo, ha d'estes artefactos tambem ornamentados: em Valpaços chamam-lhes *galhas* (a palavra *galha* está para *galho*, como *córna* para *côrno*), e lá obtive um exemplar em 1915 para o Museu Etnologico. — *Córna* tem outras acepções, uma das quais veremos adiante.

vazios deixados pelos ornatos principais intercalou por vezes o artista ornatos secundários. No desenho a corno mostra-se longitudinalmente em quasi metade da sua superficie.

Já na *Rev. Lusitana*, II, 33, me referi a analogas cornas artisticas, e no *Arch. Port.*, XVII, 288, est. II e III, e XIX, 390, est. II e III, publiquei quatro, tambem desenhadas por Saavedra. Visto que o *Archeologo* só costuma andar por mãos de especialistas de cousas antigas, entendo que, publicando na *Alma Nova* mais uma corno, tornarei conhecido de outro círculo de leitores um curioso espécime de arte popular e etnografia, que nem todos conhecerão: e assim respondo ao amavel convite que a redacção do jornal me dirigiu.

Como nas outras cornas publicadas, tambem nesta os temas foram tirados da observação da vida quotidiana (cão de gado, burro)¹, da Natureza (plantas, astros), do sentimento (coração), da fantasia (ornatos geometricos e outros): o autor combinou tudo, ou conforme já vira fazer aos seus companheiros, pois nota-se sempre nestes trabalhos pastoris certa tradição ou convenção artistica, ou conforme o espaço de que dispunha. O desenho, que é traçado a canivete, está feito com mão firme; as folhas, as flores, os corações são estilizados, mas com regularidade, por assim dizer, geometrica. Apesar da demasiada rigidez que um anatomico descobrirá na cabeça régia que ocupa o anverso da moeda, quem não admirará a variedade dos restantes ornatos da corno, e a profusão e simetria com que o entalhador os distribuiu por toda ela? Nestes ornatos predomina a Natureza vegetal: parece que o pastor se inspirou principalmente nas multiplas hervas e flores que na Primavera pintalgam a vasta campina alentejana e dão a quem as contempla a impressão de que tem estendidos diante de si tapetes tão lindos como os de Arraiolos.²

¹ Cão e burro acompanham freqüentemente o pastor do Alentejo. O cão guarda-o a ele e ao gado, o burro serve para ás vezes levar no dorso uma cria nova ou doente, para acarretar comedorias de um local para outro, etc.

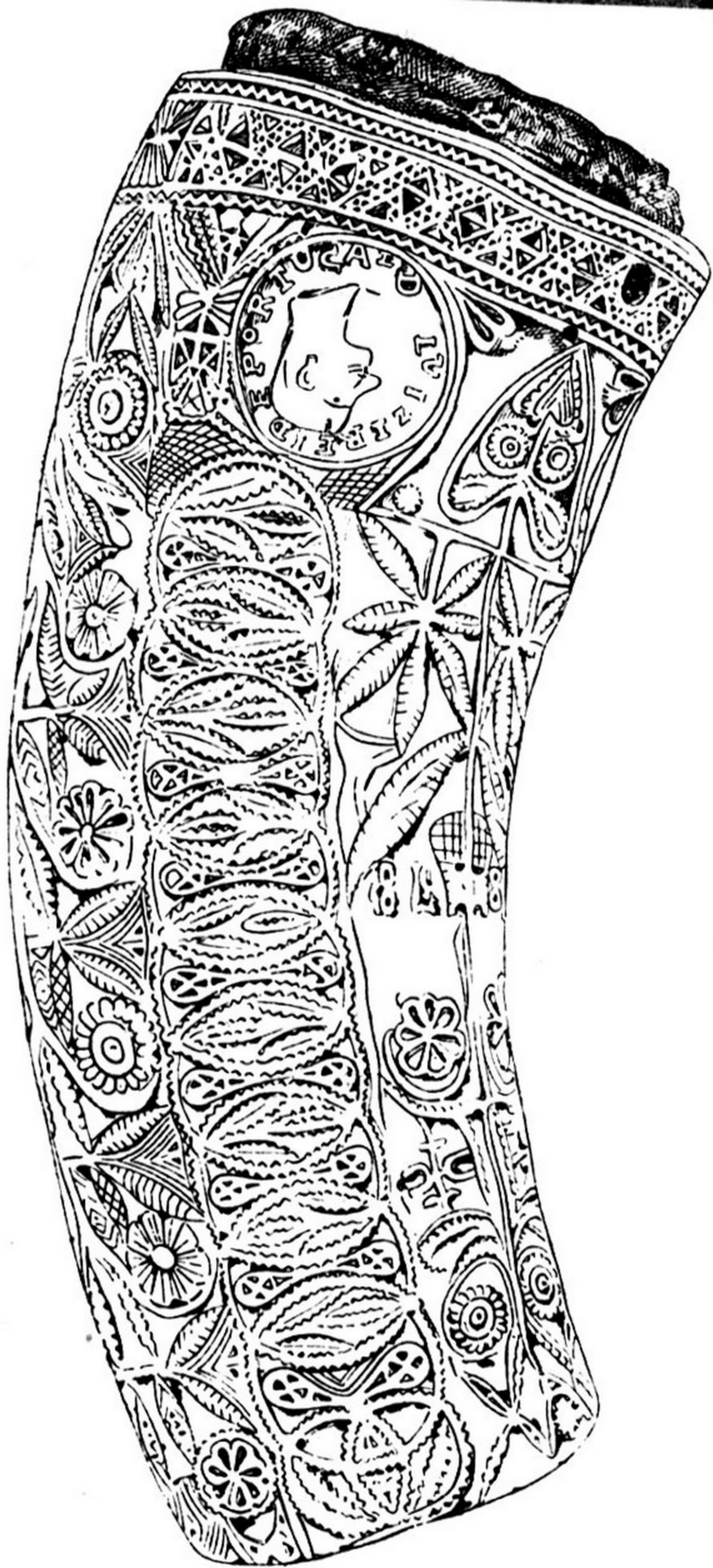
² Ás vezes a inspiração na Natureza é só indirecta:

Dos elementos decorativos da corno só insistirei num, a moeda, por ser o menos vulgar, com quanto não raro. Ao «coração» consagrei umas palavras no *Archeologo Português*, XIX, 399-400¹; relativamente a outros elementos decorativos disse algo no *Estudo Ethnographico*, Porto 1881, p. 34 ss., e juntei materiais nas *Religiões da Lusitania*, III, 588-589, 598 (nota) e 607.

As moedas, além da sua significação economica e historica, podem ter ao mesmo tempo merito estetico. A numismatica dos Gregos encerra a este respeito verdadeiras maravilhas, sempre depois imitadas, pelos Romanos e pelos modernos, mas nunca excedidas. Por causa de serem obras de arte, as moedas aproveitam-se muitas vezes como adorno, — moedas verdadeiras, ou imitações —, prática que provém da antiguidade. Em varios museus de França, Alemanha, Inglaterra etc. tenho visto aneis antigos com moedas romanas ou bizantinas incrustadas neles, e tenho visto moedas romanas que serviram de medalhas e de ornatos de colares. Para não alargar demasiadamente este artigo, não exponho aqui as notas que tomei; póde porém o curioso consultar o *Catalogue of the jewellery, Greek, Etruskan and Roman*, do Museu Britanico, Londres 1911, pp. 316-318; as *Annales de la Soc. Arch. de Bruxelles*, XXI, 66; Mowat, *De quelques objets antiques incrustés de monnaies*, Paris 1889; Regling, *Numismatische Litteratur*, 1903-1904, p. 16; Cazorro, *Terra sigillata*, p. 29. Dos visitantes do Gabinete Numismatico da Biblioteca Nacional de Paris é bem conhecida a magnifica taça de Rennes, guarnecida de «aureos». Contribue para este aproveitamento das moedas, a par com o valor artistico, tambem por vezes o valor real. Por isso nas *Pandectas* ou *Digesto*, liv. VII,

assim certos pastores copiam, por exemplo, as flores que estão estampadas em lenços; porém não ha dúvida que eles reproduzem tambem flores do campo e do jardim (d'alandro, de saramago, de esteva, rosa d'Alexandria, cravo etc.)

¹ Se eu desenvolvesse a materia que tratei condensadamente nessas duas páginas, poderia formar longo artigo.



Hauvedraffrado
1914

lit. VII, se fala de moedas *pro gemmis*, «como joias». Nos tempos modernos não só servem de enfeite corporal etc. moedas que estão fóra de uso, mas moedas correntes: não faltam alfinetes, pendentos, botões, com elas, sobretudo com as de metais preciosos. O *ganadêro* alentejano que esculpiu a córna não fez pois mais do que conformar-se com usos seculares; vendo que não podia embutir no vaso um pinto d'ouro, contentou-se com reproduzir nele o anverso de uma vulgar moeda de cobre que por acaso trazia no bolso.¹

Depois de falar da decoração da córna, falarei agora da aplicação geral que a substância de que esta é feita tem tido como recipiente; restringir-me-hei porém o mais possível, por causa da extensão que o meu artigo vai tomando.

No reino de Damute ha «boys muy grandes e mansos; tem grandissimos cornos, dos quaes usão os moradores d'esta terra em lugar de cantaros de serviço, e levam alguns mais de meyo almude». ² O *rhytón* dos Gregos, pela sua fórma, devia ser na origem um chifre, pois que os Gregos se serviam primitivamente de chifres de boi como vasos de beber. ³ A essa palavra, na fórma deminutiva, corresponde em latim *rhytium*. Horacio fala de uma almotolia de corno, que pesava duas libras: *cornu . . bilibri*. ⁴ Do uso do chifre como vasilha nos povos barbaros da Europa antiga dão-nos muitas noticias os autores classicos. ⁵ Em especial

vigorava esse uso nos Germanos, e d'ele nos falam as lendas e tradições medievais dos mesmos. ¹ Em tempos modernos, a nossa propria etnografia (para eu não sair de casa a colher mais exemplos) nos ministra varios documentos comparativos. Em Mertola os trabalhadores que vão para o campo levam azeite e vinagre em dois enormes chifres, e o mesmo fazem os «quinteiros» da Covilhã quando vão dar dias fóra; no primeiro caso os chifres chamam-se *córnas* (d'onde a expressão «aviar as córnas»), no segundo *azeiteiros*. A palavra *azeiteiro* applica-se em Avis a um chifre que serve para conter azeite e vinagre, e em Obidos, e igualmente na Covilhã, a outro em que os «carreiros» levam azeite e sêbo com que untam os eixos dos carros, para estes não chiarem. Do uso do sêbo provém o nome *sebeiro*, sinonimo de *azeiteiro* (tambem em Obidos). O costume de levar sêbo e azeite para untar os eixos dos carros existe, como é natural, em muitas partes, e á entrada das povoações lê-se por vezes um aviso aliterado que se relaciona com ele: *cale o carro*. Quando digo que uma palavra ou um costume existe numa terra, não quero dizer que sejam só de lá, mas que foi lá que colhi as minhas informações. Em Viseu e no Alto-Minho (Perre etc.) os romeiros e os feirantes levam vinho num chifre de boi, pôsto com uma correia a tiracolo. Em Estremôz usa-se ás vezes um copo de beber feito de chifre de boi, com leves enfeites. Na Beira-Alta e em Mertola formam-se colecções de copos de diferentes dimensões encaixados uns nos outros, — para comodidade do transporte; em Mertola o último da colecção serve de saleiro, e tem uma tampinha. Omito a menção de outros utensilios: frasco, canudo de agúdias, polvorinho, patife (para tabaco) etc. — Se, pela decoração, a córna que serviu de assunto ao meu estudo tem companhia antiga e extensa, tambem, como vaso ou recipiente, não a tem inferior no que toca á materia prima.

Campolide, 12 de Abril de 1916.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

¹ D. Cecilia Branco in *Rev. Lusitana*, I, 296.

¹ Assim como fazem isto, tambem os pastores preparam discos de madeira em que imitam perfeitamente moedas, — anverso e reverso; estes discos servem de pendentos de cadeias de relógio (ha um no Museu Etnologico). Vem a proposito acrescentar que no Sul os trabalhadores (não tanto por atavio, como por utilidade prática) seguram não raro o espigão das foices com moedas de cobre pregadas no cabo, — costume que já encontrei mencionado em um autor nosso do sec. XVII.

² Fr. João dos Santos, *Ethiopia Oriental*, liv. 4.º, cp. 2, ed. de 1609, fls. 103.

³ *Dict. des antiq.* de Daremberg & Saglio, s. v., «cornucopia».

⁴ *Sat.*, II, 2, 61.

⁵ Vid. o *Lexikon* de Schrader, s. v. «Horn», onde elas se acham coligidas.

ARTISTAS DE PORTUGAL

SUBSIDIOS PARA A HISTORIA DA ◉ ◉ ◉ ◉

◉ ◉ ARTE PORTUGUESA CONTEMPORANEA

◉ ◉ ◉ (ANALYSE, CRITICA E BIOGRAPHIA) ◉ ◉ ◉

Introducção

Ao iniciar, com a collaboração crítica de Luís Chaves, os meus estudos biographicos dos artistas portuguezes contemporaneos, não tenho outro fim que não seja o de por um lado prestar um serviço, embora modesto, á Arte do meu país, e por outro dar começo a um trabalho para mim a um tempo altamente agradável e espiritual, que é o de colligir pouco a pouco as biographias dos artistas que têm contribuido com o seu esforço para o engrandecimento da Arte Portuguesa.

São já conhecidas, não só dos estudiosos da especialidade, mas ainda do publico que se interessa por assumptos de Arte, a obra e a biographia daquelles que são hoje justamente considerados os mestres da nossa pintura; mas, o que não existe, e essa lacuna o nosso esforço pretende preencher, é um trabalho subsidiario, mais ou menos completo, onde se encontrem reunidos não só os estudos biographicos e criticos dos Mestres, mas ainda identicos estudos correspondentes á producção de Arte de cada um dos artistas das gerações modernas. E será, creio, não só de utilidade, mas de absoluta justiça, tornar conhecido o labor artistico dos artistas novos, daquelles para quem a Arte nunca foi um divertimento infantil, um passatempo frivolo, uma extravagancia exotica, mas sim a preocupação de sempre, aquella Arte que só consegue realizar-se com o estudo aturado e productivo, aliado ao sentimento, Arte colhida directamente na interpretação sincera da Natureza e da Vida, e ainda, a mais transcendente, na Emotividade e no Sonho.

Sabendo hoje, e bem, quanto o nosso trabalho nos custa, não somos tambem d'aquelles que, sem motivo, desdenhemos do trabalho dos outros, e por esse facto é-nos até muito grato lembrar aqui, no momento de dar começo a estes desprezenciosos subsidios, quanto de valioso deve já a Arte Portuguesa, no campo crítico, ao fallecido escriptor Raimalho Ortigão, ao Dr. José de Figueiredo, ao Professor Henrique de Vilhena, a Antonio Arroyo, a Joaquim de Vasconcellos e poucos mais; no jornalismo, a Oldemiro Cesar, a Forjaz de Sampayo, a Santos Vieira, a Silva Passos, a Aquillino Ribeiro, a Hermano Neves, a A. Bustorff, a Matheus Moreno e a outros que, nas suas chronicas, artigos e noti-

cias, tanta vez se têm interessado pela causa dos artistas, e em geral aos que, de qualquer forma, ainda a mais modesta, tenham contribuido para que seja lembrada a Arte Nacional. E não é, como querem alguns, tão pobre a nossa Arte que se não possam contar nella nomes gloriosos, como os de Nuno Gonçalves, Christovam de Figueiredo, Sanches Coelho, Domingos Sequeira, Silva Porto, Alfredo Keil e tantos mais. Não é ella tão pobre de energias que nos não mostre ainda hoje o poder ascendente e creador do grande mestre Columbano, a pintura forte e tão portuguesa de Malhõa, a producção tão requintadamente artistica de Antonio Ramalho, as telas tão cheias de côr e de luz de Carlos Reis, a paysagem fecunda, technicamente perfeita e emocional do grande pintor Sousa Pinto, os trabalhos de restauro tão cheios de religiosidade de Luciano Freire e ainda algumas bellas pinturas de Arthur Loureiro, de José de Brito, de Salgado e Antonio Carneiro, que é tambem um extraordinario desenhador, e de Roque Gameiro, o expressivo aquarelista.

Enveredando para a escultura e para a architectura, quantos nomes dignos tambem da nossa admiração, desde o de Machado de Castro ao de Soares dos Reis, desde o de Teixeira Lopes ao de Costa Motta, e os dos architetos Andrade, Rosendo Carvalho, Ventura Terra, Raul Lino, Norte Junior, Tertuliano e tantos outros! No Humorismo, quanto foi grande esse Raphael Bordallo, quanto foi originalissimo esse Celso Herminio, quanto gracioso e delicado Francisco Teixeira, quanto ainda hoje festejados Valença e Leal da Camara! E alongando a série, avançando mais, vindo até a gerações novas, quantas affirmações de talentos fortes, quantas esperanças gloriosas para a nossa Arte! Povõam ainda a nossa saudade nomes como os desse grande torturado que foi Ricardo Ruivo e desse delicado paysagista que se chamou Dias Serra. Actualmente, Constantino Fernandes, Adriano de Sousa Lopes e Alves Cardoso constituem só por si uma trindade de temperamentos artisticos de subido valor, todos na plena pösse dos seus processos technicos e dirigindo-se a passo firme, no caminho do Ideal. Depois Saude e Trigo, o primeiro mantendo sempre a sua maneira tão pessoal de pintar, o segundo considerado com justiça, com Lyster Franco, um verdadeiro



«A CALUNIA»

ESCULTURA DE MAXIMIANO ALVES
(NA SÉRIE *A Vida*)

artista da paisagem, o mais talentoso interprete das bellezas do Algarve.

Dos aquarellistas, não devem ficar esquecidos dois dos maiores: Alberto Sousa, que tem sido um incansavel documentador da nossa Terra e um primoroso illustrador, e Alves de Sá, o delicadissimo poeta dos poentes.

Um pintor de altissimo valor, que nos ultimos annos se tem feito notar, é Martinho da Fonseca; elle tem sabido alliar, a uma orientação consciente, uma technica pessoalissima e uma emotividade fóra do commum. Outro pintor original e dos que mais valem é o paysagista Armando de Lucena; e cheios de mocidade e de real talento são tambem os pintores Alfredo Migueis, Henrique Franco, Araujo, Bonvalot, João Reis, Romero, Andrade, Lacerda, Ayres, Adriano Costa, Bentes, Dordio Gomes, Renda, Henrique Pimenta, Constancio, Samóra Barros, Carneiro, Oliveira, Manta e Ruy Vaz. Na escultura, Costa Motta sobrinho, Francisco dos Santos, Anjos Teixeira, Maximiano Alves, Raul Xavier e Ernesto do Canto.

Finalmente, fechando a serie, abrindo clareiras nessa extensa floresta de Sonho, que é a Arte, procurando, cheios de fé, desvendarlhe novos segredos, lembram-nos ainda os nomes illustres dos pintores Manoel Jardim e Eduardo Viana, e tambem os de

alguns desenhadores humoristas de creditos solidamente firmados, como Christiano Cruz, grande artista da linha, Emmerico Nunes, documentador gracioso e leve de scenas familiares, Hypolite Collomb o artista illustre, grande na modestia e no talento, e Stuart Carvalhaes, rigoroso e sentido interprete dos revoltados e dos que soffrem.

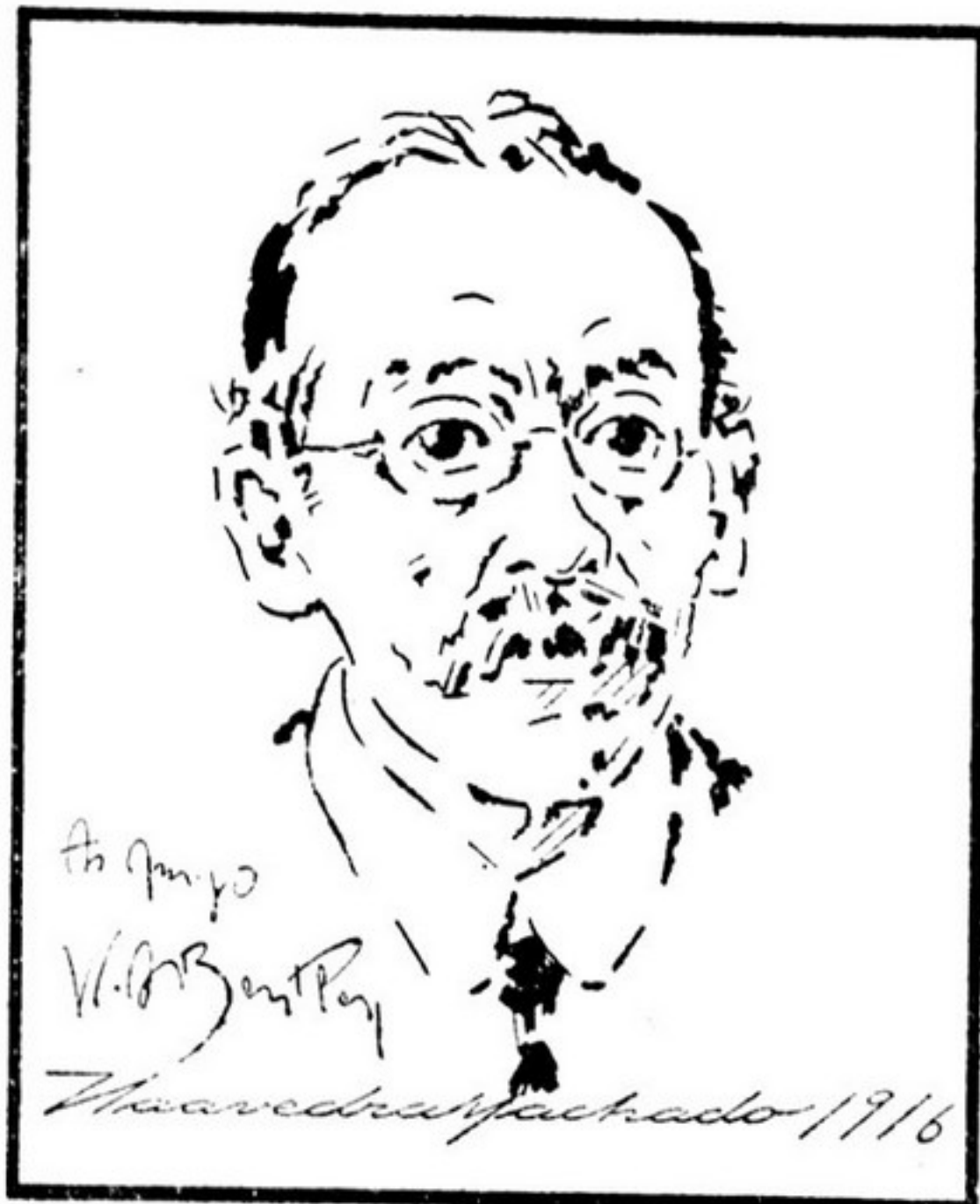
Sabidos os fins, que me levaram a escrever estas linhas, e que servem de introduccão aos «Subsidios para a Historia da Arte Portuguesa Contemporanea», agradeço a Luis Chaves a sua cooperação. E' ella a única cousa que no trabalho ficará valendo. Pela minha parte, não pretendo com os meus estudos biographicos receber os aplausos de ninguem, nem do publico, nem dos artistas a quem são especialmente dedicados. Julguei simplesmente com este trabalho, como já disse, prestar um pequeno serviço á Arte do meu pais, e satisfazer uma das minhas necessidades espirituais. Porque de resto, publico e artistas são homens e eu prefiro quasi sempre ao seu convivio a solidão das charnecas aridas e desoladas...

J. SAAVEDRA MACHADO.

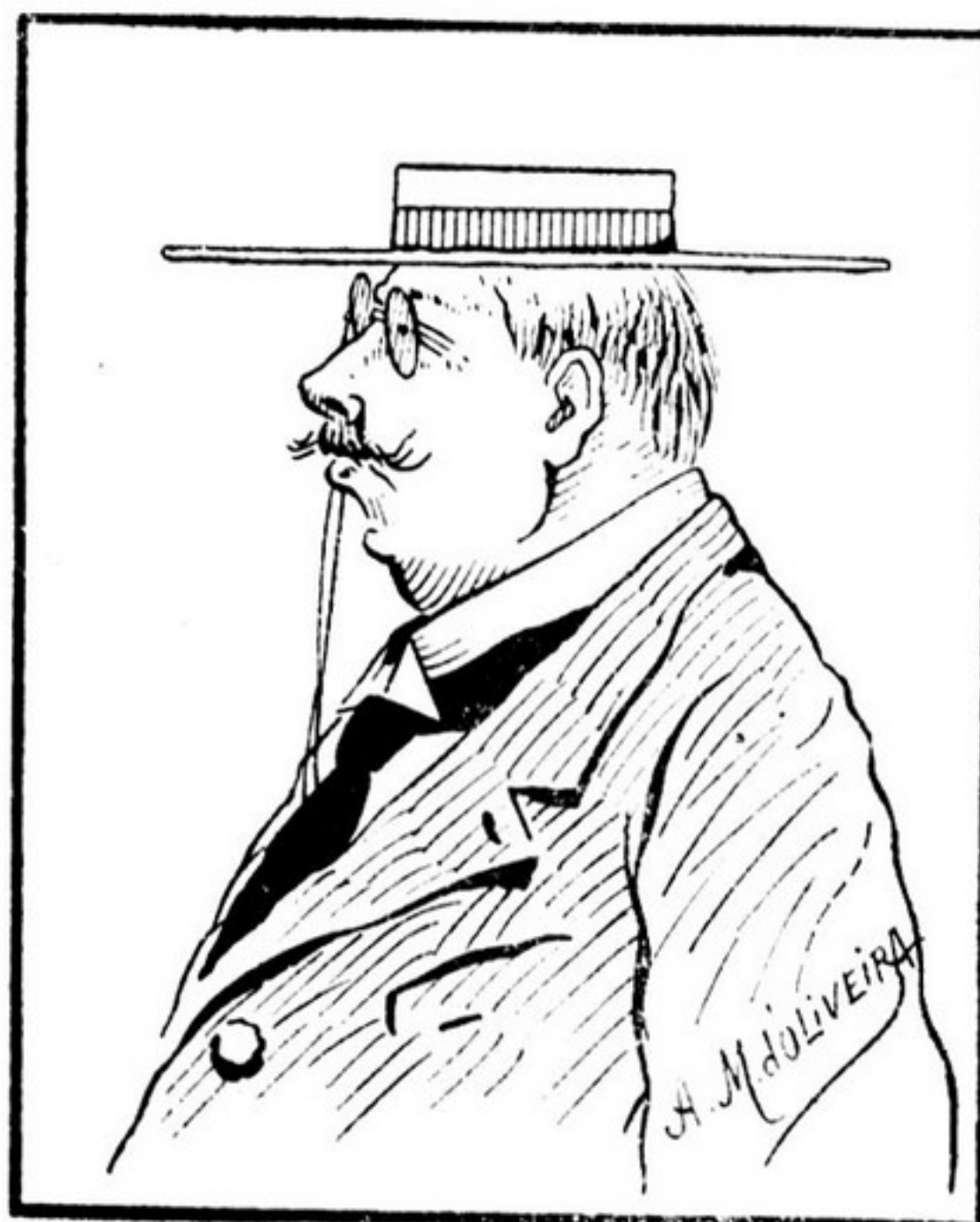
No proximo n.º principia esta secção com o estudo critico e biographico de MARTINHO DA FONSECA.

EXTRANGEIROS

:: AMIGOS DE PORTUGAL ::



MR. W. A. BENTLEY
Director da revista inglesa «Portugal»
(Des. de Saavedra Machado)



M. EMILE CARP
Grande industrial francês
(Des. de A. M. d'Oliveira)

Aldean

Tão linda e delicadinha,
 florindo o ar, onde passa,
 dos lírios da sua alvura,
 das rosas da sua graça...

Quando á tardinha ela segue,
 grave no modo risonho,
 enche de encanto a aldeia,
 doira a aldeia de sonho...

Só vestidinha de chita,
 de chaile airoso, em cabelo,
 é uma violeta! Que graça
 a sua trança em novelo!
 E assim vestida, assim linda,
 risonha assim á tardinha,
 tem um ar suave e estranho
 de princêsa pobresinha...

A candura do seu vulto
 orvalha o ar de frescura,
 — fonte num verde rosal
 a borbulhar viva e pura...
 Sorri, e na sua boca,
 que em botão um céo traduz,
 vão borboletas doiradas
 batendo as asas de luz...

E linda e pobre, parece,
 quando ela passa entre as mais,
 — Entre essas que trajam sedas
 e ostentam finos rocaes... —
 que um luar divino a veste
 e as suas chitas singelas
 são um manto de açucenas,
 um manto feito de estrelas...

Tão portugêsa na graça,
 o seu encanto semeia
 rosas e lírios do val'
 pelas ruas da aldeia...
 Tudo a conhece e lhe fala:
 cada flôr e cada ninho...
 — Que esbelta! — dizem-lhe os choupos...
 — Como é linda! — o rosmaninho!

Um encantado crepúsculo
 anoitece em seu olhar...
 Vae-se este enchendo de estrelas...
 Nele ha pombas a noivar...
 E um luar de Aparição
 lhe jasmina o vulto etéreo...
 Para a alma ela é um sonho,
 e para a vista um mistério!

Poz-se o sol. — *Ave-Marias*...
 Saudosamente a voar,
 as irmans, (as andorinhas...)
 recolhem, como ela, ao lar...
 E quando ao longe se oculta
 seu vulto de claridade,
 quem a viu só então sente
 que o sol se poz... Que saudade!

: BERNARDO DE PASSOS :



(Desenho de Saavedra Machado)

A Estrada sem fim

(iluminura para D. Quichote)

Trouxeste a rosa e o lyrio do Sól-Posto
e os vasos imperiaes da Tarde viste,
mas inda vens mais cheio de desgosto
pelo eterno caminho infindo e triste.

Mostras sobre teus hombros descompôsto
o manto medieval que não resiste
á soberba realeza de teu rosto,
ao aprumo de tua lança em riste.

E á proporção que fôres de Toledo
a Sevilha, de Saragossa a Tassos
aumentará, no espaço, teu degredo

e o teu desejo, assim, será tão forte,
prisioneiro fatal dos proprios passos
que ainda caminharás além da morte . . .

Do Livro do Amor, a sair.

: RONALD DE CARVALHO :

POETAS E ESCRITORES NA INTIMIDADE

Eça de Queiroz revelado por uma ilustre senhora de sua familia e intimas relações, — a distinta escritora D. Conceição d'Eça de Mello

EÇA DE QUEIROZ

III

COMO já disse, Eça de Queiroz trabalhava sem se sentar á meza.

O que pela primeira vez lançava ao papel, era depois muitas vezes emendado, e até mesmo nas primeiras provas algumas vezes completamente refundido.

E' que no grande espirito do romancista havia uma verdadeira sêde de perfeição, e o seu ideal artistico era tão levantado que raras vezes o trabalho o attingia na primeira forma.

Depois da sua morte algures vi escripto não ter o mestre espontaneidade, e o seu trabalho moroso só com difficuldade produzir.

Que deploravel confusão!

Eça de Queiroz, compunha, creava com grande facilidade, mas, saida a estatua do bloco, o artista apaixonado pela fórma, retocava-a até lhe sair das mãos perfeita. Era esse trabalho, ao qual chamarei complementar, que lhe levava tempo infinito, e tornava morosa a finalisação de qualquer obra. A fabulação de um conto, de um romance, essa creava-a completa um lampejo do seu génio. Quantas vezes, até a conversar isso acontecia! A sua palavra quente, colorida, fazia surgir ante os nossos olhos deslumbrados uma creação perfeita. Lembro-me ter-se dado um d'esses factos uma noute, em Neully. A conversa corria ligeira, borboleteando de um para outro assumpto, quando, não me lembra quem, acertou fallar na rua Auber.

— Nunca esqueço essa rua, disse Eça de Queiroz, levantando-se, — foi ahi que uma noute encontrei a morte

— ?!!

— Sim, respondeu promptamente ao nosso gesto interrogativo, e começou narrando como, voltando da Opera para a rua Auber, déra de

cara com uma mulher alta, esqueletica, envolta em umas roupas negras.

A historia éra simples e poderia resumir-se em poucas palavras; mas o romancista acordára, e muito naturalmente narrou-nos a aventura. Um interessante conto á Hoffman que nos teve suspensos dos seus labios e nos fez passar á flor da pelle o delicioso arrepio de terror.

Parece-me ser isto sobeja prova de que Eça de Queiroz não precisava de longo tempo para architectar uma situação, ou crear uma personalidade.

* * *

A respeito de Racine tem-se dito e escripto tudo quanto rasoavelmente se pode dizer e escrever, mas esse aturado estudo tem incidido mais sobre o homem do que sobre o escriptor.

As suas relações de amizade, os seus amôres, o valimento que teve com os grandes da sua época, os revezes soffridos n'esse valimento e amidades, em fim, tudo quanto pode tornar conhecido o homem e o seu tempo, tem sido estudado com escrupulo, analysado cuidadosamente e patenteado ao publico de forma que o conhecemos hoje como se comnosco tivesse vivido.

Isto em quanto ao homem, não acontecendo porem o mesmo se falamos do escriptor.

A sua obra ainda hoje é interpretada tão diversamente como quantos são os leitores.

Seria mesmo curioso compendiar as opiniões de todos os seus criticos, e tirar da reunião de todas essas analyses um largo estudo da obra do poeta.

:: BARBAS E BIGODES ::



ALBUQUERQUE — O «TERRIBIL»
PARA
GUILHERME — O «FANFARRÃO»:

— Embora fiques irritado, sempre te direi, Guilherme,
que nunca os teus bigodes se poderão medir
com as minhas barbas.

Querem alguns que a obra de Racine seja resultado da sua fé religiosa. Effectivamente, bem estudado o homem, cuidadosamente prescrutado o seu sentir religioso, essa opinião impõe-se.

Racine era jansenista, e o jansenismo cifrase na lucta da vontade contra as paixões, sendo a primeira sempre vencida.

G. Larroumet, o escriptor que talvez melhor tem estudado a obra de Racine, é d'essa opinião, e alguns dos seus argumentos parecem-me concludentes:

O jansenismo, diz elle, tem o seu ponto de partida, no dogma do peccado original: A natureza humana viciada pela culpa dos nossos primeiros paes, é fundamentalmente má. Deus vindo ao mundo resgatou essa falta original, mas para que o homem se salve é preciso que a graça venha em auxilio da purificação do baptismo; mas a graça é difficil de obter, e Deus dá-a a quem quer, sendo o numero dos eleitos limitado.

Jansenius não admittia que o homem pudesse pela força da vontade vencer as suas paixões; d'ahi a negação do livre arbítrio.

As heroínas de Racine, mais humanas do que as de Corneille, todas são vencidas pelas paixões:

Oreste e Hermione não são maus, mas a paixão do amor leva-os ao assassinio, á loucura e ao suicidio. Nero é mau; a paixão torna-o feroz. Phedra lucta valentemente contra o amor que a assoberba, mas, falta-lhe a graça e succumbe.

A obra de Racine só agora começa a ser estudada, não digo no seu valor litterario, que esse de ha muito lhe era reconhecido, mas no seu valor documental, que por muito tempo lhe foi negado.

O grande poeta foi por muitos tomado apenas por um maravilhoso cantor do amor, uma especie de rouxinol, só bom a deliciar os ouvidos.

*

Eça de Queiroz fez parte de uma pleiade de talentos a quem as novas formas de litteratura deslumbrou.

Charles Baudelaire era o pontifece d'essa nova igreja litteraria, e os devotos eram todos espiritos de primeira plana a quem annos depois o estudo, o convivio, a sã apreciação dos factos e dos homens, tornou mais transigentes.

Charles Baudelaire era chamado o *poeta satânico*, e Eça de Queiroz ainda ha poucos annos nos *Ecoss de Pariz* dizia, referindo-se a essa epocha « . . . Nesse tempo todos nós eramos satânicos ».

Os admiradores dos novos processos litterarios, punham de parte as antigas tragedias, não admittindo que pudesse haver belleza aonde não havia verdade. Uma scena violenta de amor ou odio, passada entre duas pessoas, que, por muito excitadas que se achassem não omitiam as regras cerimoniosas, e pareciam sempre receiar, amarrotar os punhos de renda, ou desmanchar os caracos da cabelleira, era cousa tão convencional que, aquelles jovens espiritos apaixonados pela verdade, pela arte na realidade da vida, recusavam-se a estudar os que os tinham precedido usando de outros processos.

Annos depois muitos arrepiaram caminho, não transigindo com as antigas fórmulas para seguir-as, mas concedendo admiração ao que era para admirar.

A respeito da antiga intransigencia, ouvi a Eça de Queiroz contar uma anecdotica que tem aqui seu lugar e bem prova que para o verdadeiro talento não ha completa intransigencia:

«Tous les genres sont beaux
Or le genre ennuyeux.»

Eça de Queiroz desde muito novo fôra amigo de Carlos Mayer. Apreciava como conhedor o seu original talento, o seu espirito, e essa admiravel qualidade de bom conversador que Mayer possuia em alto grau.

Nunca Eça de Queiroz estava em Lisboa sem repetidas vezes visitar o amigo, e Carlos Mayer quando estava em Pariz raro dia deixava de ir a Neully.

Está decerto ainda na memoria de todos que bom actor foi Carlos Mayer.

A sua dicção era perfeita, e como a sua alta

intelligencia o fazia entrar completamente no espirito do auctor ouvi-lo ler um grande mestre era um verdadeiro prazer espiritual, pois nem uma intenção, por ligeiramente que fosse manifestada, nem sentimento por fugitivo que fosse lhe passava despercebido.

Um dia Eça de Queiroz dirigia-se a casa de Carlos Mayer, quando encontrou Ramalho Ortigão.

Seguiram os dois conversando, e quando chegaram a casa de Mayer iam falando de Racine e Corneille que ambos achavam *maniérés* sem paixão, e sobretudo sem verdade, nem sentimento.

— E' tudo o que ha de mais convencional, — diziam — já então no escriptorio de Mayer, que não concordando com essa maneira de ver foi buscar as obras de Racine e começou a ler uma das immortaes tragedias do grande poeta.

Como já disse, Mayer lia como pouca gente lê, e os dois ouvintes eram dignos do leitor.

Sob o encanto d'aquelles bellos versos declamados, como talvez nunca o tivessem sido, Ramalho e Eça de Queiroz já se não lembravam das suas theorias avançadas, e sem pensarem, sem o sentirem transportavam-se para aquelle mundo discripto pelo poeta, e tanto se

collocavam no ponto de vista d'elle que sentiam o que elle sentira, e quando Mayer fechou o livro os dois tinham os olhos marejados de lagrimas.

Estava feita a conquista.

D'ahi em diante, Eça de Queiroz que nas cousas litterarias como nas da vida de todos os dias, tinha até ao exagero, se exagero pode haver, o sentimento da probidade, começou a estudar conscienciosamente os dois grandes poetas do seculo de Luiz XIV.

Não mereceria contado este pequeno facto se elle não devesse ser, para aquelles que não conheceram Eça de Queiroz senão atravez da sua obra, a revelação do seu character intimo.

Nunca homem de letras foi tão sincero na sua maneira conio o auctor das «Cidades e Serras.»

Se um livro, um artigo, uma poesia, o impressionavam, francamente o dizia, e se o auctor era um *novu*, um nome ainda ignorado do publico, elle procurava fazel-o conhecido, repetia o seu nome, dava-lhe enfim o apoio da sua incontestavel auctoridade.

— Se o talento de Eça de Queiroz era do mais alto quilate, o character era diamantino.

C. D'EÇA DE MELLO.



Hora coroada de estrelas

Na concha azul — que um sonho ideal sugere —
 Lucilam as estrelas, como perolas.
 Filtra-se a paz das vagas cousas cêrulas
 Doce, bem doce, em alma onde ela impere.

Nem sempre a vida enleia, abraça e beija,
 Como uma terna amiga, que nos quere...
 A vida tem desdens, a vida fêre,
 E foge, esquiva, quando se deseja...

Assim pudesse esta hora constelada
 Eternizar-se em vida enamorada,
 Vida de sonho e extasiante alvor!

Sonhassem, ao luar, rochas dormentes;
 Sonhassem, pelo azul, astros fulgentes;
 Sonhassem almas, embalando a dor!

FOLK-LORE ALGARVIO

AS MOURAS ENCANTADAS

II — A MOURA ENCANTADA DE PORCHES

O *Cruzado* que escreveu a *Relação da Derrota Naval, Façanhas e Successos dos Cruzados que partiram do Escalda para a Terra Santa no ano de 1189* — referindo-se á tomada do Castelo de Silves no tempo de D. Sancho I, diz : «Os Castelos de que os cristãos se apoderaram depois da tomada de Silves, foram : Caphanabal, Lagus, Alvôr, *Porcimunt*, Munchite, Montagut, Cabvire, Mussiine, Paderne». Todos tem traduzido o *Porcimunt*, como sendo Portimão ; eu inclino-me a que se traduza como sendo Porches.

Naqueles tempos não havia em Portimão castelo algum, nem o terreno sobre que assentou esta vila tinha condições de combatividade, pois é sabido que as lutas belicosas daqueles tempos — como escreveu um escritor ha pouco falecido — se decidiam pela força do braço, e por isso escolhiam-se os pontos elevados e íngremes, de difficil accesso, para o levantamento de castelos, afim de auxiliar a defeza e prevenir surpresas. Nesse tempo sómente se falava nos castelos de Alvôr, de Estombar e no de Porches. Eram estes os tres castelos mais proximos e dependentes do de Silves.

Que castelo seria esse de Portimão, que na passagem das naus dos Cruzados, quando em auxilio de D. Sancho I passaram por Portimão, lhes não fez os devidos cumprimentos ?! Que castelo esse que nem ao menos deu sinal de si quando os almogreves de D. Paio cavalgaram e partiram de Aljustrel, passaram a serra pelo norte de Ourique, aproximaram-se do célebre Abenabeci, castelo em Estombar, tomaram d'ele posse á força de armas, e nem ao menos tenta provar que não estava dormindo e sim acordado e vigilante !?

Do velho castelo de Porches ainda hoje restam vestigios. Proximo d'este castelo passa o ribeiro do *Olival*, sobre o qual os mouros construíram uma ponte, de que resta um pilar enegrecido pela acção do tempo.

Em certa noite um homem daqueles sitios passou junto do pilar e ouviu vozes de duas pessoas. Para se certificar escutou, e em breve distinguiu um homem de certa idade e uma jovem, ambos mouros. Facilmente os conheceu, pois havia pouco tempo tinham os mouros sido expulsos do Algarve. O homem prestou maior atenção aos dois vultos ali reunidos, pouco mais ou menos pelas horas da meia noite, segundo lhe pareceu nos seus calculos.

Em seguida ás palavras proferidas pela jovem moura, e que o homem não percebera, disse o mouro, mui distintamente :

— Aqui ficarás encantada até que este mato, que aqui vês, seja roçado e substituído por uma plantação de orégãos ; substituídos estes pela vinha, e esta já em estado de não dar fructo, por ser velha, tornarás ao aduar de teus paes, a patria querida dos nossos maiores.

Emquanto o mouro proferia estas palavras aperitou junto do coração a filha que soluçava. E tudo desapareceu neste momento.

Ficou o homem dolorosamente impressionado

com aquella scena. Afastou-se temeroso do sitio ; no dia seguinte contou a varias pessoas tudo o que ouviu e o que podéra presenciar.

Passava em certo dia por aquele sitio uma pobre mulher com uma alcofinha, pedindo esmola, viu junto do referido pilar uma esteira com figos ao sol. Ficou ela surpreendida, não só porque naquela epoca não havia figos nas figueiras, mas naquele sitio nem figueiras havia. Para se certificar aproximou-se da esteira e tirou um punhado de figos que guardou na alcôfa. Mais adiante abriu a alcôfa e então foi maior a sua surpresa : em vez dos figos encontrou-se com valiosas moedas de ouro puro. Arrependida de não ter tirado mais figos voltou atrás, mas já não encontrou a esteira. Em breve se espalhou este successo e todos então se convenceram de que fôra verdade o que o homem em tempo referira com relação ao encantamento.

Eu creio que não está muito longe a scena final deste encantamento, pois bem velha se encontra a vinha que ali fôra plantada.

* * *

Embora a lenda da moura encantada de Porches seja pobre de incidentes, relatei-a para ter occasião de me referir a um assunto da mais alta importancia. Referem os poetas gregos e romanos que Saturno e Titan, dois irmãos, não querendo filhos machos que na sua velhice lhes discutissem direitos, tinham combinado ceder Titan o seu direito de primogenitura a favor de Saturno, com a combinação d'este mandar matar todos os seus filhos machos á proporção que fossem nascendo ; e com esta combinação esperava Titan resalvar os direitos dos seus proprios filhos, os gigantes Titans. Succedeu, porém, que Rhea, mulher de Saturno, pôde salvar da morte o seu filho Jupiter, substituindo-o por uma pedra, e dando-o a criar aos Curetes, o que, sendo sabido por Titan, immediatamente expulsou do céu a Saturno e fel-o seu prisioneiro. Informado Jupiter d'este caso, libertou seu pae e tornou a collocar-o no céu. Seguiu-se uma enorme guerra, pois que os gigantes Titans, filhos do irmão de Saturno, trataram de escalar o céu, collocando cerros sobre cerros. Ao tempo já Jupiter se senhoreava do raio com o qual soterrou sob os cerros os seus primos Titans. E' isto o que nos contam os poetas gregos e latinos ou romanos da mais classica antiguidade. Contam os mesmos poetas que esta luta se dera no ponto mais elevado dos bosques do Tartasso, pois fôra d'ali que os gigantes tinham planeado subir ao céu, para de lá escalar o tio Saturno.

E onde se achavam situados aqueles bosques ?

Responda Fr. Vicente Salgado nas suas *Memorias Ecclesiasticas do Reino do Algarve* : — «os bosques de Tartasso achavam-se situados nas costas maritimas do Algarve, entre Vila Real de Santo Antonio e Sagres».

E como no dizer dos poetas a luta dera-se no ponto mais elevado dos bosques de Tartasso, vejamos onde o mapa do Algarve coloca esse ponto. E' claro, coloca este ponto na freguezia de Porches, ao lado da Ermida de N. Senhora da Rocha. De onde de-

vemos concluir que ainda Lagôa nem ao menos era um centro povoado, mas apenas um depósito de água nociva, como todas as lagôas, inclusivamente a de Cerna, e já os habitantes de Porches assistiam impávidos e destimidos, no mais alto ponto dos bosques de Tartasso, a essa luta gigantesca, desenhada pelos poetas, entre o deus pagão e os gigantes Titãs.

Ora em harmonia com o que escreveram os poetas estão as chamadas tradições dos filhos da velha vila de Porches.

* * *

Diz a lenda que nos primitivos tempos a freguesia de Porches sómente produzia o pinhão, e por isso nos anos em que o pinhão abundava o habitante de Porches era altivo e insubmisso. Em um desses anos foi um filho de Porches até Lisboa, de onde voltou três dias depois. Chegado a Porches desconheceu a sua terra natal. Bateu a uma porta e exclamou:

— Olá, olá, aqui é que é Porches? Ha por aqui um bocado de mão de vaca ou de carne assada.

Foi logo aberta a porta e apareceu uma velhinha que exclamou:

— Pois não me conheces, nem a casa? não sabes que sou a tua mãe? e que d'aqui te ausentaste não ha oito dias?

Então o sujeito, julgando-se ofendido na sua prosápia, formalizou-se e respondeu: — Se quer alguma coisa de mim deite a casaca fora.

Sempre altivos os filhos de Porches não permitem que as freguesias vizinhas se julguem superiores. Nos proprios dias festivos e nas suas cantigas dos bailes campestres eles dizem com certa arrogancia:

«Já Pera não vale nada,
Alcantarilha um vintem,
Porches uns cem mil cruzados
P'las boas môças que tem.»

Até na beleza das môças se julgam muito superiores.

Diz ainda a tradição que Porches, na tranzição da pedra lascada para a polida tinha duas maneiras de responder aos que lhe perguntavam pela terra da sua naturalidade. Se era no inverno e o vento soprava agreste e de travessia, era sua resposta a seguinte: — Sou natural de Porches de Jesus Christo — e abatiam a sua frente. Se era de verão, os pinheiros floriam e a natureza aparentava força e vigor; então erguiam a frente e respondiam: — Sou de Porches, se quer de mim alguma coisa deite a casaca fóra. E punham-se a lutar contra o vento.

Desse tempo até hoje tem-se Porches erguido ou abatido consoante as circunstancias o teem permitido. Basta que se diga que Lagôa subiu na esfera social principalmente por ocasião do tremôr de terra de 1755. Diz a carta recebida da Torre do Tombo em relação áquele tremôr o seguinte:

«Tem Porches um castelo na rocha do mar em uma ponta metida no mar 160 passos, que pelo tremôr de 1755 padeceu grande ruina, em os muros, armazem, quartéis de soldados e na capela da Senhora da Rocha, mas hoje (1758) se acha esta já reparada, menos alguns pedaços dos muros e tambem tres casas dos soldados, que ainda se acham caidas.

«Grande ruina teve esta freguesia no dito terramoto, não só em casas, pois caíram 238, mas tambem na Igreja, que ficou destelhada, com aberturas, e caída por terra muita porta, e na Ermida de S. Sebastião que quasi sofre o mesmo estrago; ao presente porém só falta por reparar a dita Ermida e das casas só se acham sem reparar 42».

Se entendessemos necessario transcrever o foral de Porches, concedido por D. Diniz, teriamos ocasião de virificar que quasi toda a actual freguesia de Lagôa foi pertença de Porches, que para Lagôa passou por virtude do direito do mais forte.

ATAIDE OLIVEIRA.



PROVERBIOS

I

Palavras fóra da bôca,
São pedras fóra da mão...
Palavras leva-as o vento,
As pedras caem no chão!

II

Aventura aos que a procuram...
E ao procurar-te, creança,
Trouxe comigo a tristeza,
Deixei contigo a esperança!

V

Quem canta seu mal espanta,
E eu puz-me a cantar um dia...
Foram-se as minhas tristezas,
Mas não voltou a alegria!

III

Pela bôca morre o peixe...
Pense bem toda a pessoa:
— Muita vez não é o gesto,
Mas o falar que atraição!

IV

Grande nau, grande tormenta...
E é bem certo este rifão:
— Quanto mais belo é o sonho
Mais triste a desilusão!

: JOSÉ REBELO :



«MARGENS DO ARADE — SILVES»

: CARVÃO DE : Lyster Franco :
NA COLEÇÃO DA PROFESSORA D. GER-
TRUDES EMÍLIA VALE.



(Desenho de Saavedra Machado)

Cronica do mês

POR MATEUS MORENO

DENTRE a irregular paisagem de acontecimentos que a sequencia dos meses contemporâneos costuma constituir entre nós, talvez iluminado pelos brancos que a «censura preventiva» deixa diariamente nos jornais, este abril trouxe-nos, com o acordar dos seus rebentos, alguma coisa digna de uma referencia «particular». Pelo que vale e pelo muito de importante que nos veio dizer, merece as nossas primeiras palavras o illustre poeta brasileiro sr. Olavo Bilac.

O venerado cantor desse Outro-Portugal d'Além-Atlantico, vindo até cá, no transe mais efervescente da nossa atitude perante o pavoroso conflito que a todos exacerba, não veio só trazer-nos uma saudade amiga dessa pátria d'Além-Mar, que hade ser eternamente nossa pelos laços de coração, veio, sobretudo,

entornar em nossa alma todo um verdadeiro canticó de novas crenças e de novos heroismos. Na sua voz, na divagação entusiastica da sua alma, atravez da nossa historia, na sua maneira de dizer, fluente e cristalina, como um ribeiro a trasbordar da mais pura linfa, e onde o poeta e o conferente, o escritôr e o erudito se enalteceram ainda mais para formar o patriota, sentiu-se arder ainda, em todo um sonho de rubras labaredas, a co-



GUERRA JUNQUEIRO

ragem gloriosa daqueles peitos lusos que afrontando o mar tenebroso ousaram um dia trazer-nos flores de umas praias lá muito longe . .

E um lindo bouquet das mais preciosas flores, foi o que o Brazil nos mandou tambem agora, neste mês das flores, dentro da alma engrandecida do seu maior Poeta.

Guerra Junqueiro, águia do pensamento lusitano e sintese de toda uma patria que quer viver ainda e

que quer lutar tambem pelo direito das gentes, beijando-o na frente, entre os gritos aclamadores de todos os portugêses, nobremente simbolisou, por isso, beijar o Brazil no coração.

* * *

Acaba de sair do atelier de Costa Motta o busto do benemerito escritor algarvio, Dr. Ataíde Oliveira, que vae ser oferecido á Sociedade Amigos do Algarve e que é um dos mais brilhantes trabalhos do sr. Rual Xavier.



OLAVO BILAC

Esta homenagem da «Alma Nova», grande bastante para ser falada com entusiasmo entre todos os algarvios, não é apenas uma iniciativa sugerida de qualquer lembrança eventual, levada a efeito por alguns bons admiradores do saudoso *venido*, ela é, sobretudo, todo o acordar dos rasgados planos de elevação e progresso, de patriotismo e brios em que foi gisado o programa da Sociedade Amigos do Algarve.

Propagar todas as belezas dessa

região paradisíaca, defender os seus interesses, fomentar, enfim, todos os seus progressos materiais e intellectuais, — não podia ser, a missão unica da benemerita sociedade; representante duma pleiade de individualidades que se destacam pelas suas funções e pelo seu prestigio moral e intellectual, cumpre-lhe, sobretudo, saber admirar e fazer admiradas todas as figuras e obras algarvias cujo nome tenha em nossos peitos um altar a que possamos, cheios de fé e cheios de gloria, resar engrandecidamente.

É assim que a «Alma Nova» hoje se sente feliz por poder assinalar, numa homenagem singela mas entusiastica, todo o seu preito de verdadeira admiração pelo escritor benemerito, pelo patriota fervoroso e pelo cooperador incansavel de todos os nossos projectos.

No proximo n.º daremos a reproducção do busto.



RONALD DE CARVALHO

Um dos maiores Poetas Novos dessa patria-irmã d'Além-Atlantico, de que Olavo Bilac nos trouxe tão belos sonhos de estreitamento, veio tambem deliciar-nos neste mês com a sua colaboração. E' o sr. Ronald de Carvalho.

Autor de um livro precioso, onde cada uma das suas poesias é uma verdadeira grinalda de Sól a engalanar a Vida, se o maravilhoso soneto — *A Estrada sem fim* — que noutro lugar publicamos, primorosamente illustrado por Saavedra e na companhia amiga de um dos nossos mais apreciados líricos contemporâneos, o algarvio Bernardo de Passos, se esse soneto apenas não fôra acaso o bastante para justificar o nosso regosijo e a nossa admiração pelo poeta, *Luz Gloriosa* — com «Os Sonetos da Vida», «Os Sonetos Preciosos», «Os Sonetos do Sangue», e tantas inconfundíveis joias que o luxuosissimo volume aqui presente nos oferece, bastaria para legitimação do nosso mais vivo entusiasmo.

«Velha galéra... ao Mar... reteza teus cordames,
cada véla é uma estrofe onde o vento soluça...
Moíha a carena e zarpa... a indulgencia aos infames...
tua audacia hade ser uma gloria inco-cussa...»

Sonha minas de luz... evôca aureos enxames
de thesouros senfim... aceita a escaramuça
dos arceifes mãos... e entre as ondas aclames
o ouro flavo do Sól que, entre os longes, se imbuça...

Reguge o temporal no Silencio das agoas,
esmechando calháo... estilhaçando u'astros...
Corre sobre os parceis... afôga as tuas maguas...

Has de chegar ao termo... é breve a estrada... avança...
— E, embóra fôse longa... e subi-se entre os astros
tinhas, velha galéra, o infinito... a esperanza...

E' um desses gloriosos hossanas de que está esmaltado todo esse maravilhoso Poema, o presente soneto, a que o autor deu o impressivo titulo de «Soneto Verde».

Poeta forte, insaciavel, cheio da luz gloriosa do talento, Ronald de Carvalho, honrando as letras modernas do Brazil, é bem a expressão colorida e arrebatadora do Poeta dos nossos dias.

Encerramos, porém, este mês, com duas notas de tristeza: — a morte da querida avósinha do nosso companheiro A. Bustorff e o suicidio, em Paris, do malogrado moço poeta Mario de Sa-Carneiro.

MATEUS MORENO.



Balanço literario

POR A. BUSTORFF

ABRIL. Vem do latim: de um tal verbo *aperire* que significa *abrir*, — no dizer resumido e confuso de um velho lexicon pergaminhoso, que está tomando eruditamente espaço aqui sobre esta mesa de — descanso.

Em abril tudo se abre: abrem o peito, em gorgeados trilos, os verdilhões namoradores; espreitam, ao Sól, as sementes que no outôno homens ou vento pelo solo lançaram; escancára a Terra, — Mãe-Gen-

rosa, — seu ventre farto e fecundo para receber o encargo de novas creações em paga daquelas que neste mês terminam.

Abril é o mais digno mês do ano. E' aquele semeador membrudo e joven que espalha cantando as menses aloiradas; é aquele outro dançarino maculo, meio nú, formas de éfébo donairoso, tez coada de mirtos, que Ausóne nos representa dançando e pulando ao compasso das cítaras; é ainda o mês dos passeios ao campo, das jantaradas burguesas sôb os olivêdos, dos desgárres no regresso; do muito chôro nas igrejas, quando o prégado recorda e carrega os tormentos do Cristo, e da muita alegria em familia, nas bambochatas *haut ton*, quando o primeiro champagne escuma, homenageando a Alélua, e os ultimos dentes estalam na bôca de pandegos velhos, pelas traições desvergonhadas de empedernidas amendoas.

E' pois um mês completo, — este mês de abril. Mês de tristezas logo compensadas por maiores alegrias, — *en avril s'il tonne, c'est nouvelle bonne*. Ora como este mês trovejou, ou devia ter trovejado para melhor arrimo desta cronica, — passemos sem mais delongas a dar ao leitor as nóvas boas (e más) do nosso «balanço literario», sem lhes apensarmos, como é da práxe, um bilhete de «felizes festas», porque elas já são passadas e além de tudo o mais dispensamos sem grande custo a magra gorgêta a recebêr.

O Algarve é a terra dos poetas. Quer faça ou não faça versos, todo o algarvio tem dentro de si umas esquirolas de costela que pertenceu a João de Deus. Em todas as gerações apparece um poeta novo. Este mês vieram ao nosso encontro dois: um que me dizem ser novissimo; outro que, pelo retrato, eu reputo já maior e vacinado. Refiro-me aos senhores José Dias Sancho e Jeronimo Buisel.

Podemos considerar como uma estreia prometedora as *Canções d'amor* do primeiro d'estes senhores. Poemas dum espirito moço, mas que já maneja o verso com requintes de velho conhecedor, teem todos um caracterizado sentimentalismo, por vezes belo e comovente, que não fica mal na alma de um filho da moirisca Al-Garbh. Por vezes antagonicos, ora traduzindo uma energia de todo louvavel em quem ainda nem completou os 20 anos, ora eivados dum pessimismo que só cabe harmonicamente nas almas já provadas (Vide 2.^a quadra do soneto da pag. 24, e a pag. 10 todos os versos nela contidos), os versos de José Dias Sancho são, contudo, dignos de uma leitura minuciosa e interessada, e mais, dum registo com louvôr. Duas canções se destacam de todos os poemas das *Canções d'Amôr*, — as de pag. 14 e 70, que a par da sua beleza natural teem a qualidade de estarem mais conformes com os modernos moldes literarios. A carencia de um excessivo sabôr ás liricas do Gonzaga e de João de Deus, fazem com que as separemos de todo o restante livro para as relermos e gabarmos.

Enquanto prêso por motivos politicos, na cadeia do Limeiro, o senhor Jeronimo Negrão Buisel compôs o seu livro de poemas «*A Sombra*». Num medíocre prefacio, o dr. Coelho de Carvalho diz-nos que os poemas de *A Sombra* «são poesia de quem espera ir-se embora de algures». Como legitimação da obra basta-nos este asserto de quem a prefacia. Quanto ao seu auctor fica-nos a impressão de que é um espirito inteligente, com um certo poder de ritmar emoções, um tanto ou quanto simbolista, e elogiavel sem rebuço no seu pequeno poema «*O Perrexil*».

Na nossa ultima cronica prometêramos falar da tese da Ex.^{ma} Senhora D. Ana de Castro Osório, delegada da Camara Municipal de Cuba ao Congresso Municipalista de Evora, sobre a *Mulher na Agricultura, nas Industrias Regionaes e na Administração Municipal*. E' um pequeno folheto que rápida e interessadamente se lê e onde muito se aprende. Orientado por um consciencioso espirito de reivindicação, bem meditado e bem escrito o trabalho que acabamos de percorrêr radica-nos com maior fundamento a admiração que de ha muito votamos a esta culta senhora.

F. Palyart Pinto Ferreira, distincto educador e um dos mais conceituados professores da Casa Pia de Lisboa, estuda num pequeno trabalho, — que os desenhos de Saavedra Machado, Eduardo Romero e Raul Xavier iluminam, — as Industrias e Artes Infantis naquele instituto de caridade. E' uma completa obra de análise e observação, e um testemunho clarissimo do alto talento daquêle que a assina. Lêmo-l'a com um prazer crescente e não finalisamos a leitura sem que a nós mesmo prometêssemos repetir.

De Julião Quintinha, — um novo que entre os jornalistas do Algarve tem já um lugar marcado, recebemos: «*A Solução Monarquica*» do senhor Alfredo Pimenta e *Assistencia á Mendicidade*.

Escrito com um desassombro que sabe bem a quem o lê, no primeiro dos folhetos o senhor Julião Quintinha tenta destruir toda a argumentação estendalísada pelo jornalista Pimenta naquele seu conhecido trabalho. Delicadamente, Julião Quintinha diz o que pensa e porque assim pensa. Pela nossa parte folgaríamos de terçar armas com Julião Quintinha, — apesár de concórdes na orientação politica que defende, — aclarando com o concurso da nossa minguada bagagem de conhecimentos politicos aquele principio inglez que, politicamente encarado, é legitimo e é necessário nas monarquias constitucionaes, e se resume em dizer, com uma clareza de síntese que é só de inglezes: *the King can do no wrong*: O rei não pode errar, não pode fazer mal. E como, se o ministerio é dos parlamentos que saê, se nele reside o poder executivo, e, afinal, ao chefe do Estado não fica mais que um méro poder dirigente, de homem de leme, de simples orientador e nada mais? Ora onde não ha autoridade é impossivel a responsabilidade.

E já que falámos de inglezes citemos aqui o nome de W. A. Bentley, cuja «mascara» a *Alma Nova* hoje arquiva como testemunho de gratidão por quem defende Portugal, — alma delicada de poeta, amigo inconfundível do nosso país e director dessa revista que é única no género, nas intenções e na dedicação, — a revista ingleza *Portugal*, — irmã com cuja amizade nos honrâmos, porque é digna, é altruista e é grande.

A. BUSTORFF.

No próximo numero falaremos das *Notas de Estudo*, pelo senhor Moreira Telles, vol. de 200 pag., edição do A.; das *Grilhetas*, por Albino Forjaz de Sampaio, vol. de 300 pag. — Santos e Vieira, editora, e duma brilhante revista alentejana, — *Terra Nossa*, — a aparecer.

Em aditamento ao inteligente *balanço* do ilustre critico literário cá da casa, sr. A. Bustorff, queremos tambem referir-nos a um valioso trabalho ha meses

aqui recebido e que é o primeiro volume de uma importante obra em publicação, de que é auctor o sr. Francisco Luiz Pereira de Sousa. Intitula-se *O megasismo do 1.º de Dezembro de 1755 em Portugal. Distrito de Faro*.

A par do seu alto valor para o homem de sciencia ou simples estudiosos, o volume presente é digno do maior interesse, pela larga documentação historica que insere, colhida pelo auctôr em porfiadas e pacientes investigações nos arquivos da Torre do Tombo; nele se encontram as mais impressionantes e tragicas narrações dos efeitos que o horrivel fenomeno produziu no Algarve, — sendo para os algarvios, este volume, de particular interesse. A obra é acompanhada de varias cartas a côres, duas das quais antigas e existentes na Biblioteca Nacional. Muito interessante tambem um estudo demografico do Algarve (1758-1911), por onde se vê o desenvolvimento que tomou e onde mais se acumulou a onda humana. E', emfim, um trabalho de fôlego, um *livro de aprender*, firmado por um professor, homem de sciencia duma probidade invulgar, possuindo o *fôgo sagrado* das sciencias geologicas, ácerca das quais tem publicado muitos trabalhos, já em Portugal, já no estrangeiro.

Muitos agradecimentos, pois, ao sr. Pereira de Sousa, por tão agradável oferta.

A. M.



Os teatros

POR SACADURA CABRAL.

A chronica do mez que passou: *Um grande successo dramatico no Republica. — Uma representação que marca um triunfo na scena portuguesa. — «O Sr. Roubado» de Chagas Roquete. — Uma companhia que vai para o Brazil. — A zarzuela d'ontem e a zarzuela d'hoje.*

A nova peça de Eduardo Shwalback, representada com grande successo no Republica, foi mais uma brilhante e inequivoca demonstração do seu belo talento de comediografo, e a prova eloquente de que n'aquella casa d'espectaculos se cultiva com verdadeiro amôr a difícil e complicada arte de bem representar.

O novo trabalho do ilustre escritôr é uma deliciosa obra de teatro, a que não falta nenhum dos requisitos indispensaveis para um agrado certissimo como o que obteve.

A interpretação rigorosa e exáta do pensamento do autôr, nos varios aspéto e detalhes por que ele pode exteriorizar-se e viver sobre as taboas d'um palco, foi justamente compreendida e realizada, n'um admiravel reforço de equilibrio e de harmonia, partido de todas as vontades e de todas as inteligencias concorrentes.

Uma encarnação soberba e esmerada dos tipos, uma encenação conveniente e adequada, um scenario esplendido e curioso que sobresaí pela originalidade feliz, conjugado tudo isto n'uma fabulação cheia de interesse e de relêvo literario, fêz com que a prosa encantadora de Eduardo Shwalback vivêsse n'uma bela moldura d'arte que mais lhe fez realçar ainda o brilho e o colorido natural das imagens na tela formosissima do seu estilo.

A naturalidade e sequencia da ação, o seu fio de logica, conduzindo-a de scena para scena, n'um crescendo da interesse e de intensidade dramatica, o primôr da frase, a riqueza de conceitos, e a verdade d'aquello meio fielmente retratado com uma observação exata de sentimentos e caratêres, a par d'uma execução tecnica irrepreensivel, tudo no «Poema d'amôr» é primorosamente reunido e arquitetado.

A sua interpretação resultou por isso mesmo a melhor que temos visto no Republica: na protagonista, Luz Veloso, que alem doutros papeis de responsabilidade que lhe têm sido confiados soube representar este ainda melhor: sobre todos, porém, o trabalho d'Augusto Roza foi um assombro de meticulosidade e perfeição.

O pormenor dentro da frase, o detalhe nas atitudes, a minucia nos gestos, a compostura elegante e distinta, as modalidades varias da sua mascara plastica traduzindo em rictus dolorosos d'amargura estados d'alma especiais e diversos, mereceram do grande ator, na composição da figura, um aturado estudo e uma cuidadosa análise psicologica que fazem do seu papel uma autentica e vera criação artistica.

Não se pode ser nem mais verdadeiro nem mais perfeito: N'aquelle trabalho está posta uma alma e uma inteligencia, sentindo e pensando humanamente, com dores e pensamentos claros, viziveis, d'uma realidade pasmosa: dir-se-hia que o artista vivêra aquella tragedia, — tal a impressão funda e punjente que consegue transmitir-nos.

Ele foi por isso mais um colossal triunfo do seu grande talento de comediante que animou a bellissima peça de Eduardo Shwalback com a beleza e perfeição do seu creador, n'uma extraordinaria consumação d'arte, deslumbradora e viva!

Chagas Roquete, que já na presente epoca vira representada uma sua peça no nosso teatro Nacional, levou á scena, no Ginasio, um outro original que foi acolhido pelo publico com o mesmo agrado da sua anterior produção.

Entre uma e outra porém, o merecimento da ultima é incontestavelmente superior. Esta poderia até certo ponto constituir uma verdadeira comedia regular, como a vida moderna é suscetivel de a gerar. As suas personagens sam mais reais, mais verosimeis, mais sinceras, e até o fim da peça — a critica a uma boa parte dos nossos costumes, — é mais perfeitamente realizado.

Pelo menos conseguiu fazer caricatura no «Sr. Roubado», sem cair no desconchavo ou no borrão com que pretendeu na «D. Perpetua que Deus haja» ridicularizar os poetas futuristas n'uma «charge» infeliz e deslocada.

O seu espirito, se bem que engraçado, é contudo por vezes artificial e estudado: a historia do Moita Carrasco é um episodio que o demonstra claramente. Não pode porém negar-se que o «Sr. Roubado» deixe de realizar este duplo fim essencial: fazer passar o tempo distraidamente e rir sem custo. O seu desempenho foi magnifico: Maria Matos, Mendonça de Carvalho, José d'Almeida e Cardozo todos excellentemente. Dos novos salientando-se cada vez mais Celeste Leitão, graciosissima e gentil figurinha de Saxe, leve como um Wateau e delicada como um Boucher, d'uma graça ingenua e encantadora; Joaquim d'Almeida, bem n'um tipo que fez sem exageros ou inconveniencias, e Julio Candeira, que nos deu a impressão d'uma caricatura de Roque Gaimero na illustração d'uma obra conhecida de Gervasio Lobato.

Rimos e aplaudimos, e que saibamos outra coisa tambem não tem feito o publico, de ha sessenta e tantas noites a esta parte...

Adelina Abranches, — essa esquisita flôr de nervos e de requintada sensibilidade artistica que ha muito se habituou a um clima e um céu diferentes do nosso, embora irmãos, — Adelina Abranches e a sua companhia, onde ha uma familia pelos laços do sangue, e outra pelos laços da amizade que prende tão fortemente como os mais solidos laços de parentesco, tem dado entre nós uma série de recitas, no Avenida, para apresentação do seu elenco e do repertorio que leva ás terras de Vera Cruz.

Aura, a mais linda atriz de Portugal, e que ainda ha pouco alcançou entre nós um ruidoso successo com a sua irrequieta mocidade e estouvada alegria, n'uma «garota» mal escrita, mas deliciosamente representada, continua a afirmar-se um temperamento raro de artista, cada vez mais delicado, dizendo a primôr e enchendo a scena com a esbeltês ductil da sua figura talhada esculturalmente na beleza helênica da forma em que ha contudo a doçura e a suavidade verdadeiramente lusas de uma voz que canta harmonias no seu ritmo e de uns lindos olhos negros e macios como veludo.

Com seu irmão e sua mãe, esta trindade teatral constitui uma verdadeira embaixada artistica ás terras d'além-oceano; e é assim que, de futuro, na geografia economica do país, teremos de ensinar aos nossos filhos a inclui-la no numero dos nossos melhores produtos d'exportação para o Brazil...

A zarzuela é uma especie teatral de tão largo consumo na nação vizinha, como a revista entre nós. Ao nosso publico tambem não desagrada, quando a companhia tenha um bom comico, tiples graciosas e de boa voz, e sobretudo muitas caras lindas. Hei de lembrar-me sempre com saudade das companhias de zarzuela que quando eu era mais moço, vinham todos os anos ao D. Amelia.

Pilar Marti, foi a encantadora hespanhola que maior popularidade alcançou em Lisboa: recordo-me até de certa personagem coroada, que preferia aos serões da côrte passar ali as noites, do fundo do seu camarote espreitando aquella linda coléção de mulheres formosas, como mais nenhuma, assim, depois veio a Portugal. A zarzuela no Politeama tem contudo ainda os seus frequentadores: sam muitos que, como eu, admiram aquella gente que no seu ruido caracteristico traduz toda a alegria e desejo de viver, e gostam da sua graça revolta, dos seus bailados, das suas castanholas e do perfume a verbena dos seus labios preciosos como duas enfiadas de coral...

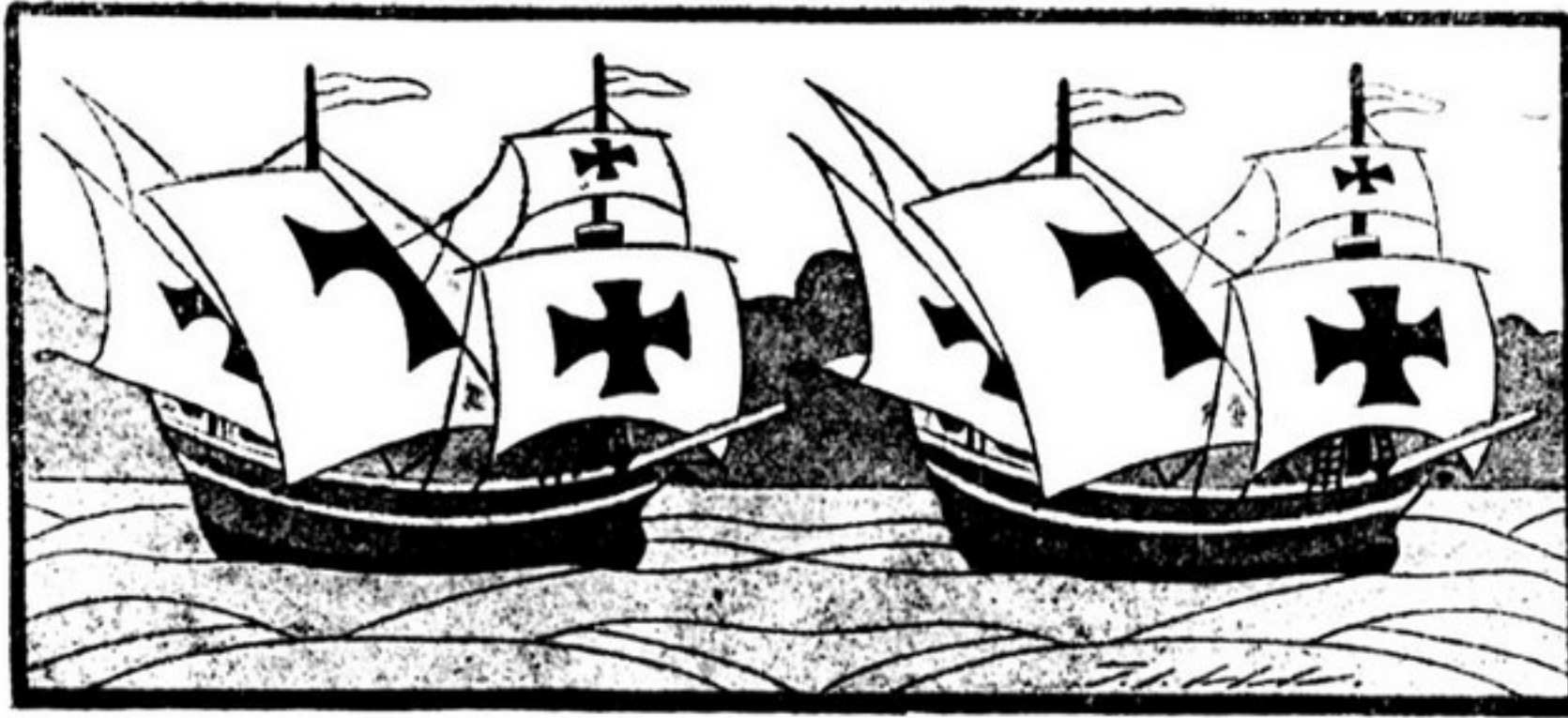
SACADURA CABRAL.



NOTAS

Justificando o nosso maior regosijo por tão valiosa companhia, noticiamos hoje a entrada de SACADURA CABRAL para Secretário da nossa Redacção.

Tambem nos regosijamos com a vinda de novos colaboradores, entre os quaes os ilustres e admirados pintores: Carlos de Bonvalot, Alves Cardoso, David de Mello e Navarro da Costa, (apreciadissimo artista brasileiro de que falaremos no próximo numero); os ilustres escultores: Costa Mota tio e sobrinho e o distinto poeta indiano Dr. Paulino Dias.



(Des. decorativo de Saavedra Maciel ado)

Cativos e Esmolas

(Subsidios para o estudo da vida portugêsa no seculo XVII)



SEMPRE o mesmo phantasma a bater á porta d'uma consciencia já meio adormecida. Continuava a invencivel tentação, ora a marulhar, com religiosidade e plangencia, psalmos e litanias, ora no arrobo subito d'êsto que vitalisa, fazendo vibrar ao tropel rythmico das ondas um po-

vo de aventureiros que fôra buscar para as suas tradições aos sonhos com que lhe povoara a alma, o mais farto quinhão de gloria e renome.

E perseguido por esta obsessão, sem poder altear a cabeça sobre as cumeadas das serranias, nem dilatar os olhos por cima das divisorias que o separavam do rival secular, alongara-os pelo mar fóra, attrahido pelas escamas auriluzentes d'esse monstro ululante e proteiforme a que o sól emprestava toda a magia da côr, ao roçar-lhe o dorso encrespado. A' quietação placida da terra firme preferia a fascinadora instabilidade das vagas; á serenidade reflexiva e concentrada, a vertigem conturbante d'esse revolver indomito, onde acalentaria a phantasia alvorçada.

Deante da natureza estoica e fria, instando por uma vontade temperada de energia, decisão e pertinacia, sentia-se apathico, perplexo e impotente, sem o facho da antevisão reveladora de um empreendimento nem o broquel d'aço da coragem. A propria terra parecia zombar d'elle mostrando-lhe a face immovel e enregelada de indiferença, a todos os seus gestos froixos e indecisos — ella que requer uma actividade serena, ordenada e logica, feita d'um todo unisono de orientação, constancia e previdencia.

As ondas, porem, quebrando contra os rochedos,

intercortavam-lhe o pensamento, fazendo-lhe perder a continuidade no gesto e na acção. E elle que amava os fogos fatuos e quanto tem a mesma luminiscencia ephemera como uma paixão fugaz, via-se impellido para o seio arquejante d'este colosso animado de visões tenebrosas, mas tambem de lendas encantadoras e de nayades esculpturaes, em cujos semblantes e formas esbeltas tremelusiam, em lampejos, sorrisos do paraíso.

As duas almas — a do Oceano e a do homem — irmanavam-se, commungando na mesma agitada harmonia de instabilidade. E d'esse commungar resultava uma transfiguração. O abatido e versatil resurgia agora, sobre o solo glauco e movediço, ao sulcar a alvacenta esteira das vagas, forte, audaz e emprehendedor. Um objectivo renascia a avassallar-lhe a mente inquieta. Um foco de luz projectava-se fulgurando no horisonte a orientar-lhe a pupila errante e anciada: era o sol nascente da descoberta.

A' hypnose exercida pela voz do mar, por entre o manto irisado e vaporoso, sob os extasis mysticos da cupula celeste, a esses encantamentos formados de idealidades esparsas, succedia-se a surpresa extranha d'uma realidade. Arrastado nas azas da monção da aventura, mais outra terra, um novo mundo surgia ante os olhos conturbados. Mas . ahi chegado, havia de continuar a ser o que lá fôra. Só era propicio á sua organização o seio do phantasma que, embalando-o desde a nascença, lhe imprimira as suas paixões e tendencias.

No mar, aventureiro destemido e bravo; na terra conquistada, arrogancia e desvario; na que lhe fôra o berço: vangloria, estulta vaidade, fraqueza e miseria.

No seculo XVII aquella mesma voz polyphona e mudavel, ora no arreganho imponente de propheta ou Adamastor, ora no sortilegio de murmurações sybillinas, movendo o encantamento com artes de bruxa ou sereia, insinuava aos ouvidos da lusitana gente . sedução e terror.

Caraveilas chegavam carregadas de sêda, oiro e especiarias ; partiam outras para não mais voltar.

Nobres acudiam da India ou do Brasil com o renome de seus feitos valorosos ou proesas infamantes, a recolher na ociosidade apparatus da metropole, beneficios e dignidades especiaes, e, raras vezes, espiar as culpas d'um passado denegrido. Alguns, alem de accessos de posto na sua cathogoria de militares, vinham para ser inscriptos como cavalleiros fidalgos da real casa ou moços da camara, o que lhes concedia preferencia, por disposição legal, á promoção de certos cargos publicos, pois haviam partido sob garantia ou promessa regia, exarada em alvarás de lembrança, de lhe serem conferidas taes distincções.

Uns escapando milagrosamente ao naufragio das armadas do reino, outros tendo perdido ao longo das rôtas todos os seus haveres ou melhor de sua fazenda — vinham engrossar a turba dos concorrentes aos officios rendosos, historiando em memoriaes prolixos os perigos que correram e os infortunios soffridos.

Por isso, uns olhavam o mar com acoroçoado entusiasmo, outros com respeito e temor, e, não poucos d'elle desviavam os olhos rasos de lagrimas enternecidas. Mulheres virtuosas deviam-lhe a viuvez ; mães, a perda dos filhos estremecidos ; e havia quem nelle remirasse a lembrança triste da sua orfandade.

O mar era tablado movediço onde decorria a grande parte do drama e tambem da comedia da vida portugêsa nesse seculo.

A's tempestades e naufragios, havia porem a juntar mais um perigo : o da pilhagem realisada no mar alto pelos homens loiros do norte, em especial pelo terrivel pirata inglês, e ainda levado a cabo pelo antigo e obstinado inimigo que morava ao pé e nos infestava a costa : o mouro.

A historia d'estes casos apavorava as imaginações, e os que haviam sido heroes d'essas infaustas aventuras, se conseguiam pôr-se a salvo, attribuiam o successo á intervenção virtuosa de oraculo favorito, chegando, por vezes, a perpetuarem com devota ternura em tellas ou taboas piedosas, que algures ficaram como documentação curiosa d'esse seculo e ainda do seculo XVIII, numa maneira toda ingenua, tocante de candura e simplicidade, a evocação do milagre.

Da libertação do captiveiro que o mouro impunha ás suas victimas trata esta narrativa.

Por volta do anno de mil seis centos e tal, Luís Fernandes Rodrigues, que pela primeira vez em Villa Nova de Portimão recebera a graça da luz solar de involta com halitos de maresia, fizera-se ao largo num navio, todo entregue ás seduções e labutas do mar. Malfadada hora foi essa que, de subito, a certa altura o assalta a temivel praga dos turcos.

Nem o persignar, nem esconjuras, nem responsos, nem orações de grande virtude — já lhe poderiam valer. Os obreiros do demo e discipulos de Mafoma, afeitos a taes arengas e cabalisticos signaes, tinhamos em pouca monta, se é que não respondiam, conforme algures o achei descripto, fazendo momices e proferindo chasques na sua lingua mofenta. Restava pois ao algarvio, esmoe-las na contensão d'um silencio de revolta inutil.

Affiguravam-se-lhe peores que as masmorras da Inquisição os trabalhos em que se via ? Temêra endemoinhar a alma ao simples contacto d'essa raça amaldiçoada do Senhor ? No fundo da sua consciencia simples, luzira ateando-se ao folego do alento a ideia de possivel libertação ? Que promessa tecêra aos Santos ? Que milagres pedira ao seu Deus ?

O certo é que o nosso pouco illustre protogonista, sem fogachos de nobreza, nem thesoiros reaes de talentos nem riquezas, lá foi arrastado pelos algozes, para Tetuão, onde, consta, padeceu cruel captiveiro em providencial desconto de seus peccados, que, provavelmente, não seriam ainda muitos a aquilatar pelas facilidades que deparou no libertamento.

Das congeminações, alvoroços, transportes mysticos, entre almas negregadamente hereticas, tormentos infligidos ou violencias tanto espirituas como corporaes, e em especial destas ultimas em que mouros e turcos mantinham o mau sestro de perpetrar, consoante o attestam relatos depositados nos archivios da Inquisição sobre peccaminosas culpas que interessam sobre tudo, presentemente, aos dominios de Medicina Legal, — não deixou o nosso apagado heroe algarvio memoria escripta em que gastasse, dando largas ao sentimento e phantasia, tropos ou gongorismos. O que passou, recolheu-o talvez a tradiçção oral do tempo que no decorrer dos annos se perdeu.

Pelo que chegou até nós, atravez do manuscripto antigo, sabe-se apenas que era um filho da plebe, não tendo eira nem beira e afoitando á bravura das ondas a sua pobreza de Job. E sendo assim, na privação de coisa alguma com que pudesse remir o captiveiro, como se obstinava a gente da moirisma a manter em custodia prêsã de tão fraca valia ? Se por momentos o descorçoamento o assaltava, noutros se reacendia a esperanza, afagada pela ideia

impregnada de suavidade de que piedosas creaturas se dedicavam a salvar almas christãs das mãos satanicas de hereges. Acudiam-lhe, talvez, narrativas curiosas de casos semelhantes, com que ia alliviando os dias longos e tristes do captiveiro. Por ventura, notaria quando o remiravam os renegados algozes, fuzilarem-lhes nos olhos a faisca do interesse, cogitando mais no ganho a realizar do que nelle proprio, pois a espiritos avezados a rapina e a mofatras, mais preocupava, decerto, isso que o ver para ali gemer e rosar preces ou ladainhas um filho da lusa gente, cujos mysterios da alma tão pouco cuidavam sondar.

A estes devia ter chegado aos ouvidos o nome dum tal frade que em Ceuta se entregava á azafama de redimir captivos. Um Judeu desempenharia o papel de intermediario no commercio do christão. Que compensações colheria não consta, mas não deviam, talvez, ser de todo pequenas para o guiar a desempenho de papel tão humanitario . . .

Frei Antonio da Assumpção, religioso da Ordem da Santissima Trindade da Redempção dos Captivos, que contava no seu activo de professo larga somma de boas acções de tal natureza, procurado, sentiu-se condoído — elle proprio assim o disse — e tomou a peito o resgate. O israelita havia ter forcejado convencê-lo com ponderosas rasões, insinuando-lhe no espirito a ideia dos perigos que a victima correria, se lhe não acudisse depressa. Mais tarde confessou o frade que receiava o levassem para Alger, onde mais difficultosa se antolhava a tarefa salvadora. Havia, no entanto, obices a vencer. O religioso não tinha dinheiro ou, de momento, o não podia arriscar para immediato resgate.

Em Ceuta disseram-lhe que conseguiriam esmolas para custear taes despesas. Promessas que em promessas ficaram. Como tinha que partir para o reino,urgia tomar deliberação. A essa altura o judeu facultava tudo: chegava mesmo ao extremo de adiantar dinheiro da sua bolsa — exemplo frisante para gentes christãs da generosidade judaica!

Não tinha grandes exigencias; contentava-se até com bem pouco: bastava-lhe que frei Antonio d'Assumpção tomasse o resgate sob palavra. Em face do que não sei qual mais seja para admirar, se os creditos do frade ou a largueza do filho de Israel. O que, porem, d'ahi resultou é que, por taes artes, o algarvio Luiz Fernandes Rodrigues viu-se livre de Tetuão e da Moirama, achando-se em Ceuta, sob a guarda vigilante do liberal hebreu antes da sahida do religioso trino para o reino.

Um bello dia, este partira com destino á Metropole, levando na consciencia o pezo do encargo tomado. Talvez a meio do caminho, entre o breviario e as camandulas, acudisse a frei Antonio o pobre marinheiro e a via sacra laboriosa que teria a percorrer ao chegar á capital. Confiava, por ventura, na sua influencia juncto da Mesa da Consciencia,

onde possivelmente teria relações que lhe permitiam vir ali a encontrar zelosos advogados da sua causa . . .

Um artigo do regimento sobre Rendição de Captivos garantia noventa patacas para o resgate de marinheiro. O resto, obte-lo-hia por esmolas grangeadas na Misericordia e recolhidas a particulares. A nevoa tenue duma ligeira duvida ou contradita, elevava-se sobre o socêgo do seu espirito religioso? Mas, acaso, não tinha elle um passado nobillissimo, feito de dedicações, que ajudasse a transpor qualquer fortuito obstaculo? Não conseguira a libertação de seis meninos que foram captivados pelos mouros e, nesse mesmo anno, comsigo os trazia até Lisboa, sem dispendêr um cruzado, deixando apenas entre infieis, como penhor, o solemne compromisso da sua palavra honrosa? A empreza devia figurar-se-lhe de simples execução, mal presumindo dos passos que tinha a dar, das objecções a expôr e impedimentos a derimir.

Em 22 de Novembro de mil seis centos . . . foi remettida á Mesa da Consciencia, com ordem do governador, uma longa petição do frade, em que historiava os compromissos tomados com o judeu e o descredito que resultaria da sua quebra de palavra, instando pela esmola do regimento. ao passo que defendia a legalidade e justeza de seu tão santo proposito. A 1 de Dezembro do mesmo anno, o arcebispo governador não satisfeito de todo com a exposição, apesar de a receber validada com o depoimento abonatorio de duas testemunhas, convida a Meza da Consciencia e Ordens a informar das condições em que foi lavrado o contracto com o judeu, e a inquirir se porventura este obrigava, no caso de não ser paga a quantia arbitrada, de «*voltar o captivo a seu patrão*». A Meza respondeu, patrocinando a causa do frade, que assim era de facto, e se não pagasse «ao judeu que com seu dinheiro tirou da Berberia» o captivo, ficaria frei Antonio «perdendo o credito que tem com os mouros e judeus o que será em grande damno dos resgates que por meio d'elle (quando não haja cabedal) se podem fazer». Aproveitava-se allusão ao caso dos 6 meninos captivos que trouxera para Lisboa, sendo a resposta dada a 10 do citado mês, com manifesta sollicitude, bem pouco costumada ao lerdo funcionalismo lusitano.

Mas iam os mezes decorrendo e frei Antonio começava já a inquietar-se com os demasidos escrupulos do governador, que parecia pouco disposto a deferir com brevidade e satisfatoriamente. Calculava talvez a impaciencia do judeu, ancioso por arrecadar a quantia dispendida com o christão, cuja alma a seus olhos não devia valer, nem sequer tanto como a sua. Se não vinham as patacas do regimento a juntar ás esmolas da Misericordia e de pessoas particulares, via periclitante — o bom religioso — a sua reputação entre infieis, e só lhe restava, para a não

tolher de vez, entregar-lhe de novo o marinheiro algarvio.

Tal ideia decerto era pouco consoladora para a sua alma christianica, e, alem disso, envolvia manifesto desdouro para seus tão apregoados prestigio e valimento, no seio de traficantes da Berberia que mal contentes ficariam com a perda de tempo e a decepção soffridas sobre um lucro vantajoso.

Mas que mysteriosas e abstrusas razões poderiam justificar a caturrice do arcebispo governador? Pois haveria alguma coisa a oppôr nesses tempos de religião severa á salvação duma alma catholica romana? Seria plausivel admittir, sequer, a hypothese de que qualquer christão pudesse voltar para o seio de gente amaldicoada, «um captivo voltar a seu patrão» ainda que fosse para esclarecer tão somente a clausula dum contracto? Poderiam almas fanatisadas conceber tal heresia?

Afinal, a 4 de Maio do anno seguinte era lavrada carta regia, respondendo á petição do antigo ministro do convento de Ceuta.

A caturrice quasi heretica do governador fundamenteava-se numa disposição de direito. Expressa clausula do Regimento na materia do resgate dos captivos prohibia terminantemente: *Darem-se esmolas a quem está em terra de christãos*.

O captivo estava em Ceuta, e, portanto, fóra da alçada do Regimento, para a concessão da esmola, muito embora frei Antonio sofisticamente advogasse «está quasi no mesmo captiveiro que tinha em Tetuão» acrescentando como allegação mais plausivel que houvera começado seu requerimento em Tetuão, não proseguindo os tramites devidos por falta de pessoa que l'ho solicitasse.

Implicava o caso, em summa, dispensa particular promanando da real graça. Mas, para que tão peregrina clausula do Regimento fosse com os maior escrupulos observada, era na carta regia assignalado o parecer do arcebispo governador que *«será advertido este religioso que a não aconteça quebrar outra vez»*. E foi dispensado neste caso com a frisante advertencia: *«por esta vez somente, não ficando em exemplo para outro nenhum, sobre que fareis a lembrança necessaria á Meza da Consciencia»*.

E' prohibido darem-se esmolas em terra de christãos... — disposição curiosa que a ser erigida como principio, em toda a sua latitude, daria ideia da

elevação moral dum povo. Scintillante preciosidade perdida nos escrinios da historia.

Em contraste, porem, com a altiva moral christã, que condemnaria a esmola, uma outro dissolvente — prégada e levada a cabo pelas ordens mendicantes — a patrocinaria, favorecendo a frandulagem de pedintes de profissão que se apinhavam á portaria dos conventos e enchameavam as ruas mais populosas, escolhidas para exhibição interesseira de crapulagem e miseria, como quadro elucidativo a atrahir a curiosidade observadora e perspicaz do estrangeiro, focando em flagrante evidencia a falta de aceio e conforto, a absoluta carencia de hygiene phisica e moral d'um povo.

Alastrava a mancha negra da indigencia, ociosidade e degradação, ferindo de modo impressivo a retina dos visitantes a uma terra de falso luxo e civilização, mas de real immundice sobre que se acoravam pedintes estrumosos e sordidos, de olhos remelgados, mordidos de sarna, encrostados de tinha, carcomidos e mutilados pela lepra, a interter os ocios catando pulgas e piolhos ao sól.

Essa moral dissolvente, não de reacção util e reformadora, mas sim feita de complacencia e abandono a esse cortejo nauseabundo de monstruosidades e de mazelas — essa moral aviltante e rastejadora — infiltrou-se ao resto do organismo vivo, perpetuando-se na feição moral d'um povo.....

..... Terra de pobretões esqualidos e pedintes sem vergonha... Tudo mendiga. E até o proprio estado estabelece o regimen da esmola .. subscrições e loterias, obolos com fim piedoso! Identificado inteiramente com o espirito mendicante da nação, não dispõe por motu-proprio dos seus recursos para emprender qualquer obra de character humanitario, mas tambem util, com que beneficiasse a collectividade inteira. Mendiga ao particular.

A esmola legalisada em terra de christãos pelos homens do estado... Quem por ahi se lembrará da disposição antiga do evocado Regimento? Não lhe escasseava a razão: era bem edificativa e justa.

Esmolas, para gente limpa, só se devem pedir em terras de cafres, mouros ou turcos... mas turcos, esses mesmo, só do seculo XVII.

Lisboa, Maio de 1916.

ARLINDO CAMILLO MONTEIRO.



ONTEM E HOJE

O MAIOR DE TODOS

Em volta da personalidade inegalável de Camilo, ainda hoje, tantos annos volvidos sobre a sua morte, pairam sinistras aves de rapina e crucitam os corvos da inveja — aves de rapina que são os editores que elle enriqueceu com as suas paginas immortaes, e empresarios de teatros que lhe representam uma ou outra obra dramatica sem curarem inquirir a quem de justiça cabem seus direitos de propriedade; crucita invejoso o negro bando dos officiaes do mesmo officio, mais homens de tretas que de letras, impantes da vaidade propria e ciosos das asneiras que em mau portuguez escrevem.

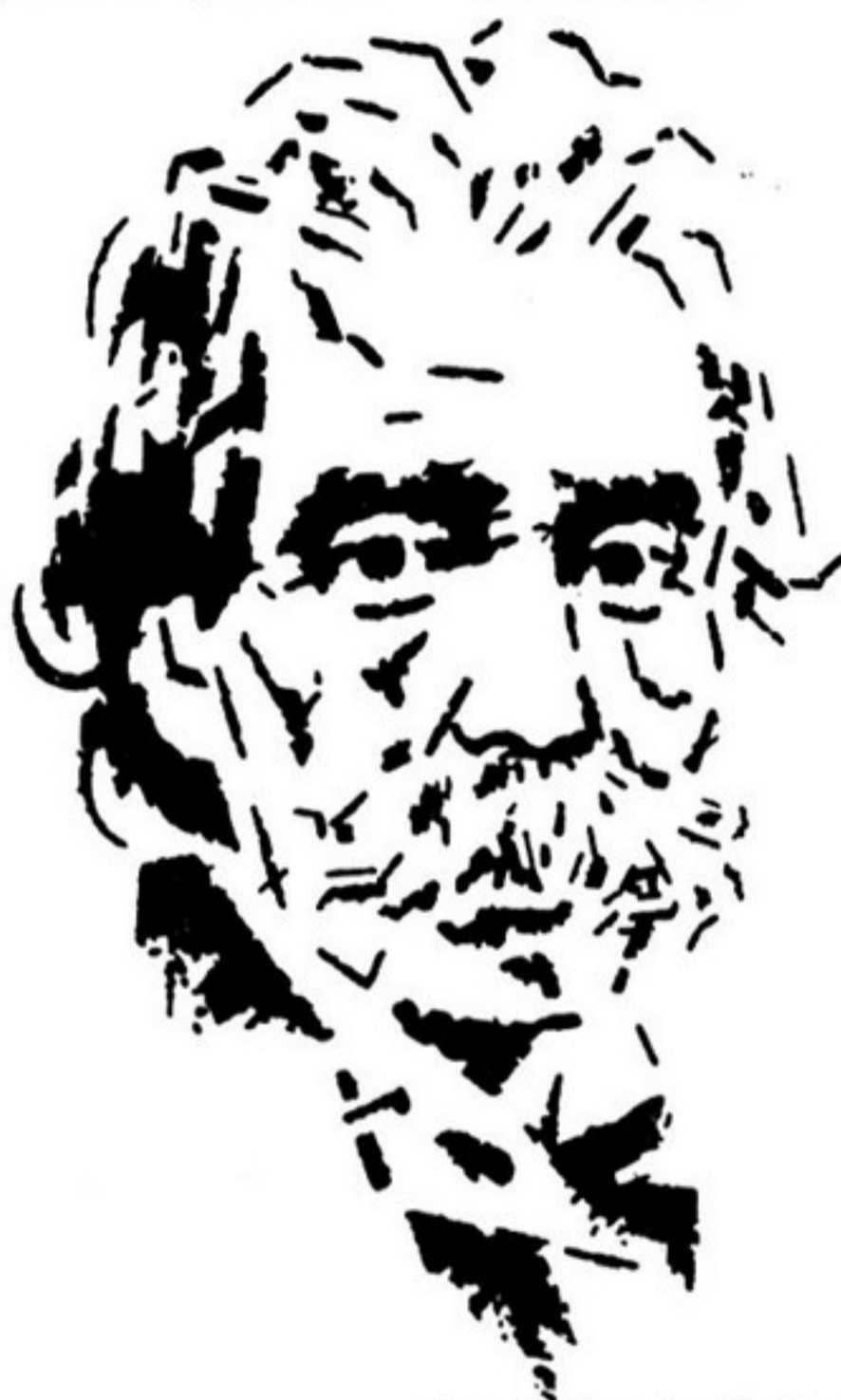
Tantos annos volvidos sobre a morte d'Elle, do Maior de Todos, e a divida da Patria em aberto para com a sua memoria cada dia a avolumar-se mais, a crescer, a acumular capital e juros, — bola de neve formidavel que, amanhã, quiçá, se transformará em avalanche, para rolar pelo abismo da ignominia nacional e nos esmagar a todos...

Porque, convençam-se vocês, paiz que deixa morrer de fome os seus vivos illustres e não glorifica os seus mortos de valôr é pedaço da terra esboroando-se na ruina, miseravel e improduttiva, que a pata pezada do estrangeiro pôde um dia calcar com desprezo.

Sim! — gritem embora o contrario os charlatães de praça da literatura de hoje, os dentistas de feira da politica e das malas-artes d'este paiz singular, terra de bachareis e cabotinos — a Republica annunciada aos quatros cantos do Universo pelas trombetas do reclamo partidario como um advento de justiça e liberdade, uma aurora de confraternisação social, outra coisa não têm sido senão o descalabro réles de uma sociedade de pandilhas, em que só o malandrim triunfa e a canalha impõe direitos, um e outra totalmente esquecidos dos deveres.

As trombetas iludidas annunciaram apenas o Juizo Final, este ajuste de contas da Historia em que n'um dos pratos da balança pezará menos certamente a luva branca com que a Monarquia furtava a investi-

gação das suas façanhas quadrilheiras ás indagações do sistema Bertillon do que a mão suja e callosa da ralé republicueira surgida das esquinas lóbregas das vielas, de navalha de ponta e móla estralejante, para a pratica das mesmas torpezas, sob a mascara hipocrita de uma pseudo-egualdade, de uma mentirosa liberdade, de uma mais que ignobil fraternidade.



Des. de Saavedra Machado

CAMILO CASTELO BRANCO

A Monarquia a Camilo fez tudo o que podia fazer. Deu-lhe um titulo de nobreza (quem dá o que tem ...) e uma pensão vitalicia. Lisonjeou-lhe uma vaidade doentia das ultimas horas e acudiu-lhe á precaria situação desses mesmos momentos crueis.

Mais tarde, morto o Colosso, o Ironista profundo que sempre se afastara da politica e dos politicos com o asco enorme dos artistas por essa coisa mesquinha que muitos teimam em incluir no ról das sciencias, acudiu á fome dos seus netos, de sóbra conhecendo que nunca em Portugal ninguem enriquecera pelo esforço único da sua pênna. — Garrett, se não quiz empenhar o chinó, para não morrer de fome, fez-se politico e politico morreu.

A Republica...

Ah! o que eu poderia dizer-vos d'ela, eu que ha quatro annos

convivo de perto, nos trabalhos forçados do jornalismo, com todos os seus luminares e as suas estrelas rabudas...

Jaz sepultado no limbo dos papeis inuteis da Camara dos Snrs. Deputados um projeto de lei por mim elaborado e apresentado com assinatura e tudo á aprovação das gentes que em S. Bento se amesendam.

Esse projecto visava a pagar esta eterna divida de gratidão da Patria, correndo em auxilio dos netos de Camilo agonisantes de fome e de miseria na solidão de S. Miguel de Seide.

Quereis mais significativo exemplo da estupidez nacional?

Pois houve quem, maneando uma pênna na imprensa diaria, afirmasse em letra impressa:

— Ora, adeus ! os netos de Camilo que trabalhem que têm bom corpo !

Oh ! os canalhas ! Que soberbos prototipos de inconsciencia e sabujismo, os bandidos !

Trabalhar ?...

Mas dêem-lhes que fazer, senhores ! que não pedem elles outra coisa, eternamente preteridos, Nuno e Camilo, nos concursos para empregos publicos a que se apresentam com outras habilitações que não são apenas coçar os fundilhos pela Brazileira, ostentando uma inutil carta de bacharelato, e outro activo de honestidade que não é o de ser revolucionario civil legalmente reconhecido pelo Parlamento por ter assassinado a bomba de dinamite ou tiro de pistola meia duzia de estupidos policias ou de boçaes monarchistas.

Elle bem o disséra, e não me cançarei eu de o repetir : « *Tenho maior pejo da posteridade que dos meus contemporaneos.* »

Previu tudo, o Artista Maximo :

A palhaçada ignobil da trasladação para os Jeronimos, onde jazem ossadas que não se sabe bem se a Vasco da Gama ou a um sapateiro pertencem, os coices do jornalismo, a *maquette* idiota e mercantil do escultor Teixeira Lopes, a pulhostre estupidez d'aqueles parlamentares que tiraram uma pensão á viuva do Eça, por os filhos serem realistas, a estatua de prata do snr. dr. Afonso Costa *imperator Portugaliæ* e a exploração dos Lelos editores e dos Barnurs do teatro, que ainda hoje não sabem a quem hão de pagar direitos das suas peças.

Previu tudo, e meteu uma bala na cabeça quando a cegueira lhe fez cahir o panno sobre a desopilante

farça deste mundo.

O gesto explica o Homem ..

OLDEMIRO CEZAR.



CAMILO CASTELO BRANCO

† † †

Espiritual

A MISS ANNA

Figura de encanto e de ternura

Hei-de beijar-te os olhos, docemente,
Hei-de oscular-te a bocca, insaciado ;
E, n'um beijo veemente e demorado,
Correr todo o teu corpo alvinhente.

Beijar-te ancioso, indomito, fremente,
Sentir pulsar-te o coração amado,
E tornar a beijar o já beijado,
Apaixonada, extremecidamente.

E se me fosse dado a punição
Escolher, em castigo da paixão
Que me desvaira e faz enlouquecer,

Com que prazer levaria a vida inteira,
Novo Asheverus, sem tédio e sem canceira
O mundo do teu corpo a percorrer !

ALBINO FORJAZ DE SAMPAYO.

Deante do Astarteion

Atarde é d'ouro e ambar, em poalhas,
E cae, desfeita em rosas, na bahia,
Arde em linguas de incendios e radia
Em lanças e broqueis, sobre as muralhas...

— Pelo Mediterraneo, em calmaria,
Aphrodite-Astartéa! és tu que espalhas
A purpura sangrenta das batalhas,
Teu proprio sangue sobre Alexandria! —

E ha brancuras esparsas : vêm do Nilo
Vôos de ibis, florindo o ar tranquilo;
E nos jardins da Deusa, como luas,

Marmores fulgem, e palpitam, brancos,
Na sombra dos sycómoros os flancos,
Seios e braços de mulheres nuas...

CANDIDO GUERREIRO.

† † †

Ela no meu olhar

Os seus olhos são Indias de segredos.
E' Portugal seu corpo esguio e brando.
E as cinco quinas, seus compridos dedos
Em suas mãos, bandeiras tremulando.

Seus gestos lembram lanças. E Ela passa...
Seu perfil de princesa, faz lembrar
Batalhas que travaram ao luar,
Epopéia-marfim da minha Raça.

O seu olhar é tão doente e triste
Que me parece bem que não existe
Maior mistério do que o de prendê-lo.

Nos meus sentidos vive o seu sentir.
E, às vezes, quando chora, põe-se a ouvir
Seu coração, velhinho do Restelo.

PEDRO DE MENEZES.

DEUS SEJA LOUVADO!

(Um pouco de antroponímia)

I

COM estas palavras ou outras de sentido equivalente, não raro tem sido acolhido em todos os lugares e tempos, — todavia mais no passado em que por um lado a crença era maior e por outro menor do que hoje a luta pela vida — o aparecimento de um novo ser no seio da família. E' que este, ao mesmo tempo que vem estreitar ainda mais os laços já existentes entre os seus progenitores e satisfazer uma das mais imperiosas aspirações do coração humano, qual é a continuação da existencia, uma quasi immortalidade, traz tambem para a maioria das casas um elemento mais de riqueza e prosperidade.

Bastante justificativo do regozijo e contentamento dos pais, tempo houve em que tal facto era por todos eles olhado como prova bem visível e patente da protecção divina, e de aí a manifestação do seu reconhecimento para com Aquele que assim satisfazia o desejo mais vivo e intenso dos seus corações.

Recebidos sempre com alegria os sorrisos e vaidos infantís, muito maior devia ser essa alegria a vez primeira que eles surgiam, como sinaes precursoras de um astro que vinha inundar de luz nova e de calor mais intenso o lar, até aí iluminado e aquecido por uma luz e por um calor a que faltava alguma cousa para serem completos.

Tranquilos e socegados viviam dois esposos — Zacarias e Isabel — amando-se ternamente um ao outro, mas, isso não obstante, sobre os seus semblantes pairava como que uma continua nuvem de tristeza; raro o sorriso aflorava aos seus labios; sempre tristonhos e cabisbaixos pareciam trazer sobre si o peso d'algum crime inexpiado; a multidão coineçava já a olhar para eles com certo terror, quasi convencida de que haviam atraído sobre si a maldição do ceo, porque, não obstante a sua união datar já de anos, não tinham filhos.

Zacarias não cessava de implorar do Senhor o tão desejado fruto dos seus amores; dia e noite as suas orações e preces, acompanhadas do incenso que, na qualidade de ministro da religião, queimava sobre o altar, elevavam-se ao Ceo, a rogarem com fervor cada vez maior pelo almejado deferimento.

Os seus votos foram finalmente satisfeitos; um filho appareceu a iluminar o seu lar, donde logo como por encanto saiu a tristeza. Perguntado pelo nome que devia ser posto ao novo infante, Zacarias, que havia perdido o uso da fala, por não ter acreditado na boa nova que um anjo lhe tinha dado de que sua mulher estava prestes a ser mãe — tal o desespero que se apoderara da sua alma — tomando o estilete, escreveu *Jehohhanan*, isto é, *Deus seja louvado* ou à letra *Jehovch é muito misericordioso*, que é o que aquele nome significa, visto ser composto de *Jehovah* e do verbo *chanan*, que quer dizer *ser misericordioso*.

A satisfação que o nascimento de um filho causava aos pais e o favor que da parte de Deus ele representava não dependiam naturalmente do modo de ser da sua crença; monoteistas e politeistas sentiam-no por forma idéntica; fosse qual fosse o nome do ser sobrenatural ao qual se dirigiam as suas homenagens ou que distinguiam com especial de-

voção, a esse se consideravam devedores do novo filho, a ele portanto endereçavam os seus agradecimentos, como autor do agradável mimo que acabavam de receber.

Enquanto os Hebreus manifestavam os seus agradecimentos a Jehovah, como nos testificam o nome citado e ainda *Hannah* ou, sem a aspiração inicial, *Anna*, que talvez por encurtamento perdeu o primeiro elemento e foi usado por varios personagens femininos da antiguidade, entre os quais sobresaem, como sendo mais conhecidos, a mãe da Virgem Santissima e a irmã de Dido, os Fenícios, que falavam lingua aparentada com a d'aqueles, expressavam por *Hannibal* ou *Annibal* a sua gratidão a *Baal*, e os gregos atribuiam tal *dom*, fosse qual fosse o seu sexo, ora ao Ente Supremo em geral, isto é, ao *Theos*, com os nomes *Theodoro*, *Theodosio*, *Dorotheu* e *Dositheu*, ora a deuses e deusas da sua especial devoção: uns ao *Zeus*, o Jupiter dos latinos, outros a *Helios*, o sol deificado, outros ainda a *Artemis*, *Hera* ou *Isis*, donde *Zenas* e *Diodoro*, *Heliodoro*, *Artemidoro*, *Heródoto*, *Isidoro*, etc.

Ao mesmo Ente Supremo sem designação especial se declaravam reconhecidos, por lhes haver dado o filho desejado, assim os latinos com o seu *Deusdedit*, como os hindús com o seu *Devadatta*, e ainda os hebreus com *Jónathas*, *Nathanael*, *Nathan Matheus*, ou *Mathias* em transcrição grega, *Zabdiel* e *Zebedeu*.

Com excepção de *Deusdedit*, que foi substituído por *Deodato*, de igual significação, quasi todos estes nomes persistem ainda, tendo os de origem hebraica ou grega sido transmitidos pelo latim, mas de todos o que maior predilecção alcançou entre o povo foi o de *Johannes* ou antes *Johanne*, que deu *Joane*, donde por proclise *Joam* ou *João*.¹ formas estas que nos clássicos ocorrem ao lado uma da outra, tendo a primitiva *Johannes* sido considerada genitivo e como tal dado estas: *Eanes*, *Anes* ou *Enes*, as quais, sendo a principio patronímicas, tornaram-se depois apelidos, como succedeu a tantos outros em circunstancias idénticas.

E' muito provavel que para essa predilecção, que se manifesta não só entre nós, que a grande número de crianças pomos tal nome, mas em todos os povos da cristandade, tivesse contribuído a popularidade que em todos eles adquiriu o precursor de Cristo.

Do literário *Matias*, ainda hoje em uso, resultou tambem uma forma popular, *Macias*, que se tornou conhecida, por se chamar assim um trovador galiciano do seculo XIV, ao qual pela ternura dos seus versos foi dado o apelido de *namorado*.

Enquanto os antigos, ao impõem nomes aos filhos, procediam, pelo menos nas épocas mais antigas, de modo intencional, escolhendo para eles os que ora exprimiam o modo por que encaravam a sua vinda ao mundo, ora se referiam a outras cir-

¹ Tambem *Jan* pelo mesmo motivo. Cf. *Rev. Lusit.* vol. X. pag. 164 a 166 (artigo do dr. Leite de Vasconcellos).



«MOSTEIRO DA BATALHA»

DESENHO DE
. SAAVEDRA MACHADO
NA COLECCÃO DE *O Nosso Portugal*

cunstanças, tais como o seu numero na serie, casos accidentais que acompanhavam o nascimento, ou ainda, olhando de antemão para o seu futuro, davam a conhecer as qualidades e destinos, naturalmente brilhantes e prosperos, que para eles almejavam, os pais de hoje e, segundo parece tambem os de seculos atrás, têm-se em geral havido neste assunto de

maneira muito á toa, escolhendo para os seus géntos nomes que preferiram, ou por lhes parecerem mais eufónicos do que outros, ou haverem pertencido a personagens que em romances mais principalmente tocaram a sua sensibilidade, apenas um ou outro aparece revelador de uma ideia preponderante ou aduado a celebrar qualquer facto.

J. J. NUNES.



O cavalleiro de lucto

O sol desca no horizonte, entre as cinzas e nevoeiros de uma tarde de invernia... e um joven cavalleiro, todo vestido de negro, vem descendo uma sinuosa azinhaga, onde encontra uma formosa moleirinha conversando com sua mãe...

Moleirinha : — «Aonde ides, cavalleiro,
Que levais tanta negrura?»

Cavalleiro : — «Vou correr o mundo inteiro...
A ver se elle me dá cura...»

E o cavalleiro avança em seu galope, saudando o par que o segue com os olhos...

Moleirinha : — «Oh! que lindo cavalleiro,
Minha mãe, como elle é lindo!»

Mãe : — «Tu és filha de um moleiro,
Deixa o lá ir seguindo...»

Mas o cavalleiro pára, ao longe, e apeia-se, como que receoso de uma tempestade que parece avizinhar-se...

Moleirinha : — «Minha mãe, o cavalleiro
Lá se apeia do cavallo;
E o tempo mostra aguaceiro, —
Vae chamal-o! Vae chamal-o!»

— Oh! que lindo cavalleiro!
Oh! que linda fidalguia!
Vae correr o mundo inteiro
Numa noite de invernia...!

Ai! que noite! ... — E o cavalleiro
Aos relampagos, trovões,
Encharcado, ao aguaceiro ...
Ai... E os ladrões... os ladrões! ...

— «Vinde cá, oh cavalleiro,
Que em nosso lar pobresinho
Tereis um quente braseiro
E a santa paz d'um moinho.»

Ai! que lindo cavalleiro!
Ai! que linda fidalguia!
Esta noite o meu braseiro
Até sóbe de valia!...

E o cavalleiro, que retrocedera, pára á porta de um moinho, onde a moleirinha e sua mãe já esperam...

Moleirinha : — «Ahi vem o cavalleiro,
Sua espora tanto brilha!
Ai! que lindo cavalleiro!»

Mãe : — «Minha filha! Minha filha!
Muito agrada o cavalleiro,
Porém algo adivinho
Não tem traço de romeiro...»

Moleirinha : — Deixal-o lá, pobrezinho!

E o pso da moleirinha surge tambem á porta do moinho, a receber o cavalleiro...

Moleiro : — «Sê bemvindo, cavalleiro!
E ahi tendes nossa casa.
Nesta noite de janeiro
Arde nella boa brasa.

Moleirinha : — Arrumai-vos, cavalleiro,
A vós e a vosso cavallo,
Que esta casa de moleiro
Ha de sempre bem tratá-lo.»

Mãe : — «... Muito agrada o cavalleiro;
Porém algo adivinho...
Não tem traço de romeiro...»

Moleirinha : — «Deixai-o lá, pobrezinho!»

E o cavalleiro volta de arrumar o seu cavallo...

Moleirinha : — «Estais prompto, cavalleiro,
Tendes tudo accommodado?»
E o sombrio cavalleiro
Sempre calado, calado.

Moleiro : — «Vinde cá, oh cavalleiro,
Desculpai tanta pobreza.»

Mãe : — «I, filha, até o braseiro,
Que ha de ter muita frieza.»

E ahi vai o cavalleiro
Cheio de neve e farinha.
A filhinha do moleiro
Radiante o encaminha.

De manhã o cavalleiro
Não foi em casa encontrado,
Mas lá deixou um letreiro:
«Muito obrigado, obrigado.»

Ninguem mais o cavalleiro
Naquelle sitio encontrára,
E a moleirinha um braseiro
Em seu peito alimentára...

* * *
Passam dias... cavalleiro
Vem cortando esses montados,
Frente á casa do moleiro,
Com muitos homens armados;
E, chegado, o cavalleiro
Mostra aos seus a moleirinha:
— «Viva a filha do moleiro,
Que é nossa santa Rainha!» —

JOÃO RICO.

Canção morena

I

Olha! A Tarde é uma cigana,
E' cigana que não mente...
Leu-me agora a minha sina:
Minha sina é o poente...

II

Lá vão as canções trigueiras
As moças acompanhando...
Calaram-se agora as bocas...
Só os olhos vão cantando...

III

Toda rubra, afogueada,
Pediste ao sol que parasse:
Acedeu ao teu pedido,
Mas parou na tua face!

IV

Vai tudo a descer a estrada...
O poente fica além:
Vai o sol, vão os pastores,
Vão as morenas também...

V

Pela frauta do pastor
Passa a tristeza do monte...
E coando-a, vai compondo
A melodia da fonte...

VI

Nesta tarde torturada
A cuja dôr eu assisto,
A paisagem é o espelho
Onde se vê Jesus Christo!

VII

Os montes ao sol poente
Querem todos ser calvario...
E cada rosto moreno,
Lá ao longe, é um sudario...

VIII

Cada côr tem outra côr.
No peito do Nazareno,
E nas vestes dos ciganos,
O encarnado é moreno!

A mais linda das *Maias*

• **E**M Tavira, sob o imaculado ceu algarvio, faiscante, todo metalizado em reflexos nobres, quasi igneos do sol, a pitoresca festa das *Maias* era n'esse ano de 1557 particularmente encantadora.

Havia dias que pelos córregos estreitos e pelos espinhaços floridos da serra se colhiam a esmo, para empavezar as ruas, a murta e o rosmaninho; havia dias que pelos jardins e pelos vergeis de em torno, desde S. Braz até á Portagem, até á Luz, se procuravam sofregamente — como para um noivado de principes, como para um gigantesco altar — todos os cravos, os jasmims, os lirios, os amores, os ranunculos mais soberbos e as rosas mais lindas.

Era a festa pagã das *Maias*: já as ruas iam de lado a lado todas rescendentes, verdejantes de grinaldas; já, no alarme tão desejado das vespersas, as violas e as flautas gemiam até de madrugada pelos portaes entreabertos: — e, sob o sol de fogo, em halitos de volupia que requeimavam as gargantas, em ardencias de fornalha que quebrantavam as mulheres, o Levante trazia de longe, pelo ceu imaculado e pulcro, talvês das ilhas do Mediterraneo, talvês dos fulvos aduares do Moghreb, sonhos e enfeitiçamentos, impaciencias e desejos, loucuras, frenesis, excitações.

Nas praças e encruzilhadas, bem ao meio, bem fundo, a terra fôra excavada, aberta gahardamente a picão: e os mastros gigantescos, trazidos das fustas e dos galeões, ligados tres a tres, topo a topo, erguiam-se agora dominando os varandins e as torres, alvoroçavam o azul na sua vestidura alegre de murta e de rosas; eram o enlevo dos olhos com as suas oito guias esquartejando o ar, as charolas artezoadas, arremessadas no extremo, fulgidas como diademas onde pareciam grandes joias policromas, tremulantes, as bandeiras gentis das navegações e das conquistas que tinham varrido os mares.

Mas, entre todos os mastros da cidade, o maior, o mais apreciado, o mais garrido era,

incontestavelmente o da Ribeira — mesmo á beira do rio, erguido de madrugada n'uma vozearia triunfal pela matulagem dos embarcações, tão luxuriante, tão enfeitado, tão prestigioso na constelação das flamulas, no azul pintalgado das insignias, no oiro olimpico das esferas, no vermelho em sangue esmaltado pelos castelos reaes que, no meio da multidão, até o velho Al-Muacen, o prisioneiro trazido outr'ora de Tanger, se esquecêra da sua grilheta e das suas ulceras cobertas de puz, quasi em gangrena, fétidas, monstruosas, para avidamente o contemplar.

*

Era no prodigioso Portugal quinhentista e n'esse Algarve tão quinhoado de glorias, tão emoldurado de praias e de espuma como a Helade criadora...

Logo de manhã, ao renascer gentil de maio, a multidão começára alagando as ruas, fôra toda confundida, arrogante, gloriosa, toda excitada e garrula do bom sol meridional apóz as trombetas e os anafis fidalgos, apóz as violas soluçantes; e, no preamar festivo, sob as gorras novas, lustrosas, multiculores, sob os asperos bureis e as bifas dos embarcações, sorriam velhos que tinham sido heroes nos mares distantes, creanças que haviam de sê-lo.

Já as *Maias* tinham surgido, cobertas de joias e de flores, nos seus pequeninos troncos resplandecentes pelos balcões e pelos portaes; e a turba andava irrequieta — no seu claro escuro interminavel de romaria, realçado, golpeado de quando em quando por algum gibão lustroso, pelo aço de um gorjal, pela ponta em reflexos de uma espada — para decidir qual era entre todas a mais linda.

Não faltavam na bela cidade algarvia os rostos sedutores, os corpos gentis, os olhos tão languidos como os das antigas mouras; não faltava prestigio, nem encantos, nem riqueza ás suas *Maias*.

E, talvês por isso mesmo, as opiniões divi-

diam-se: — a da Praça, tão mimosa com as suas tranças de ouro, tinha um todo arcangelico, ideal de retabulo; a da Ponte, exposta quasi ao romper da alva, com a testa em reflexos puros, os olhos de enlevo, o sorriso luminoso, o lento arfar do seio sob os goivos e as rosas, lembrava um horto de virgindade, de sonho, de misterio exudando mel e aromas; a da rua Direita, toda florida n'uma alvura de arminhos, resumia nos seus doze anos gloriosos, inocentes, toda a frescura, todo o prestigio pagão das Graças.

Havia outras ainda igualmente jovens, igualmente lindas, de olhos languidos e perfis sonhadores; mas os votos do maior numero — votos ardentes, apaixonados, ultrapassando a admiração, excedendo-se em negros ciumes — eram para a formosa Violante da Ribeira: a Violante cuja graça de semidéa era tão palpavel, tão em realce, tão irresistivel que muitos a sentiam no ar em fulgôres misticos, em filtros estonteantes, em tentações nupciaes: a loira Violante tão mimosa, tão fresca, tão rosada, que os marinheiros a comparavam ás se-reias entrevistadas nos mares do Oriente quando o luar penetrando as ondas os enlevava pelas noites calmas, a gentil Violante de olhos de quimeras limpidas e labios immaculados, virgens ainda dos beijos e dos amores...

Tinham-lhe carpintejado o trono, todo revestido de damasco e de riquissimos setins, todo cravejado de estrelas, mesmo defronte do grande mastro encimado pela constelação das flamulas, pelo azul pintalgado das insignias, pelo ouro glorioso das bandeiras tremulantes — e, sob o baldaquino macio retendo, filtrando o sol, na apoteose da murta e das pétalas esparzidas atraindo as borboletas no vôo, toda branca e suave, palpitante, graciosissima, flexivel como uma vergonhea, ela era bem uma beleza perfeita, um simbolo da primavera, uma evocação dos antigos mitos que a primavera glorificava.

Era uma beleza gloriosa e perfeita: e talvez por isso — talvez porque as perolas do seu collar eram grandes e purissimas, talvez porque as safiras e os topazios, os rubis e as esmeraldas de Narsinga e de Golconda que lhe

constelavam o peito, que lhe refulgiam nos dedos, que lhe coruscavam nos chapins doirados, preciosos como os de uma fada, a tinham transformado n'um tesouro — na chusma que em torno se detivera enfeitiçada até o velho moiro Al-Muacen erguêra os seus olhos nostalgicos de prisioneiro, e, esquecido da sua grilheta e das suas ulceras cobertas de puz, fétidas, monstruosas, lhe sorria n'um enlevo divino, semi-louco, quasi insuportavel, de enamorado.

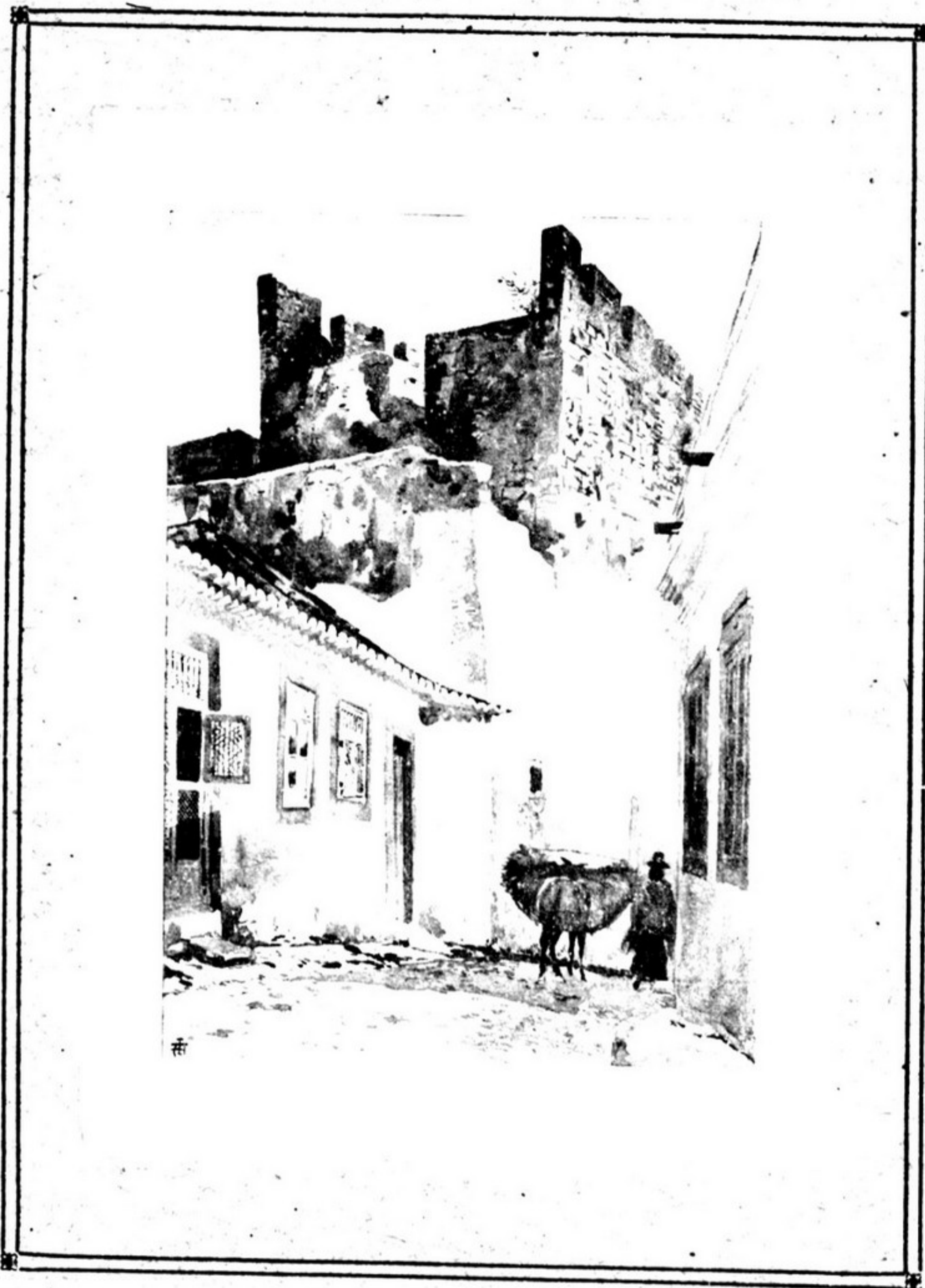
*

Ao principio da tarde as ultimas duvidas tinham-se desvanecido: a cidade inteira reconhecia Violante como a mais linda das suas Maias.

Nas vergas altas do rio o tremular das flamulas era pela calma mais lento, quasi se suspendia no azul; e sob o vitriolo do sol a pino abrazando as fachadas, chispando em reverberos nos varandins, a população ardente e desordenada, na exuberancia dos dias de festa, dos dias de amor, deslocava-se apóz as violas, apoz as trombetas e anafis, tumultuava de rua em rua, acorria em peso para admirar Violante.

Era o triunfo da Ribeira: já os fidalgos do Castelo tinham vindo pela Corredoura com os seus colares de rendas, os seus gibões de seda enfeitados a telilha de ouro, todos no realce das espiguihas e passamanes, caracolando os corceis magnificos para a ver — e no pequeno trono revestido de damasco, sob o baldaquino emoldurado de flores, cravejado de estrelas, na scintilação dos rubis, das safiras, dos topazios, das esmeraldas, na gama de todos os sons festivos, na gloria de todos os olhares ávidos, ela parecia a cada momento mais bela.

Interminavelmente, a multidão comprimia-se, tresuava, extasiava-se em volta do seu trono gracioso; parecia gozar a alegria de a possuir, a alegria de a amar: parecia agora mais arrebatada na exuberancia do sol, das flores, das vozes, dos aromas — tão arrebatada, tão impaciente, tão louca que de repente Al-Muacen arrancou um botão de rosa que um dos fidalgos levava no peitoral do corcel, levou-o



«RUA D. PAIO PERES CORREIA»
(TAVIRA — ALGARVE)

AGUARELA DE
ALBERTO DE SOUSA

um momento aos lábios, e numa audacia inesperada, gentilissima, de enamorado o atirou a Violante.

O gesto fôra breve, a flôr mal roçara o cor-pête gentil da *Maia*; mas logo vinte mãos se alçaram crispadas, logo vinte gritos de raiva, de ciume, de maldição se enfureceram contra o moiro.

— Fóra, lazarento!

— Some-te, arrenegado!

— Morra o cão tinhoso!

— Rapazes, demo-lo ao demo!

Debalde Violante se erguera sob o baldaquino constelado, debalde era mais prestigiosa no seu sorriso, na sua supplica adoravel, quasi em lagrimas:

— Deixae-o lá, coitado!

Já o fidalgo do Castelo tão altivo no seu gibão de espiguilhas de oiro, nos seus alamares e torchados, tinha brandido a espada: já o pobre Al-Muacen, apesar da sua grilheta e das suas ulceras cobertas de puz, arquejante sob as vaias, sob as punhadas, os olhos em fogo, a mão erguida n'uma supplica derradeira, a boca a espumar, ia ser prostrado.

Mas Violante descêra do pequeno tronco

revestido de damasco, corrêra atravez da multidão na gloria da sua beleza, na radiação das suas joias, apertara-o nos braços, quasi o erguêra, quasi o arrancára á turba enraivecida — e entregando-lhe as grandes rosas, os cravos e os goivos das suas grinaldas, entregando-lhe as safiras e os topazios, os rubis e as ametistas trazidas de Narsinga e de Golconda nas urcas e nas galés por duas gerações de marinheiros ávidos, entregando-lhe os seus maravilhosos aneis faulhantes e o seu colar de grandes perolas virginaes, disse-lhe n'um sorriso de fada perdularia:

— Ahi tens para a tua cura, para o teu resgate...

Dera-lhe tudo: apenas uma grande rosa de Alexandria, purpurea, a entreabrir, lhe esquecera no cinto branco.

Tinha ficado sem uma joia, sem um reflexo, sem outra flôr, toda branca e inocente, de uma formusura sem mancha, purissima, inicial; e enquanto a multidão a olhava n'um assombro, ela falava-lhe no supremo encanto da sua renuncia, da sua piedade:

— E vós todos não sejaes mofinos. Deixai em paz o bom velho!

CHAGAS FRANCO.



A uma que só gostava de marujos

(INÉDITO)

O teu amor primeiro
Sei muito bem que foi um marinheiro.
Pouco depois rendeste o coração
N'uma louca paixão arrebatada
A um sargento d'Armada,
Que te passou por sua vez e por teu mal,
A outro sargento — d'administração naval!
Temos mais a seguir um quarto amante,
Que era aspirante;
E logo após,
N'um delirio d'amor incandescente,
Corre a voz
Que te entregaste toda a um segundo tenente.
E se não foste alem, contra tua vontade,
Foi por teres atingido o limite d'idade.

RAMADA CURTO.

Vingança exótica

I

Prometera ao rajá um beijo, á noite, á lua,
no terraço de jade, entre o florir dos lírios,
solto o cabelo negro, os braços como círios,
e de perdido amor vibrante e seminua.

Na alcova rial o nardo e o almíscar flutua ;
dorme o sultão Galur, entrevê em delírios
leitos de ébano, huris, estrelados empíreos . .
— a seu lado repousa a cimitarra nua —

Vasto aponta o luar na palidez serrana.
Lenta sobre os coxins levanta-se a sultana
e sorri a pensar no seu príncipe loiro.

Passos se ouvem alem, no silêncio sentido.
Treme a sultana, lembra o beijo prometido
e de lírios enfeitada o seu corpete de oiro.

II

Cingiram-se de amor no terraço de jade.
Rangem orlas de prata e as sedas voluptuosas,
frases se esfolham como as pétalas de rosas
e se entrelaçam mãos na flébil claridade.

Ai que profundo olor de noites capitosas,
e que infinito amor na intensa soledade !
Um aroma de ternura e nostalgia invade
todo o vasto jardim de acácias e mimosas.

Em contactos subtis se afagam com tal arte . .
Num delírio de febre e intimo desejo
parece que o seu peito e o coração se parte.

E quando, no silêncio, as bocas soluçantes
se prendem lentamente em um supremo beijo,
esquecem-se de amor os tremulos amantes.

Nova Goa-Índia.

III

Sentiu os beijos como os guisos de oiro puro.
— Quem se adorava aí na noite luarenta ! —
Roça a alma do sultão um sopro de tormenta,
sobe o ciume como um perigoso muro.

Já presente um desastre insanável e impuro,
e lança pela alcova a pupila sangrenta.
Que pensamento mau agudo o atormenta !
— numa raiva de leão treme o seu peito duro. —

Onde fôra a infiel de carne tentadora ?
quem beijava, feliz, a boca da sultana ?
— Ai, beijos ao luar santíssimo lá fóra ! —

Manso se apruma então nos coxins em que dorme,
e empunhando em silêncio a vasta durindana
levanta-se o sultão como um colosso enorme.

IV

Vai a noite de luar macia e delirante,
No terraço de jade e os lírios compungidos
vê de delírio agudo e intenso amor perdidos
os amantes unindo a boca soluçante.

Ai que infinita dôr sentiu naquele instante !
Nunca ele amara assim nos terraços floridos . .
não sentira na boca os beijos prometidos
e frases ideais de solitaria amante.

Porque existia mais por que triunfo e glória ?
Lembrou sua vida então, sem amor, sem história,
sem uma alma de mulher, num lírico terraço.

Pesou-lhe de viver nunca amado no mundo.
E levantando ao ar o braço gemebundo
sobre o peito cravou a folha imensa de aço.

PRITI DAS.

(Paulino Dias).

Luiz Augusto Rebello da Silva

Ao Visconde de Castello Novo

• **O** ROMANTISMO não foi na Alemanha uma forma nova. Sempre lá existio.

Foi, porem, a Alemanha a primeira nação que repudiou as velhas formas litterarias. Foi ella a primeira a afastar os mythos hellenicos como sédiça velharia, substituindo-os pelas poéticas lendas germanicas.

Impoz-se o estudo das origens teutonicas, e em breve a evolução fez que a intellectual germania, só palpitasse e sorrisse sob a forte commoção do romance historico.

Como já disse, o Romantismo existira sempre na Alemanha, o que se ia dando era uma lenta evolução. Pode dizer-se, ser a inflexivel lei da arte, impondo a todos os espiritos o triumpho do bello.

Luiz Augusto Rebello da Silva foi um romantico, adorou essa forma litteraria que da Alemanha passára á França, aonde Victor Hugo e Alfredo de Vigny foram os primeiros a hastear o pendão da revolta contra as antigas formas.

Luiz Augusto Rebello da Silva, nasceu a 2 de Abril de 1821.

Destinado por seu pae, um cartista intransigente, á carreira burocratica, foi, muito novo ainda, — para obter umas *cartas* que o habilitassem a pretender qualquer lugar em uma secretaria, — mandado para Coimbra, aonde se matriculou no curso de philosophia, talvez por ser de todos alli professados o que mais facilmente se podia obter.

O Creador, porem, para mais o tinha fadado, e com uma doença que o teve ás portas da morte, determinou o seu regresso a Lisboa.

*

Desde muito novo Rebello começou a sentir-se attrahido para a politica: as pugnas da palavra fascinavam-no.

Effectivamente Rebello da Silva foi antes, e mais do que tudo: orador.

A sua palavra fluente, substanciosa, tinha um brilho pouco vulgar.

Não foi só nas luctas politicas que ganhou o nome de orador perfeito, foi sobre tudo na cadeira de professor que mais se impoz á admiração dos intellectuaes seus contemporaneos.

No Curso Superior de Letras, creado por D. Pedro V, regeu a cadeira de Historia, e tal nome deixou, que alguns dos seus melhores discipulos, mesmo muitos annos depois da sua morte, o relembravam com saudade e admiração.

Mas não antecipemos:

Contava dezeseite annos quando se estreiou na sociedade Phylomatica, então o centro mais intellectual, pronunciando discursos que logo fizeram antever qual seria o seu valor, quando tivesse adquirido a illustração e pleno conhecimento das graves questões namoradas pela sua talentosa phantasia.

Facil era já então augurar, que aquelle moço, ainda imberbe, seria o preferido da gloria, sem precisar de muito a requestar.

*

O *Cosmoramo Litterario*, orgão da Sociedade Phylomatica, fundada em 1838, aonde se reuniam e discursavam homens então moços, mas da craveira de Thomaz de Carvalho, Andrade Corvo, Vieira de Carvalho e tantos que de si deixaram illustre memoria, foi onde se estreiou Rebello, publicando um romance historico intitulado *Tomada de Ceuta*, romance que alguns annos depois foi refundido e tornado a publicar sob o titulo: *Contos ao se-rão — Novelas africanas*.

Esse romance, na sua primeira forma, foi uma brilhante estreia, revelando uma excepcional vocação litteraria.

Como já disse, o pae de Rebello da Silva era um cartista ferrenho, e como é bem natural, foi essa tambem a politica do filho.

Alguns annos depois da sua iniciação na vida publica, conheceu Alexandre Herculano, tambem cartista intransigente, e talvez uma tal convivencia mais lhe incutisse essa crença politica.

Por esse tempo escreveu um romance, não



REBELLO DA SILVA

já uma promessa, mas a mais formosa realidade.

Rauso por Homisio, se intitula essa joia litteraria. Alguem mostrou o romance ao mestre, a quem então todos os novos pediam direcção, e que, com Garrett e Castilho formava a mais bella constellação.

Leu o Herculano, e entusiasmado quiz conhecer o auctor. Conhecido lhe chamou amigo, e sempre o apreciou como tal.

Como não podia deixar de ser, attendendo á época da sua apparição no mundo das letras, Rebello foi um romantico, e como tal se affirma em todos os seus trabalhos.

E' verdadeiramente para lastimar, que o Romantismo em Portugal se não tenha alimentado das nossas tradições maritimas. O povo comprehenderia o que se escrevesse, e a alma portugueza poderia reviver o seu glorioso passado.

As tradições maritimas encontrariam um écho mais fundo no espirito popular, do que as medievaes.

No coração lusitano, as glorias maritimas, as epopeias nauticas exerceriam salutar influencia e teriam o mais amoravel acolhimento.

A renovação litteraria em Portugal teve um cunho exclusivamente litterario; foi um emprehendimento de artistas, e só para artistas feito, se pode dizer.

O grande publico não o comprehendeu. Acolheu-o como novidade, e acceitou-o talvez como um melhoramento.

Se os romances de castellos e cavalleiros lhe não vinham acordar na memoria historias do passado, eram-lhe, pelo menos, mais comprehensíveis do que a litteratura classica, cujos nomes gregos, ou romanos, elle nem mesmo sabia pronunciar.

Que saberia o pobre povo portuguez de toda a côrte do Olympo, constantemente chamada a capitulo em auxilio dos nossos vates?

Elle, o rude marinheiro de alma dôce e terna, sonhando só viagens e descobrimentos, não podia ser sensível a toda essa farrapada do classicismo.

Dessem-lhe narrativas de viagens, rimassem para as suas guitarras romances nauticos, e ver-se-hia, com quanto amor agasalharia no coração essas canções que elle comprehendia, essas lendas nauticas aonde encontraria uma recordação das historias ouvidas na infancia.

Rebello, que desde o começo da sua carreira litteraria se manifestára romantico, tal se conservou até morrer.

*

Em 1848 veio deputado ás côrtes, e lá e no jornal luctou pelo seu ideal politico.

Os seus discursos eram não só brilhantes e vigorosos, mas irreprehensíveis na fórma. Para que fosse um tribuno modelar, faltou-lhe apenas a voz, n'elle fraca e mal timbrada, apesar do seu physico de apparencia robusta.

A politica, entre nós tão desmoralisadora, não conseguiu atrophiar o pujante talento do escriptor, e nessa epoca de luctas e sobresaltos, que veio a terminar pela afrontosa intervenção inglêsa, quando o governo cabralista prendia, espancava e degradava quantos não professavam o seu crêdo, Rebello, que com a palavra e com a penna defendia esse ominoso ministério, publicava ao mesmo tempo o romance: *Odio velho não cansa*.

Essa obra, que não é, por certo, aonde melhor se affirmam as qualidades do seu auctor, é no emtanto um trabalho de merecimento ainda filiado na sua primeira maneira.

*

Como já disse, Rebello sustentava na camara verdadeiras pugnas. Dia em que elle fallasse as galerias apinhavam-se, e pouco a pouco, cartistas e não cartistas, todos os deputados, vinham collocar-se em volta d'elle, embevecidos na bellesa da forma, attentos a não perderem uma palavra do potente orador.

Na questão das irmãs da Caridade, e na da Charles et Georges, Rebello da Silva foi assombroso e terçou armas com José Estevam, — o grande tribuno.

Os discursos dos dois grandes oradores causaram identica impressão de entusiasmo. O publico, a eterna criança, sempre namorado do brilhante, correndo apóz o que lhe fere a imaginação, levantou até ás nuvens o discurso de José Estevam, impressionado no que havia de suggestivo na expressão, na figura e no gesto do grande orador. Passada, porem, a effervescencia do momento, lidos os dois no remanso do gabinete, será difficil não julgar o de Rebello da Silva um primor, revelando no irreprehensível da forma, o académico, que passado annos seria.

A ultima corrida em Salvaterra, é, como se sabe, um episodio do reinado de D. José 1.º.

Perfeito na fórma, de um interesse palpitante desde a primeira linha, é na discripção uma verdadeira obra-prima.

Os caractéres desenhados de um só traço, revelam uma tal segurança de mão, uma justa de vista, um conhecimento dos personagens e da época tão perfeito, que seria o bastante para classificar de primeira plana um escriptor.

O quadro da praça, a physionomia da nossa côrte, já então culta e polida, mas ainda ei-



«FAIANÇAS PORTUGUÊSAS»

vada dos féros costumes peninsulares, a gentileza das maneiras, fazendo desabrochar sorrisos nos mesmos labios que se abriam para o applauso frenético á lucta brutal, tudo está, não contado, mas vivido n'aquella encantadora narrativa.

As cortes de Luiz XIV e XV tinham fortemente impulsionado a nossa civilização, e á polidez das maneiras já na côrte se uniam os requintes do luxo e as delicadezas de uma vida de molleza e voluptuosidade.

As touradas tão apreciadas entre nós, pela riqueza dos fatos e jaezes dos cavalos, pela galhardia dos combatentes e pela opulencia dos séquitos, de cada um dos fidalgos, que n'ellas figuravam, eram, e ainda hoje o são, uma reminiscencia dos torneios da idade-média, conservada viva no espirito do luso, o povo mais tradicionalista que jamais tem existido.

No livro de Rebello da Silva, a figuração d'esse torneio aonde ia perder a vida um dos mais bellos senhores d'aquelle tempo, é exacta, maravilhosa, animada.

O leitor sente-se transportado ao seculo XVIII e pára ante aquelle quadro cheio de vida, esquecido de que já não existem nem esse inépto rei D. José, nem o gentil conde dos Arcos, o galante conquistador dos corações das damas da côrte, nem o marquez de Marialva, figura quasi épica na sua grande dôr, apresentada por Rebello da Silva, em toda a sua grandiosidade.

Verdadeiramente empolgante, o lindo romance.

Rebello da Silva, mercê da sua vivissima phantasia, da sua brilhante imaginação, viveu aquella época.

Para se poder narrar e pôr de pé, ante os olhos do leitor, um lance da historia, é preciso tê-lo estudado bem, e conhecer tanto a fundo a época em fóco, que por uma especie de prodigio de assimilação se tenha feito no espirito do escriptor uma visão completa d'essa época.

E' esse phenomeno que parece ter-se produzido em Rebello.

Sismondi no seu curso de litteratura diz:

«O historiador faz viver aos olhos dos seus leitores, os acontecimentos passados, porque tambem o agitam as paixões que lhes foram origem e porque a gloria da sua patria, é o primeiro desejo do seu coração, e quer conserva-l'a com os seus escriptos como outros com o seu braço contribuíram para adquiri-l'a.»

Rebello da Silva ideou e descreveu aquella scena, segundo a visão intima do seu poderoso espirito, e, como escriptor de génio, conseguiu dar-lhe uma tal forma, revesti-l'a de taes pri-

mores de estylo, que seria impossivel ao leitor não commungar na mesma emoção.

Esse poder de dar a uma narração a sua vida emotiva, de conhecer a nota propria a echoar em todos os corações, é exclusivo do génio, não o tem qualquer.

O talento sabe apenas commover com o que a si proprio commove, e já é muito; mas o génio vae mais além, conhece os segredos do coração humano, e sabe, como o compositor ao compôr uma opera, quaes as notas que deve ferir para despertar, este ou aquelle sentimento.

Essa intuição artistica, dom supremo do Creador, possuiu-a Luiz Augusto Rebello da Silva.

*

Apezar de tudo quanto deixo dito, para ser justa, devo concordar que Rebello nem sempre nos seus trabalhos empregou o mesmo cuidado e o mesmo estudo, que fazem da *Ultima Tourada em Salvaterra* uma raro joia litteraria.

A *Mocidade de D. João V* é tambem, como se sabe, um romance historico. Abundam n'elle as bellezas, mas apezar d'isso apparece-me incompleto. Tem pouca unidade, e parece-me que a côrte de D. João V, voluptuosa, elegante, attenta a reproduzir a sumptuosidade da côrte de Luiz XIV, se prestava a fornecer ao auctor, quadros de inconfundivel belleza, se elle tivesse ao escreve-l'o adoptado uma these philosophica propria a dar ao livro a grandeza moral, que lhe falta.

O dialogo por vezes é froixo, e as descrições, primorosas é verdade, tomam largo campo em detrimento da acção do romance, que ás vezes se arrasta em vez de correr simplesmente.

Em todo o romance é sensível a falta de movimento.

Por vezes o espirito caustico do auctor dá-se largas, intercalando algumas scenas de um comico irresistivel.

A figura do padre Ventura está magistralmente estudada. N'elle, nas suas idéas, encarna o auctor toda a complexidade do espirito da *Companhia*.

Nesta época de analyse, em que tudo se estuda, indaga, compára, é primacial a faculdade de observação. O romance, ou será um conto de fadas, ou tem de ser um delicado estudo; não só da época e meio em que vivem os personagens, mas a psychologia de cada uma d'ellas tem de ser bem estudada e comparada, para dar ao leitor uma impressão de verdade e lhe servir de documento para os seus juizos e analyses. A intuição artistica já não é bastante: o estudo impõe-se.

A observação, sem o servilismo da imitação,

é uma qualidade que Rebello da Silva possuía em alto grau. Sente-se nas suas obras a acção do escriptor que estuda e compára para conservar a originalidade.

Para esse especial estudo, tão necessario ao romancista, são imprescindiveis altas qualidades: E' necessario que abstraia de todos os compromissos do espirito, e se eleve a cima do mundo real, para d'essa alta região inacessivel ao vulgo, poder ver e comparar os sentimentos, as tendencias e as idéas, e assim dár ás suas concepções historicas, ou não, um corpo real, sem deixar de ser original.

D'essa superioridade de observação, que incontestavelmente Rebello possuía, tirou elle o conhecimento das épocas historicas e pode dár-lhes, na sua idealisação, corpo, alma e vida.

E' assim que idealizando o typo do padre Ventuara, nesse jesuita, nos apresenta, como já disse, a complexa encarnação da Companhia, realisando o levantado ideal do seu fundador santo Ignacio de Loyola.

A *Mocidade de D. João V*, se não corresponde ao que se deve esperar de um bom romance, porque a sua fabulação é frouxa, e ao dialogo muitas vezes lhe falta vida e calor, ninguém, com justiça, lhe poderá negar qualidades de fina critica historica e politica.

*

Nos intervallos das luctas partidarias, Rebello da Silva escreveu *Os Fastos da Igreja*, magnifico estudo critico, que pena foi não passasse do primeiro seculo da igreja.

A obra de Rebello da Silva teria sido valiosissima se elle só tivesse cultivado as letras, mas infelizmente deixou-se captivar dos encantos da politica, luctando por ella em todos os campos, desde a meza da redacção, até á cadeira de par do reino, para a qual foi nomeado em 1862.

Não vejo que tenha tido grande influencia como politico. A nenhuma medida de grande alcance deixou ligado o seu nome.

Salientou-se, sim, muitas vezes pela energia dos seus discursos, sempre perfectos.

No jornalismo occupou tambem lugar distincto, sobretudo nos jornaes *Carta e Imprensa*, dos quaes foi director e principal redactor, tendo collaborado em muitos outros.

Dos seus discursos politicos já fallei, só acrescentarei que eram modelos de logica, e nunca, fosse qual fosse a energia da sua phrase, desceu á injuria contra os adversarios.

Se assim era o politico, que dizer de Rebello como professor e como académico?

Em qualquer d'estas cadeiras a sua palavra

substanciosa, viva, colorida, encantava quantos a ouviam.

Conhecedor das litteraturas antigas e modernas, sabia dar ao discurso a forma classica, sem falsos arremedos de Vieira ou Bernardes, e os seus discipulos no Curso Superior de Letras ainda recordavam, muitos annos depois, com saudade, como um dos mais primorosos prazeres do espirito, as lições que lhe tinham escutado.

*

Quando D. Pedro V creou o Curso Superior de Letras, encarregou Rebello da Silva de elaborar os estatutos.

Nada tinha havido até ali em Portugal que dêsse uma idéa do que devia ser esse curso, unicamente de letras e destinado a ser considerado superior.

Rebello deu-lhe a melhor organisação, moldando-o pelo *Collège de France*.

Esse curso tornou-se o mais frequentado centro litterario. O rei D. Pedro V não deixava de ir ali, sempre que lhe era possivel, e o exemplo do monarcha era seguido por todos os intellectuaes d'esse tempo e por grande numero de senhoras.

Foi nessa occasião que a Academia encarregou Rebello da Silva para, auxiliado por Lopes de Mendonça, o infeliz homem de letras que em breve a loucura arremessava para um quarto do hospital, fazer a publicação dos *Annaes das Sciencias das Letras* para a qual foi votado um subsidio.

Foi nessa publicação que appareceu o estudo historico: *D. João III e a Nobreza*, assim como: *Apontamentos para a Historia da Conquista de Portugal por Philippe II*, trabalho que alguns annos depois servio para a introduccão da *Historia de Portugal* nos seculos XVII e XVIII.

A continuação de trabalhos tão diversos exgotaram as forças do grande escriptor. A sua vida era de uma grande intensidade; tornara-se absolutamente necessario ao seu partido, quer no jornal, quer na camara, aonde todos os dias se feriam verdadeiras batalhas.

Não lhe soffria o animo abandonar as letras, e por isso, ao mesmo tempo que a politica o enlejava nas suas teias, a sua actividade litteraria não afrouxava, publicando o magnifico romance *Lgrimas e Thezouros*: — a poetica historia dos amores do illustre viajante Beckfora, com a formosa Maria de Mello, da casa Marialva.

Esse romance é mais uma affirmativa das raras qualidades de escriptor, possuidas por Rebello da Silva.

E' um estudo delicado do character de Beck-

ford, o honrado inglez que tanto amou Portugal, e nas suas cartas e escriptos tantas vezes o julgou e lhe fez amiga justiça.

Beckford ama Maria de Mello, como sabe amar um coração forte e leal, mas prefere sufocar esse amor e sepultar de novo o coração na desconsolada noute de desespero em que o mergulhara a morte de Margarida, a primeira mulher muito amada, e da qual o redimira o amor da filha do marquez de Marialva, a abjurar da sua religião e patria, condição imposta pelo fidalgo portuguez.

Mudar de religião ou de patria é uma indignidade, que um nobre character não pode aceitar.

Mais uma vez nesse romance Rebello mostrou como estudava a antiga vida da côrte portugueza.

A vida larga, nobre, opulenta, um pouco freiratica, da casa dos Marialvas, as inimitaveis scenas do covento de Alcobaça, as descrições da antiga Lisboa, e dos ridiculos e virtudes da provincia, transportam-nos aquella época, fazem-nos regressar ao Portugal de ha dois seculos.

O seu grande espirito sentia-se á vontade na concepção de um meio, por largo que fosse, e sabia illumina-l'o, quer com luz viva e brilhante, quer com doce claridade coada por raro sendal.

*

Como historiador, muito ha que dizer a seu respeito.

A sua *Historia de Portugal* nos seculos XVII e XVIII é incontestavelmente uma bella obra.

Escrupulosamente estudadas aquellas épocas, os factos erguem-se ante o espirito do leitor, como evocados por varinha mágica.

As suas idéas politicas, é certo que o não deixaram ver desassombadamente a pouco sympathica figura de D. João IV, mas devemos, para o julgarmos com justiça, collocarmo-nos sob o ponto de vista da sua educação politica. Compreenderemos, então, a razão do muito que falta de verdade no retrato do principe a quem os restauradores de Portugal puzeram no throno.

D. João IV não foi como muitos lhe chamam, o restaurador da independencia de Portugal, mas só o fundador da dynastia de Bragança.

Se arrancarmos ao Duque de Brangança os europeis de que foi preciso cobri-l'o para o apresentar ao povo como rei, ficará apenas um homem vulgar, sem valor de especie alguma, a não ser o dado pelo acaso do nascimento.

Nem coragem tinha, — essa qualidade tão vul-

gar entre os portuguezes, que á força de a encontrarmos por toda a parte e em todos, já quasi nem lhe damos o seu valor integral.

Egoista como poucos, presava muito mais o seu bem estar do que a felicidade da nação.

Sacrificava sem escrupulo os seus melhores amigos, quando o mêdo lhe segredava que nesse sacrificio ia a sua salvação.

Por mêdo sacrificou o seu melhor amigo e mais honrado ministro: — o honrado Francisco de Lucena.

Por mêdo esteve quasi a refugiar-se no Brazil, abandonando Portugal aos francezes sob o pretexto do casamento do principe D. Theodorio com a filha do duque de Longueville.

Rebello não se lembrou dos estygmas que marcavam a figura pouco fidalga de D. João IV, ou quem sabe, seria por demais espessa a venda que a sua educação politica lhe pozera sobre os olhos.

Essa falta deve ser-lhe relevada, como o seria a qualquer um defeito organico, ou um vicio de educação, cuja responsabilidade lhe não cabe.

*

Um estudo houve, no qual Rebello foi inexcusavel: — a critica litteraria.

Quem lê a *Memoria biographico-literaria sobre Bocage* é forçado a confossar, por pouco benevolo que seja, estar ali um verdadeiro primôr de critica.

Rebello tinha pelo grande poeta portuguez um verdadeiro affecto mas esse affecto não lhe empana o seu juizo critico.

Essa memoria que serviu depois como de prologo á edição das obras de Elmano feita por Innocencio da Silva, é modelar.

No «Jornal do Conservatorio» na «Illustração Luso-Brazileira» e na «Epoca» Rebello publicou varias trabalhos, nos quaes affirmou sobejamente as suas especiaes qualidades de critico.

Ha um outro trabalho de Rebello, que não podemos deixar de apontar ao leitor: o estudo da *Arcadia Ulyssiponense* na Historia de Portugal. •

E' primoroso quando trata dos dois poetas Quita e Garção, — este ultimo sempre escravo do coração, o que é talvez uma qualidade para poeta, mas que o levou a morrer na prisão por ordem do marquez de Pombal, naturalmente pouco dado a arrulhos de poetas namorados.

Camillo Castello Branco, diz ter encontrado em valiosos manuscriptos a historia da prisão e desamparada morte do Arcade Coridon Erymantheo, que assim se chamava na Arcadia o poeta Garção.

Ao que parece, o douto Arcade não foi nun-

ca um exemplar de circumspecção, e assim se conservou, não digo na velhice, mas já muito além da juventude.

Elle mesmo, fazendo-se justiça, ou querendo que lh'a fizessem disse :

... Ah! saiba a cega gente
Que amor nascendo moço se faz velho,
E um velho ter amor não é tontice.

Cantou muitas vezes o amor, e os nomes femininos que nos seus versos figuram não eram apenas, de entes imaginarios.

Casado aos vinte annos com D. Maria Anna Xavier Froes Mascarenhas Salema, alguns biographos pouco conscienciosos o nomeiam, — poeta primoroso e pae de familia exemplar.

Se a primeira asserção não pode ser objecto de uma duvida, a segunda sabe-se hoje não ser a exacta expressão da verdade, e ao que parece o poeta não punha nas suas paixões uma tal espiritualidade que mesmo os anjos não corassem ao ouvir-lhe o brando suspirar.

Entre as Délias, as Dirceas e outras cujos nomes, contou não vem o da filha do intendente da artilheria escoceza, sua vizinha, a quem, se não cantou, amou com amor ardente de joven, apesar de já contar quarenta e nove annos.

Formosa e leviana, diz a tradição, era a encantadora filha do general Macbean, e Garção, o poeta infeliz, tanto se deixou captivar da loura miss, que ás mãos do pae foi parar uma carta escripta pelo nosso poeta, convidando-a para a fuga, como unico meio de esconder o comprometimento da sua posição.

Como era de esperar, Macbean foi irado pedir justiça ao Marquez de Pombal, o qual ordenou logo a prisão do poeta, prisão que se effectuou nessa mesma noute.

Preso esteve Garção durante nove annos, vindo a fallecer a 10 de Novembro de 1772, sem que ninguem suspeitasse, nem talvez a propria esposa, o verdadeiro motivo da sua prisão.

Levou para a cova o segredo da deshonra da formosa escoceza, e d'ella creio não restar outra noticia.

Morreu talvez de dôr, vendo nas suas noutes mal dormidas o espectro d'aquelle a quem o seu amor deu tão desamparada morte.

Não pode assacar-se ao Marquez de Pombal essa prisão, como mais uma féra iniquidade da sua vida.

Que deveria fazer o ministro de D. José I

em presença das queixas do nobre estrangeiro tão cruelmente ferido na honra da filha e nos seus brios de homem e de militar ?

Garção foi muito culpado. Era amigo do pai da escoceza, que o recebia á sua meza «como se deprehende — diz Camillo — das odes XVIII e XI.»

Não conheceu Rebello esta versão, mas a critica das obras do grande poeta é feita por mão de mestre.

*

Em 1869 foi Rebello nomeado ministro da marinha.

Demoremo-nos um pouco contemplando o que significa a nomeação d'este escriptor para ministro.

Rebello da Silva não soube perserverar-se da ôca vaidade, que a tantos homens de letras de incontestavel valor, tem perdido para a litteratura, transviando-se por esse atalho que lhes parece levar mais depressa á gloria.

E' para mim um misterio insondavel que homens de incontestavel valôr litterario, fadados pelo destino para serem os primeiros no mundo das letras, abandonem essa pura e formosa realidade, para correrem atraz da mais enganadora e perfida sombra.

Se o parlamentarismo, filho da nebulosa Inglaterra, — e que só lá devia existir, mercê do temperamento dos seus filhos, da sua poderosa aristocracia e de uma tão forte industria representando o elemento popular, como nenhum outro paiz da Europa possui, — não tivesse entre nós outro crime a espiar, bastaria para dever ser execrado, o ter desvairado os melhores talentos portuguezes, esses que deveriam conservar-se acima das mesquinhas luctas partidarias, para serem unicamente cultores da arte e como sacerdotes d'ella guias sollicitos de todos nós no doce culto do bom, do grande e do bello.

Essa sereia perigosa arranca-os aos floridos caminhos da arte e leva-os, vendados, para a tortuosa estrada, cheia de barrancos e precipicios, para ao fim lhes dar uma pasta de ministro depois de em estereis luctas lhes ter esgotado as forças.

Rebello que poderia ter sido ainda muito maior do que foi se a politica o não tem enamorado, luctou por ella, extenuou-se, e exgotadas as forças veio a morrer no meio dos horrorosos soffrimentos da neurisma da aorta, a 19 de Setembro de 1871.

C. D'EÇA DE MELLO.



«ALBINO FORJAZ DE SAMPAYO»

(ESCRITOR).

PASTEL DE • • • • •
MARTINHO DA FONSECA
NA COLEÇÃO DO RETRATADO

ARTISTAS DE PORTUGAL

SUBSIDIOS PARA A HISTORIA DA ○ ○ ○ ○

○ ○ ARTE PORTUGUÊSA CONTEMPORANEA

○ ○ ○ (ANÁLYSE, CRITICA E BIOGRAPHIA) ○ ○ ○

I

Martinho Gomes da Fonseca

Martinho da Fonseca foi discipulo de Columbano, e honra o mestre.

Dos artistas, que receberam a ensinança d'este mestre, dois apenas até hoje se manifestaram em plano superior. E' pouco, mas sempre conta para alguma coisa.

Um, e foi o maior pintor das ultimas gerações, fez-se até a perfeição, em uma vertigem de hallucinado. Refiro-me ao artista dos *Christãos fugindo á perseguição* (na Escola de Bellas Artes de Lisboa), obra final d'esse *doente de infinito*, irmão dos de Manclair; ao do *Enterro de Christo* (Exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes, de 1911, «Catalogo» pag. 24), — Ricardo Ruivo Junior. Esse falleceu em Paris, no anno de 1910.

O outro é Martinho Gomes da Fonseca. Desde 1911 que o vejo nas exposições da Sociedade Nacional. E de anno para anno o progresso firma-se lisongeiramente. O seu espirito vive na belleza das coisas, observador activo e malleavel como todo o artista perfeito. Por isso se applica em especial á subtileza dos contornos e da luz, que o fazem, com technica magistral, desenhador acima de tudo, e retratista de côres luminosas.

A complexidade do talento pictorico de Martinho da Fonseca, leva-o desde o trabalho a óleo até os quadros a lapis, onde o traço se immaterializa e os elementos do assumpto sobressaem da nebulose de Carrière, em seus termos precisos. Não poderia esquecer-se, elle, artista da côr na visão aprimorada dos verdadeiros pintores coloristas, e não se esqueceu da aguarella, arte chromatica por excellencia. A estreia fê-la na exposição da Sociedade Nacional, em 1915, com a *Salvia* (n.º 486 do «Catalogo») — e a *Cigana*, (n.º 487), de leveza e mancha facil.

Artista de feição moderna, fóra das conven-

ções de escola, tem nas suas faculdades artisticas, disciplinadas, um character semelhante ao dos pintores do Renascimento. Discipulo de um grande mestre, libou as qualidades d'elle, assimilou-as, e continuou-o, impondo então a individualidade marcada, accentuada, de espirito eleito.

Repare-se que na marcação dos jogos de luz, e consequentemente na modelação dos planos, na largueza das linhas geraes, no arranjo dos retratos a oleo, no poder de expressão physionomica, denuncia a influencia feliz de Columbano.

Colorista sóbrio, mas vibrante, e vede-o nas *Rosas* (137 do «Catalogo»), *Dama inglesa* (138), *Leda surprehendida* (n.º 139), prova final do curso, *Cabellos d'oiro* (143), da Exposição da Sociedade Nacional em 1914, distingue-se do mestre na proporção em que a côr de Franz Hals fugia da de Rembrandt.

As derradeiras manifestações do seu desenvolvimento ascendente, retratista sempre, foram nos ultimos expositórios de aguarella, desenho e pintura, e da exposição anual de pintura, esculptura e architectura em 1916, ambas na Sociedade Nacional. Na 1.ª apresentou, em desenhos a carvão e lapis de côr, uma serie de retratos, cujo colorido, á custa da combinação do lapis, tem frescura deliciosa e imprevista, sobre a expressão das mascaras, que denota um alto poder artistico. Na 2.ª entrou com sete bellos pasteis (265 a 271 do catalogo), tres quadros a oleo (77 a 79) de marcado progresso e uma esculptura (238), que foi estreia.

Como artista que progride, vae disciplinando mais e mais á visão perfeita a simplicidade technica. Assim, firma o seu character de pintor moderno, muito do seu tempo, sempre novo de cada vez que apparece.

E ve-lo-hemos um dia, não muito tarde já, mestre da pintura portuguesa.

LUIS CHAVES.



ESTUDO BIOGRAPHICO

MARTINHO Gomes da Fonseca, o grande artista ainda jovem, é filho de João Manuel da Fonseca e de D. Gertrudes Amalia Gomes da Fonseca.

Nasceu em Lisboa, a 31 de Janeiro de 1890, na rua de Barata Salgueiro, num predio que fica situado á esquina do lado direito, justamente em frente de

quem sóbe a Avenida. Martinho deu entrada na Escola de Bellas Artes de Lisboa aos doze annos de idade, em 1902. — Torna-se difficil fazer aqui uma enumeração completa dos seus primeiros trabalhos escolares, a maioria dos quaes destruidos por elle, e segundo o proprio dizer do artista, «senão na occasião pelo menos depois de passada a febre». Guarda contudo os necessarios por onde se pode fazer uma análise, embóra resumida, da evolução porque fôram passando a sua technica e o seu temperamento de verdadeiro artista, sempre cuidadoso de se renovar e aperfeiçoar. Da primeira phásse do seu labôr artistico conserva religiosamente um modelo de mulher núa, figurada em pé e de costas, estudo que mede $0,80 \times 0,40$ e onde é acentuadissima a ausencia de colorido. Visto no seu conjuncto, este trabalho não é mais do que um cláro escuro em que tudo se funde sem vibrações de luz. Outro modelo, posterior ao primeiro e que mede $0,70 \times 0,50$, representa um homem. Denotam-se já neste estudo, o qual entra na phásse da côr e da luz, algumas boas qualidades caracteristicas. Outro modelo de homem, esboçado apenas, e que mede $0,90 \times 0,60$, foi executado numa só manhã e guardado como primeira impressão, por conselho de Columbano. Ha ainda outro estudo de homem, tela que mede $1,20 \times 1,00$, onde o colorido mais se acentúa e o modelado é já vigoroso. Alem destes trabalhos, Martinho da Fonseca fêz, tambem por conselho de Columbano, varios outros estudos de tamanho natural, entre os quaes um de mulher, que se guarda na aula como recordação da passagem do pintôr por lá. O artista conseguiu depois, quasi insensivelmente, uma facilidade relativa para outros estudos que fêz, um dos quaes, mais recente, é o modelo d'uma criança, tamanho natural, tela que mede $0,20 \times 1,00$, e onde o colorido attingiu um verdadeiro encanto de frescura. Finalmente, pintado na aula, ha ainda um ultimo modelo que representa uma rapariga de pé, a qual se recosta a uma peanha de onde cae uma roupagem branca. Nesta outra tela, que mede $0,90 \times 0,60$, o jovem artista conseguiu dar o maximo da expressão, da luz, e da côr.

Martinho da Fonseca obteve na Escola de Bellas Artes, onde foi um distinctissimo estudante, as seguintes recompensas :

No 1.º anno do Curso Geral de Desenho, — medalha de bronze; no 4.º anno do mesmo curso, — classificação de 18 valôres, em «Modelo vivo» e «Cabeça de expressão» e 19 em «Estatua». No 4.º anno de Curso Especial, o quadro «Leda», que constituiu a próva final do seu curso, foi classificado com 17 valôres; obteve ainda, nesse mesmo anno, o «Premio Annuniação».

* * *

A primeira exposição publica a que o artista concorreu foi a de 1911, então realizada nas salas da Escola de Bellas Artes. Ninguem fallou dos seus trabalhos, um dos quaes, de pintura, ficou colocado na parede junta á escadaria e na má companhia das produções de varias amadôras. Os trabalhos do artista, expostos esse anno, fôram os seguintes :

Oleo :

Estudo (criança) — $0^m,76 \times 1^m,02$.
A' livre — $0^m,61 \times 0^m,81$.

Desenho :

A' mulher do leite — $0^m,29 \times 0^m,56$.
O varredor — idem.
Estudo — idem.

Dêstes desenhos, o primeiro guardou-o Columbano no seu atelier.

Na segunda exposição a que Martinho da Fonseca concorreu, em 1913, no novo palacio das Exposições, os seus trabalhos obtiveram duas 3.ªs medalhas, uma em pintura, outra em desenho, e chamáram logo a attenção da imprensa, do publico e dos artistas. Os quadros que expôz foram os seguintes :

Oleo :

• Meniça — $1^m \times 0^m,80$.
Vanua — $0^m,76 \times 0^m,74$.
• Rosas — $0^m,71 \times 0^m,61$.
Cabeça de negra — $0^m,72 \times 0^m,72$.
• Rosas — $0^m,82 \times 0^m,61$.
• Cabeça de estudo. — $0^m,65 \times 0^m,51$.
Hespanhola — $0^m,75 \times 0^m,61$.

Desenho (a sanguineo) :

Retrato do Pintor Kenia — $0^m,32 \times 0^m,39$.
• de A. C. — $0^m,31 \times 0^m,40$.
• de T. V. — idem.
Cabeça de criança —
• " " —
• " " —

Depois concorreu successivamente ás seguintes exposições :

— A' de 1914, com os seguintes quadros a oleo :

Rosas — $0^m,89 \times 0^m,72$.
Dama ingleza — $0^m,89 \times 0^m,79$.
Leda sorprendida — $1^m,84 \times 1^m,49$.
Despertar — $1^m,1 \times 0^m,99$.
Cabeça de criança. — $0^m,57 \times 0^m,57$.
Perfil — $0^m,82 \times 0^m,7$.
• Cabelos de ouro — $0^m,61 \times 0^m,61$.
O sangirão verde — $1^m,85 \times 0^m,69$.

Obteve a 2.ª medalha na especialidade de pintura a oleo.

— A' de 1915, onde obteve a 2.ª medalha na especialidade de desenho; a esta exposição enviou tambem duas aguarellas, que constituíam a sua estreia nêsse género de trabalho artistico.

Os desenhos apresentados foram :

Dr. Gustavo Litchieller (máscara), — $0^m,45 \times 0^m,35$.
• Enamorada — $0^m,50 \times 0^m,37$.

As aguarellas :

A' salta — $0^m,38 \times 0^m,31$.
A' C' garra — idem.

O quadro «Enamorada» foi adquirido para o «Museu de Arte Contemporânea».

— A' de 1915, principios de 1916, apresentava-se com os seguintes desenhos a sanguineo, a carvão e a lapis de côr :

Architecto Guilherme Rebelo d'Andrade — $0^m,60 \times 0^m,75$.
Mul-tinha — $0^m,38 \times 0^m,29$.
Garoto (máscara) — $0^m,37 \times 0^m,31$.
• Perfil — $0^m,37 \times 0^m,30$.
• Outono — $0^m,45 \times 0^m,33$.
• Bachante — $0^m,46 \times 0^m,32$.
Cabeça de rodada — $0^m,35 \times 0^m,29$.
Pobre — $0^m,37 \times 0^m,31$.

O «Perfil» foi adquirido para o «Museu de Arte Contemporânea» e a «Bachante» adquirida pelo Presidente da Republica.

A' Exposição Panamá Pacifico de 1915 concorreu o artista com alguns trabalhos já expostos em Lisboa (Cabeça de criança, — $0^m,57 \times 0^m,57$; Leda Surprehendida, — $1^m,84 \times 1^m,49$, e Dama ingleza, — $0^m,89 \times 0^m,79$) juntamente com outras produções de desenho ainda não conhecidas entre nós, e que passarei a mencionar :

Menino — $0^m,39 \times 0^m,30$.
Extase — $0^m,53 \times 0^m,39$.
Ivone — $0^m,47 \times 0^m,35$.
Elisa — $0^m,38 \times 0^m,30$.
Religiosa. — $0^m,9 \times 0^m,51$.
Olhos fitos. — $0^m,47 \times 0^m,34$.

Nota : O artistico indica os quadros vendidos.

Estes trabalhos alcançaram em conjunto a medalha de bronze. Finalmente, á recente exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes, Martinho da Fonseca concorreu com os seguintes trabalhos :

Oleo :

- Casaria vermelha (Barcellos) paisagem — 0^m,45 × 0^m,54.
- O adeu do sol (Tomar) paisagem — 0^m,35 × 0^m,46.
- Flôr mimosa (busto de criança) — 0^m,50 × 0^m,62.

Pastel :

- Escritor Albino Forjaz de Sampayo — 0^m,52 × 0^m,80.
- Architecto Norberto Correia — 0^m,54 × 0^m,76.
- O menino de ouro — 0^m,62 × 0^m,78.
- Sorriso — 0^m,60 × 0^m,96.
- Mulatinha triste — 0^m,61 × 0^m,84.
- Saudade — 0^m,63 × 0^m,95.
- Esphinge — 0^m,54 × 0^m,65.

Esculptura : Busto de garoto.

«O Menino d'Ouro» foi adquirido para o Museu de Arte Contemporânea. O artista estreitou-se este anno na especialidade de esculptura.

* * *

Como se depreheende da producção artistica até hoje realizada por Martinho da Fonseca, ella tem vindo numa ascenção gradual em busca da Belleza e da Perfeição. Os progressos realizados na sua Arte têm sido methodicos, conscientes, cheios de serenidade, e a vontade do artista para os conseguir, persistente, fórte, inabalavel. O seu labôr artistico, já longo para a sua mocidade, constitue hoje um ensinamento para muitos pintores da geração nóva, não só pelo grande e atuado estudo que revela, mas ainda pela fórte personalidade que nelle pouco a pouco se documenta.

Como homem, Martinho esconde na sua figura aparentemente gráve e rígida de inglês, muita bondade de alma. Para todos que se lhe approximam é pessoa de finissimo trato; para os intimos, dispensa-lhes sempre a amizade que lembra por vezes a dum irmão leal. E podendo, pelo direito incontestavel que lhe têm dado o seu trabalho e o seu indiscutivel valôr, possuir uma certa vaidade de artista de que fizesse alarde, Martinho tem, pelo contrario, conservado a mesma simplicidade que sempre lhe conheci e que mais o ennobrece. Pródigo em espahar obsequios, nunca esquece, nunca encobre o que deve aos outros, — qualidade que vae rareando muito nos nossos dias.

Do seu mestre Columbano fala como dum Deus; tem ao grande pintôr uma admiração e uma amizade a que não conhece limites. Dele nos diz : — «O grande pintôr Columbano dá-me ainda hoje a honra de ser meu amigo, qualidade que para mim representa a razão do meu intimo orgulho e o dever de me manter firmemente no meu posto». — Como artista, Martinho cultiva a pintura com o maximo que lhe pode dár de alma, procurando afinar nella, cada vez mais, a sua sensibilidade, esforçando-se assim por ir buscar á natureza motivos que, tendo alguma cousa della, são, todavia, coádos pelo seu senti-

mento. Elle não busca a originalidade de processos, não procura singularidades para as oppôr cruelmente á serena contemplação das manifestações da vida, apenas tenta fazer da sua paleta o traço de união pela qual o seu pensamento leva á téla as sensações que procura transmittir aos seus semelhantes. O seu grande respeito e muito amôr á Arte, de que, na sua modestia se diz sêmpre um apagado cultor, fazem-no receoso quando se lhe pergunta pelos seus trabalhos e projectos futuros. Elle leu um dia este trecho d'uma introducção a uma critica sobre Carriere, por Gabriel Séail, que é bem um aviso para quem gosta de os tomar. Diz pouco mais ou menos assim : — «Os nóvos de hoje em dia têm uma tendencia para os manifestos, uma especie de mania legislativa; elles são a um tempo esthetas e philosophos; dizem que a Arte nunca foi

o que deve ser e o que para elles será; emfim, escrevem antes de mais nada o prefacio das suas obras completas. O methodo não deixa de ser perigoso. E' muito para temer que a analyse não detenha o movimento espontaneo da vida, que a originalidade pretendida não sáia artificial e forçada, que a embriaguês anticipada das obras primas que ainda se não fizeram não faça perder a coragem do lento esforço para o qual caminham aquelles que para isso estão destinados».

Depois de lidas e meditadas estas palavras, Martinho da Fonseca nunca mais se apartou d'ellas e tomou-as como se toma o conselho d'um velho amigo. Entende que não deve, talvez, entrar em definições de esthetica, philo-

sophando sôbre a Arte e o Bello, nem tão pouco phantasiar demasiadamente sobre projectos futuros, quando pensa apenas realizar os presentes. . . As suas preferencias em materia artistica inclinam-se de preferencia para o espirito e rigôr das composições dos mestres francêses, Besnard, Laurens, Cormon, e do retratista Jacques Emile Blanche. Admira tambem como retratistas e coloristas, os mestres ingleses do seculo XVIII; os modernos, Sargent, Lavery, e outros, notaveis pelas suas composições, como por exemplo, Shannou. Quando estudante, impressionou-se muito com um mestre allemão, Lovis Corinth, discipulo de Max Liebermann. Na Hespanha a sua admiração vae para a galeria dos soberbos retratos de Goya, todos cheios de realismo admiravel, e para as composições fortes e brihantes de Velasquez. Modernamente Sorolla prende-lhe a attenção com a sua actividade admiravel de pintor e desenhador primoroso. Finalmente, torna-se-lhe difficil senão impossivel citar os nomes de todos os mestres que tenham exercido sobre o seu espirito alguma benéfica influencia, e em verdade o caracter d'um pintor não se fórma apenas das influencias que isoladamente esses mestres lhe possam ter levado, mas sim do conjunto de sensações que o conhecimento da Arte



Machado Machado

MARTINHO GOMES DA FONSECA

em geral lhe deve causar. O culto que Martinho da Fonseca dedicou á sua Arte não crystalizou apenas na especialidade em que foi iniciado por Colum-bano — a Pintura. Das proveitosas lições do grande mestre, dos seus preciosos conselhos, algum desejo mais havia de nascer na imaginação do artista, de dar pelos meios plásticos que estavam ao seu alcance uma expressão maior e differente ás suas realizações de Arte. — Foi assim que o vimos cultivar em primeiro logar o desenho, depois a aguarella e ultimamente o pastel e a esculptura, não esquecendo tambem a illustração. Neste genero de trabalho desenhou a capa da *Revista Mensal de Critica, Literatura e Arte*, «*A Renascença*», de que sahiu apenas um unico numero, em Fevereiro de 1914; colaborou nos dois primeiros numeros do mensario alentejano *Terra Nossa*, e é hoje um dos artistas que mais

honram a *Alma Nova*. Temperamento complexo, que faz lembrar o dos artistas da *Renascença*, as suas amplas faculdades criadoras não se quedam apenas num ambiente, não procuram apenas uma fórma de realizar Arte. Expandem-se, vão em busca de novas sensações, mas conservando sempre inalteravel a sua personalidade. Para Martinho da Fonseca são gratas sempre as horas silenciosas que passa no «atelier» commungando com o seu companheiro de trabalho, esse esculptor de altissimo merito que é Maximiano Alves, o supremo ideal da Arte. E Arte e bem sentida, Arte superior, por vezes mysteriosa e cálma, é a que tem realizado até hoje Martinho da Fonseca, inquestionavelmente um grande artista dos mais moços e dos mais esperançosos de Portugal.

J. SAAVEDRA MACHADO.



Antiguidades do Algarve

(ELEMENTOS PARA A SUA HISTÓRIA)

O ataque dos guerrilhas ao arraial da Senhora dos Mártires, em Silves

ESTÁ na memoria das pessoas velhas, tendo sido algumas delas testemunhas presenciais, o ataque dos guerrilhas ao arraial da Senhora dos Mártires, em 4 de Outubro de 1840, das oito para as nove horas da noite, portanto posterior á morte de Remechido, que foi fuzilado em Faro em 2 de Agosto de 1838 por sentença proferida pelo Conselho de Guerra no dia anterior.

Divertia-se o povo num destes arraiais muito vulgares anteriormente a 1910, com fogos, música á mistura, *cómes e bebes*, etc.

A ermida da Senhora dos Mártires, que hoje se encontra comprehendida na cidade de Silves, estava naquele ano um pouco distanciada da cidade, nos seus subúrbios, e não há muitos anos ainda apresentava um pequeno adro, circundado de bancos de alvenaria.

E' igreja antiquíssima, datando, segundo parece, do tempo da conquista aos mouros, tendo sido construída para os cristãos que sitiaram a cidade poderem nela assistir aos officios divinos, e aí serem sepultados os que morressem em combate.

Era costume naquele tempo, quando um rei punha cerco a uma cidade, mandar desde logo construir uma igreja para o fim já mencionado. Assim é que Afonso Henriques, pondo cerco a Lisboa, mandou préviamente construir a igreja dos Mártires que ainda hoje lá se encontra no Chiado.

Seu filho, Sancho I, seguindo o exemplo do pai, pondo cerco a Silves, tambem mandou construir a igreja denominada igualmente dos Mártires, porque partiam do principio de que os que morriam na guerra contra os mouros, chamados *os infieis*, eram considerados mártires da fé.

Decorria o ano de 1840, como atraz ficou dito. Das oito para as nove horas da noite era extraordinário o concurso de povo ao referido arraial, apesar do susto permanente, em que naquele tempo viviam os

povoações que, como Silves, ficam situadas próximo da serra, devido ás sucessivas surpresas da guerrilha, conhecida pela guerrilha do Remechido, que durante alguns anos trouxe em sobressalto esta provincia, mesmo depois da convenção de Évora-Monte.

Algumas precauções tinham sido tomadas, na hipótese de qualquer surpresa: assim é que no adro da ermida se encontrava uma força de 10 homens da Guarda Nacional, tendo ficado de prevenção o destacamento de infantaria 25, composto apenas de 23 homens, o qual destacou patrulhas para o interior da cidade, podendo ser auxiliado pela restante força da Guarda Nacional e por alguns particulares.

A'quela hora era grande o concurso de povo, não só da cidade, como da freguezia e de fóra, para disfrutar o fogo armado e a respectiva música; tinha começado a arder o fogo, — os guerrilhas avançavam pela calada da noite, procurando fechar o cordão de nascente a poente, o que felizmente foi evitado pelos gritos dum homem que denunciou a sua aproximação, o que evitou um massacre muito maior e mais completo. Os guerrilhas, ao serem pressentidos, começaram immediatamente a fazer fogo sobre o povo que fugia espavorido para o interior da cidade, tendo sido acompanhado na fuga pelo já referido destacamento de dez praças da Guarda Nacional, postado junto do adro da ermida, que desde logo viu não se poder defrontrar com forças incomparavelmente superiores, pois que o trôço de guerrilhas que fez este ataque era pelo então Administrador do concelho de Silves, o capitão Eugénio Damião Grande, avaliado em numero de 40 no seu officio n.º 176 de 4 de Outubro de 1840 ao Governador Civil, que naquele tempo se denominava Administrador geral do Distrito, tendo o mesmo Administrador, no seu officio n.º 180 de 7 de Outubro de 1840, avaliado em 60 e tantos de pé, comandados pelo intitulado brigadeiro Mosqueira (Consta do respectivo copiador da Administração do Concelho de Silves, principiado a 3-1-1838 a fs. 118 e 119).

Mais tarde, o mesmo Administrador no seu officio



«DR. ATAÍDE OLIVEIRA»
(ESCRITOR ALGARVIO — BALECIDO)

BUSTO DE
. RAUL XAVIER
NA COLEÇÃO DA *Sociedade*
Amigos do Algarve . . .

n.º 8 ao Administrador Geral em data de 6 de Janeiro de 1841 participa ter recebido em igual data a notícia de que a coluna do capitão Noutel tinha recolhido a S. Bartolomeu de Messines, tendo capturado o guerrilheiro Joaquim Consciência que, no dizer do mesmo officio, comandava a força de guerrilhas que efectuou o ataque, de que estamos tratando, tendo capturado nessa ocasião mais dois rapazes que também estavam armados. Em officio n.º 11 de 9-1-1841 é participado que no dia anterior Joaquim Consciência e um dos referidos rapazes tinham sido fuzilados em Silves, no Campo da Senhora dos Mártires, por decisão do Conselho que se lhes formou.

Naquele tempo a ordem de fortificações, de que ainda hoje ha abundantes vestígios, formava um circuito completo, e nele havia as tres portas principais: a da Cidade, Azoia e porta de Loulé. No recinto compreendido por essa ordem de fortificações se refugiava a população de Silves em caso de ataque.

Passado o momento de maior terror, o destacamento de infantaria 25 saiu em perseguição do trôço de guerrilhas, ficando os Nacionais guarnecendo os muros.

Houve 6 mortos, entre os quais uma mulher, e 14 feridos mais ou menos gravemente em cujo número entram algumas mulheres, um soldado do 25 e um da Guarda Nacional, além d'outros ferimentos leves e contusões, sendo também natural que muitas pessoas se retirassem para o campo com feridas leves, sem que as tivessem denunciado.

Do Livro dos Termos de Óbitos da freguezia de Silves, n.º 15 de 1836-1842 constam os nomes dos mortos, que são os seguintes:

- João da Silva Escorrega, casado, de 41 anos.
- Francisco, de 20 anos, filho de Diogo João, do Vale de Lama, e de Ludovina Rosa.
- Francisco Gonçalves Granadeiro, casado, do sítio do Vale de Lama, freguezia de Silves.
- Maria Clara, mulher de João Gonçalves Moço,

do sítio do Odelouca, desta freguezia, de 19 anos.

— Manuel Duarte Escola, casado, do sítio de Vila fria.

— Inácio Gonçalves, pedreiro, casado, morador em Silves.

Se até então era grande o sobressalto em que viviam os habitantes de Silves, na expectativa de qualquer ataque dos guerrilhas, maior se tornou depois d'uma tal barbaridade, obrigando-os a dormir dentro do recinto das fortificações reunidos, afim de mais facilmente se poderem defender de qualquer surpresa.

Apezar do triste e lutuoso acontecimento e do estado alarmante em que ficou o espirito público, o Governador Civil de então não se dignou responder ao officio em que tais acontecimentos eram narrados, e nem tampouco deu quaisquer providências atinentes a evitar análogas scenas de selvageria.

A Câmara Municipal de Silves, em sessão de 9-10-1840 também tratou d'este assunto, e o Presidente, José Manuel Serpa, propoz que «se representasse sem perda de hum momento a s. ex.ª, o Comandante da 8.ª Divisão Militar, a critica situação em que esta cidade se acha pelo grande incremento da guerrilha em força de pé e cavallo, e que por isso se tornava de urgente necessidade que o destacamento aqui estacionado fosse reforçado com huma força sufficiente e capaz de defender esta cidade de hum novo assalto, de pôr em segurança os dinheiros e papeis da Fazenda publica, e de proteger as autoridades no exercicio das suas funções, resalvando-se a Camara com este passo de qualquer responsabilidade, que sobre ella podesse pesar, se ficasse silenciosa, por novas e desastrosas occorrencias, que hajão de sobrevir; e sendo esta proposta unanimemente approvada, resolveu-se que neste sentido se representasse a s. ex.ª o Commandante da 8.ª Divisão Militar e que esta representação fosse conduzida pelo próprio com ordem d'esperar a resolução definitiva de s. ex.ª»

(Livro das actas da Câmara Municipal de Silves em 1840 a fs. 175 e 176).

PEDRO M. JÚDICE

Da Sociedade Portuguesa de Estudos Históricos

Ante a História

*Erram nos longes braços da memoria,
Que embala ainda a nossa elevação,
Os rubidos clarões d'esse Clarão
Em que se eleva toda a nossa Historia.*

*Vencer a vida a amar, a encher de gloria
E crenças e vigor o coração, —
Onde um povo que em mór aslrmação
Vincasse tantos feitos na memoria ?*

*Santa Izel, ó escelsa criatura,
Revive em nós, sublime, aos sem ventura,
Teu sorriso de bençãos e de amor, —*

*P'ra que esta imortal pátria de Camões
Erga também, perante as gerações
Os nomes de Izel e Leonor.*

MARTINS MORENO.



(Desenho de Saavedra Machado)

O mês

ESTE mês, — que nos trouxe a sensação do desconhecido, na alegria retemperadora de uma verdade que vai adquirindo foros de concreta e de que o Teutão orgulhoso tragará, cedo ou tarde, a dura prova decisiva, — mês que bem se pode, talvez, apoiar de o primeiro degrau da extensa escadaria que a alma latina tem avencer ainda, para atingir, num heroísmo grandioso, a verdadeira plataforma da Victoria, — é também para a «Alma Nova» de particular regosijo, porque lhe permite aclamar, numa saudação quente e cheia de esperanças novas — o Saber e a Pátria

Num país em que mais de $\frac{3}{4}$ da população é analfabeta e quase outro tanto da letrada não lê revistas — esse regosijo e essa homenagem eram nos mais que legítimas.

* * *

O próximo numero pertencerá ao **II.º volume** desta nova serie de que hoje comemoramos o 1.º semestre. Nesse volume irão mais longe as nossas expectativas: — A organização de passeios de estudo aos pontos mais recomendáveis da linda terra portuguesa — a promoção de conferencias de combate ao analfabetismo e ás más literaturas, — a realização de Exposições de Arte, — a publicação de obras de valor sobre os nossos escritores e artistas mais notáveis, — e o estreitamento literario e artistico entre todas as nossas possessões ilhas e o Brasil, são capitulos ainda quase por abrir nos tratados da legislação jornalística em que nos vamos empenhar patriótica e confiadamente.

Para a **1.ª Exposição de Arte**, que se deve realizar muito brevemente, desde já agradecemos a todos os Artistas os desvelos e atenções com que nos tem acolhido.

* * *

Congraçar num esforço patriótico as vontades ener-

gicas que constituem o traço mais belo e valoroso de uma raça, é ensina-la a renascer; nesses principios assentam as nossas expectativas, — e nada para o despertar e vingar dos grandes ideais como as grandes convulsões.

Que sobre uma geração enfraquecida e anémica ouse, pois, reaccordar a alma gloriosa da antiga Lusitania. — mas que reaccorde, renasça e se alevante numa alma cheia da sublime grandiosidade da crença, — impulsiva, forte, audaz e glorificadora!

MATEUS MORENO.

□

Balanço literario

MESES de Maio, de Junho e de Julho.

Durante estes mezes de silencio que a má-fortuna dos que vivem na imprensa sabe às maravilhas desculpar, — muitos e muitos livros vieram a lume numa fébre doída de publicação, uns ótimos, outros medíocres, uns em prósa, outros em verso, e todos desmentindo a preocupação unica da guerra e o concentramento absoluto dos espiritos nas suas causas, na sua marcha e nos seus efeitos.

Para detalhadamente analisarmos os volumes que a amabilidade dos seus auctores houve por bem oferecer a esta Redacção, nem todas as paginas da *Alma Nova* bastariam, tantos são eles, e tanto o desejo de os criticar com minucia de quem assina estas linhas.

Abandonarêmos, portanto, para o numero que brevemente aparecerá, a analyse critica de

todos os poemas recebidos, — e, por agora, demorar-nos-hemos apreciando os volumes em prósa que dessa aluvião, pela sua superioridade, merecem especial referencia.

A amabilidade de Saavedra Machado, — Artista e Amigo, — permitiu-me o prazer de folhear um dos ultimos livros do Sr. Oldemiro Cezar, — *Camadas Infimas*, — consentindo-me a alegria de dizer bem de um escritôr de quem muitos dizem mal, e de elo-



Desenho de
Martinho da Fonseca

NAVARRO DA COSTA

Notavel pintor de marinhas brasileiro, ha meses em Portugal, para onde veio na missão de desenvolver o intercambio artistico entre o nosso país e o Brasil, e que vai distinguir-nos brevemente com a sua valiosa e muito apreciada colaboração.

giar abertamente e sem reboço alguém que já vae creando uma situação de destaque nas letras patrias, e que eu, — embora entre nós não existam relações pessoas, (corte-se a má lingua das esquinas) — já me habituei a considerar como um irmão mais velho no grande amôr e no grande culto, na grande admiração e no maior entusiasmo que ambos votámos ao refugiado de Seide, Esse a quem Silva Pinto chamou «a formidável corda das lagrimas, a formidável corda do riso», e que eu, intimamente classifico como o mais ousado e o mais sentido, o mais maltratado e o mais divino dos dilectos amantes da Dôr. Porque a Dôr foi a mulher de virtude que partejou D. Jacinta Marta Rosa de Almeida do Espirito Santo, — Mãe de Camilo, — naquela noite azafamada de 16 de Março de 1825, ali, num dos casarões do Largo do Carmo, por entre o segrêdo e as aflições desmedidas que recebem no mundo os que para ele se escoam sem o carimbo autenticador d'uma legitimidade sem reboço, — e recebeu-o sem dó nos braços descarnados, somente para o deixar na Vida e lhe roubar, tempos volvidos, a «martir» que lhe dêra o sêr.

E então começou um conluio jamais findado...

Foi Ela, a Deusa sinistra, a triste e livida creatura, quem lhe arrepanhou os recursos penosamente amealhados, forçando-o a leiloar com editores sem vergonha obras que eram traçadas com o mais precioso sangue do seu cerebro; foi Ela, a que jamais cança, quem concitou em seu redor o odio rumoroso do brazileirismo portuense, — cafila doirada de «coitadinhos» e «cabras»; foi Ela, a das mil garas, quem lhe lançou nos braços a mulher que amava, num sonho de amôr epilogado para lá das grades rudes de uma céla de prisão; e foi Ela, Ela sempre e ainda, quem de lá o arrancou para lhe envenenar a vida com filhos doídos e desvairados, perdidos, furiosos, de uma inconsciencia sem dó.

Lentamente a sua estatura de luctadôr mirrava. Sumia-se-lhe a vóz onde haviam tempestuado as maiores ironias e as mais sangrentas diatribes. A odisseia avisinhava-se do seu termo. Mas a Dôr não desferrava vôo; o seu ninho era, ainda!, a casa de Camilo, e, após a miseria de uma familia desfeita, veio a tragedia d'uma doença apavorante e irremediavel: a luz dos olhos que para sempre fugia, as trevas que ganhavam vulto, a negrura da eternidade que se assenhoreava do Eterno, e o sofrimento sem nome, cruciante, terrivel, perturbadôr só de recorda-l'o, das punhaladas de luz numas pupilas sangrentas, das queimadelas chiantes d'um raio solar, na iris paráda d'uns olhos de cégo. A mancebia mantinha-se sempre. A Dôr guardava o seu berço sobre as cinzas esfriadas do que fôra o lar preferido de Camilo — o Enorme.

E a tragedia subiu então a superlativos de agonia, a requintes de turtura, a transes de aflicção que ninguem sonhára. Fartáva-se, a Dôr. E, num gesto, — o ultimo, — de dó, foi Ela, — a eterna amante do Eterno-Genio, — quem lhe achegou junto á frente a bocarra hiante de uma pistola bem aperrada e quem, premindo o gatilho, primeiro ao delêve, depois com precipitado interesse, lhe escaqueirou o cerebro, num espalhar sangrento de miolos e sangue, deitando-lhe o corpo a terra, quando a Vida se sumio de vêz.

«Morrera o Homem»; morrera o Genio. Mas refinava-se em odio. Não se fês a estatua, não se lhe salvou da fome a familia; o odio era sempre o mesmo odio. E é contra ele que brama Oldemiro Cezar, como brama Forjaz de Sampayo, e como me indigno eu tambem, — fraco de forças, fortissimo de

Fé, — num conjugar de vózes onde ha toda a indignação dos que admiram o Escritôr sem os parcialismos e as inimizades, aliás desculpaveis nos que tem na ascendencia algumas d'aquelas casadinhas lôrpas com que o Mestre dormitou numa noite de estroinice, ou a quem pagou almoço em manhã de contas largas.

E' como discipulo de Camilo que Oldemiro escreve. Tem uma forma correcta, uma observação feliz e cuidada, uma alma de Artista para sentir o que cria e, acima de tudo isto, — uma noção moral da honestidade da vida, que põe nos seus livros algo de acalentadôr e de dignificante.

Estrelando-se com um livro mediocre e já esquecido, — *O teatro em fralda*, — de colaboração com Rocha Junior, a sua vida literaria posterior dignificou-se com trabalhos como a conferencia sobre a vida e obra de Camilo, na Imprensa Nacional, em 1914, e, principalmente, com o livro a que nos estamos referindo.

As *Camadas Infimas*, obra de um sentimental e de um prosadôr de requinte, se tem contos como o que abre o livro, d'um revolucionarismo infantil e amaneirado, encerra, no entanto, puras joias literarias, como os «Velhos», «Perfil Perdido», «Morte de um Homem» e os demais que constituem a 2.ª parte do livro.

Oldemiro Cezar, a quem já deviamos uma das mais vigorosas e brilhantes apoteóses de Camilo, fica-nos tambem crédôr de umas horas de prazer intelectual, — que o tem e bem completo quem lêr essa obra honesta a que chamou *Camadas Infimas*.

* * *

Falar de Albino Forjaz de Sampayo, que ha bem pouco tempo lançou no mercado o livro *Grilhetas*, — o menos homogeneo e equilibrado da sua bibliografia de ótimo auctor, — é incorrer na má vontade de muita gente boa, para quem a citação de tal «sujeito» logo evoca um diabinho vermelho e esganifrado, de pé rachado e longo rabicho enrolado e chicoteante.

Lançado no mundo das letras com a publicação de alguns poemas, primorosos de sentimento e de ritmo, mas mal conhecido ainda, Albino Forjaz de Sampayo tornou-se o Joanico dos nossos burguezes amigos, com os satanismos ribombantes das *Palavras Cinicas*, — um livro que se tem espalhado aos milhares, e que é o peor de quantos tem publicado aquele auctor, pela sua falta de originalidade e de sentido moral.

Consciente mesmo da má obra que realisára, rindo-se intimamente da boa fé dos que se haviam horrorizado perante aquelas paginas nihilistas, escritas por um burocrata, um pae, um marido — um completo burguez —, Albino Forjaz de Sampayo abandonou o publico quasi analfabeto a quem conseguira *épatér*, e deu-se a realizar uma obra já grande de perfeição e de complexidade, onde ha das mais brilhantes paginas de cronica, dos mais elogiaveis documentos de observação, onde se registam infundiveis notas de critica. D'uma fluencia rara, d'uma prósa facil e bem ritmada, as *Cronicas Imoriaes*, a *Lisbôa Tragica*, a *Prosa Vil*, as *Grilhetas*, são livros que não de perdurar pela verdade que encerram e onde muitissimo ha que aprender pela Inteligencia que os inspira. Mediocre nas *Palavras Cinicas*, — livro que Abel Botelho classificou — uma admiração pelo escandalo que tão bem fica no que escreveu o *Barão de Lavos* — de «a grande lagrima sincera e ardente d'uma alma de creança», e que eu

antes classifico de «deliciosa tramoia que um rapazote fino e preverso imaginou e praticou para triunfar sem mais trabalhos», — Albino Forjaz é grande, sem duvida, em toda a sua obra subsequente.

Numa inconsciencia que irrita e uma injustiça que nos causa magua, a «massa» mantem-se, porém, ainda aperrada ao elogio ou ao odio desse livresco sem maior valia, e, esquecendo que o seu auctor tem produzido uma obra que vale e que fica, cansa-se em cobri-lo de vituperios ou em o classificar pomposamente de «grande filosofo-pessimista».

Ó, que deliciosa pandega o sistema filosofico do senhor Forjaz de Sampayo.

Ora irmanado a Nietzsche, ora a Schopenhauer, ora a M. de Harteman, ora a outros ainda, o auctor da *Lisboa Tragica* tem sido obra das mais desopilantes descobertas, dos mais desconcertadores asertos.

Philosofo pessimista, cheio de originalidade?

O pessimismo tem dois aspectos: é pessimista quem afirma que, só porque existe, o Homem sofre, como o é quem declare haver neste mundo bem maior soma de males que de bens. Schopenhauer, pensador e artista, creou a primeira corrente; Harteman, sorna e artificioso, preferiu a segunda. Para Schopenhauer, — isto tem-se dito tanto lá fóra!, — ser é agir. E como toda a acção importa um esforço e todo o esforço é doloroso, a Vida, — serie infinita de esforços, — é uma horrivel Grilheta de dôres e de amarguras, de trabalhos e de aborrecimentos. Harteman mais alemão e portanto mais calculista, observa a Vida tal como um fanqueiro a progressos da loja: dá-lhe balanço, — e vem, satisfeito com o achado, afirmár um *superavit* de maguas e um *deficit* enorme de risos.

Para quem medite um pouco na tramoia, a resolução põe-se a claro, luminosa e insofismavel. Toda a construcção filosofica de Harteman anda em volta deste artificio pandego que consiste no relacionamento de elementos irrrelacionaveis: a dôr encarada em relação ao seu character intimamente humano, e o prazer apenas reconhecido no seu aspecto animal, sem espiritualismos nem alegrias intimas, tal qual os musculos e os nervos o representam: o descanso, o arrear da carga, a marcha extenuante que chega ao seu fim.

Aclara-se, daqui, a esperteza: d'um lado uma alma e um cerebro sofrendo e convulcionando-se; do outro, um corpo suado e moído que pede cama e repouso. Na primeira analyse, o Homem lutando e sofrendo, mas sem que os prazeres que d'essa luta venham possam ser gosados espiritualmente, tal como a dôr se sofre; na segunda, a Besta gosando e dormindo, num contentamento que tem tanto de toiro como de suino. E' a alma em equação com o corpo; o cerebro correlacionado com a carne; a Dôr, sofrida e entendida, em contraposição com o prazer que se exprimenta, fisicamente apenas, e que não se entende; é o artificio praticado com artes de pelotiqueiro de feira ou prestidigitador de arraial. Mr. Fiorio, em *travesti* de filosofo, analisando a vida com o *partpris* de a declarar um horrôr.

No fundo e em sintese o pessimismo é apenas isto: uma intrujice. E quando espreita um pouco acima deste nivel, então torna-se incoerente e caricato: é aquele bom senhor que disse muito mal do mundo, abençoando a Morte, mas que fugiu a sete pés da *colera morbus*, quando a adivinhou a distancia clamando sempre que a Vida é uma desgraça e o seu termo o melhor dos bens, como prégara nos livros, mas só para os outros, os desconhecidos, porque, enfim, não era culpavel o corpo das asnei-

ras que a bóssa proclamava... O Egoismo, — num traço.

Ora Albino Forjaz de Sampayo procede um pouco nas *Palavras Cinicas* como estes dois senhores a que me referi. Subjectivando umas vezes o seu *sistema-filosofico* na analyse do Homem, e afirmando que do facto da sua existencia mais lhe não vem que tormentos e mais tormentos; objectivando-o, outras, num estudo da Humanidade em geral, para descobrir que em redór d'ela são bem superiores as desditas ás parquissimas alegrias. Meio Schopenhauer, meio Harteman.

Cosinhado feito, portanto, com ruins tempêros, as oito cartas das *Palavras Cinicas* seriam para os leitores *comida fraca* e mal saborosa, se o alto talento literario, se um grande tacto artistico, não fossem patrimonio completo de Albino Forjaz de Sampayo, transformando-o no *vir omnium calidissimus*, — vá a latinada, — no «homem, de todos o mais astucioso», dessa geração de «parvos honrados», — como dizia mestre Sá de Miranda, — que dá leis na nossa terra.

Confessada, finalmente, a nossa gana á obra que serviu de estreia ao escritor que tanto e tanto apreciámos, não findaremos sem lembrár que a ele se devem as paginas notabilissimas da *Lisboa Tragica*, as cronicas, sem equal na literatura portugueza contemporanea, da *Prosa vil*, das *Cronicas Imoraes* e das *Grilhetas*. Livros onde o seu auctor renegou de vês os fatalismos não sentidos, obras onde prepassa a alegria de um triunfo pelo trabalho perseverante e honesto. Justifica-se em todos eles a alma-meiga e carinhosa deste Povo nosso irmão... A Ele é que nós descemos... E nas minhas horas de tédio, — que as tenho, como toda a gente, — quando no cerebro se alvoroçam indignações desmedidas e gritos de rancôr e de odio acodem achorrilhadamente a apagarem-se por entre os dentes cerrados em convulsão, basta-me abrir bem de pár as portadas da alma, para a debruçar sobre o mundo e ouvir este bom povo portuguez, que sempre sófre mas que sempre canta; que rimou, com Camões, por entre tempestades de dôr, de saudade e de amor patrio revoltado; que fez espirito com D. Francisco Manuel, escravizado por um rei femeeiro e cobarde; que sorriu, com o Judêu, entre as carochas e os sambenitos da Inquisição; que ironizou, com Garção, sob a prepotencia pombalina, e que possui tão funda e tão arreigadamente o sentido de viver, que após nove seculos de glorias, arruinado, perdido, sem um exercito, sem uma marinha, sem um ceitel, e, — quasi! — sem a consideração dos que já vencêu, esquece as traições e as más palavras, põe de lado os vilependios e os assaltos gananciosos, abre de cruz os braços para suportar o novo «contra» que chega, enche de ar fresco os pulmões anemicos e — canta, canta ainda toda a magnitude do seu Passado a reviver no seu Futuro, toda a alegria d'uma adversidade que se vae compensár com uma victoria, e toda a Esperança e toda a Fé, e toda a certeza num triumpho que é seu e que jamais, — jamais! — alguém lhe arrancará. No fundo da alma nacional, como num cofre que só pode abrir-se á luz rutila de um sól de bem-aventurança, guardam-se ainda as canções dos meus maióres. Elas hão-de renascêr. Elas hão-de vibrár de novo nas tardes mornas e calidas das grandes ceifas, prometedoras e fartas. Esperam apenas que a ancia do trabalho triunfante, — d'aquela mesmo trabalho de que Albino Forjaz é um amigo e um vencedor, — tome raizes no nosso sólo rico. E quando fôrem jardins o Alentejo e o Algarve; quando não houver um Bra-

zil anestesiadôr e uma America que nos tuberculisa ; quando Portugal fôr dos Portuguêzes ; e quando a alma pantista de D. Diniz e D. Fernando nos reconduzir a todos, para o amôr da terra que nos foi mãe e de que sômos tão ingratos filhos, então, sim, Portugal cantará de novo e as criticas reformadôras da *Prosa vil* e da *Lisboa Tragica*, das *Cronicas Imorales* e das *Grilhetas* ficarão no mundo como um testemunho claro de alguém que falou alto num pe-



Machado

DR. ANTONIO AURELIO DA COSTA FERREIRA

Notavel antropologista e Director da Casa Pia de Lisboa,
que prefaciou o livro *O Nosso Portugal*

riodo de receios calados, e perdurarão, doirados de carinhos, sobre as paginas mortas e esquecidas das *Palavras Cinicas*, — onde ha tanto de insignificante, como de inoriginal e de inexpressivo.

Rafael Ribeiro, — um nôvo, um bem intencionado e um trabalhador a quem entusiasma os assuntos militares, deu-nos ultimamente uma prova do muito que tem estudado e aprendido, com a publicação do volume *Preparação de Portugal para a Guerra*. Escrito numa linguagem clara e fluente, recheado dos mais sãos conceitos, denotando um trabalho assiduo de analyse onde ha muito que registrar e aprender, meréce a mais cuidada leitura da parte de todos os patriotas portuguezes a quem preocupa, com a organisação do nosso exercito, o futuro da nossa nacionalidade.

Habituaado aos rigores disciplinares, militar por educação e por alma, Rafael Ribeiro tomba, no entanto, em ilogismos bem curiosos ao defendêr a teoria da nulidade do Direito e da superioridade da Força. E' assim que principiando por afirmár que «o direito é uma *farça*», (pag. 101), declara, logo de seguida, que «os exercitos são a força do direito»; donde se deduz, applicando a logica á dupla afirmativa, que o exercito é a força d'uma grande *farça* — o que é «bem cruel destino».

Mas isto são mais renitencias de critico, que

emendas a preceituar. A *Preparação de Portugal para a Guerra* é um livro bom, de um trabalhadôr infatigavel, para o qual vão, com os nossos agradecimentos, as nossas mais quentes felicitações.

Com a colaboração artistica de Roméro, Saavedra e Raul Xavier, o Snr. Fernando Palyart Pinto Ferreira, professôr distinctissimo e formôsa alma de artista a quem um grande amôr pelos pequeninos enleva, — publicou contemporaneamente á Exposição de Arte na Escola, promovida pela Sociedade de Estudos Pedagogicos, o seu ultimo trabalho — *O Nosso Portugal* —, livro de uma tenuissima feitura, que se lê num folego e num embevecimento crescente, tão grande o engenho com que ali se fala ao coração das creancitas da gloria de Portugal, — ninho de sól e maravilhas, Patria de navegantes, terra das naus de sônho, berço dos nautas das conquistas, sólo das vêrdes méesse ondeando ao vento como um grande már de esperança.

Harmonisando sempre os modernos preceitos da pedagogia com um grande e requintado sentido estético; obedecendo aos preceitos da higiene mental indispensavel para a infancia, sem cair em monotonias frouxas; patriota sem arrogancia; paisagista sem mirambolismos; escritôr sem torturas de forma, Palyart Pinto Ferreira fêz do seu livro algo de passageiro e de léve que se lê sorrindo e que se ter-



Machado

PROF. F. PLYART PINTO FERREIRA

Auctor do livro *O Nosso Portugal*

mina triste d'uma saudade de não nascêr de nôvo para deleitadamente reaprendêr por livros assim.

Nós, — todos os que ainda balbuciámos as primeiras ligações das vogaes e consoantes na «Cartilha de vintem», — um papelucho repugnante e mal impresso, onde se ensináva que *b* mais *u*, fazia *burro*; — nós que ainda apercebêmos dentro das quatro parêdes porcas e nuas da sala das aulas o

espectro livido de Padre Ignacio lançando pelo ar a ameaça da sua férula; nós que encontramos na biografia de Jean Marc, — aquele ocioso infeliz das *Memorias dum Suicida*, — muito que nos recorda os nossos tempos de *bibe* e saquito de livros a tiracólo, é que podemos bem sentir de quanto de gratidão e de quanto de louvôr não é digno o mestre que escreveu um livro tão insinuante e que por ele vae ensinár creanças e mais creanças, numa cataquese de luz e de instrucção, feita por entre sorrisos, temperada de alegrias claras, iluminado pela mais completa e mais amavel das dedicações.

Quantas e quantas vezes, folheando este trabalho que vae ganhár renôme e parando para embevecêr-me nas gravuras ótimas de qualquér dos Artistas a que fiz referencia, eu meditei, recordando, nêsse citado Jean Marc, um que (como tantos!) tinha um «professôr que o ensinava a lêr e lhe batia com uma regua nos dêdos se acaso soletrava mal». Educado perante taes violencias, o seu character brutalisou-se tambem, e o pequerrucho, que principiára os seus estudos «numa grande casa velha da Rua de Saint-Jacques, parecida com uma caserna e uma prisão», transformou-se depois no revoltado que fomentava revoltas contra os Mestres, quebrava braços a prefeitos e abandonava, por ultimo, numa fuga criminosa e sinistra o logar de tortura e de cinismo onde, sob a capa do ensino das primeiras lêtras, lhe haviam fermentado na alma os germens da revolta e do desamôr do proximo.

Porque os homens, — disse-o Tolstoi, pensadôr é perito, — são como as ribeiras; em toda a parte a agua é a mesma, mas em toda a parte varia tambem, conforme o seu curso. A clarissima linfa da alma candida do candido Jean-Marc tinha sido lançada entre margens de brutalidade, de indisciplina e de tirania bruta. Era inevitavel o que aconteceu...

Apresentavam-se assim, os collegios de então, como ainda se apresentam muitos do tempo presente. Casas grandes, descoloridas e velhas. Logares frios e soturnos, mixto de «caserna e de prisão».

O livro do sr. Palyart Pinto Ferreira, marca um passo na evolução do ensino racional no nosso país. Depois das infantildades poeticas do poeta distinctissimo que é Lopes Vieira, e de alguns, rarissimos, mais; depois ainda do labôr incessante de João de Deus Ramos, honrando a memoria de seu Pae e continuando o seu amôr pelos pequeninos na obra da fundação dos Jardins-Escolas, depois dos contos preciosos da escritora distinta que é a Ex.^{ma} Sr.^a D. Ana de Castro Osorio, — faltava-nos um livro de prosa nacional e nacionalisadôra onde se cantásse o Portugal de Nun' Alvares e de Camões, de Gama e de Afonso de Albuquerque. Mas, para não acendêr só, nas almas em formação, um cultivo enorme e único por nômes tão velhos que só a lenda os aquêce, para não vivêr só do Portugal de outros tempos, tambem o Portugal de hoje tem a sua epopeia e o seu ilogio numa serie infinita de paginas onde se apregoam as suas riquezas e os seus productos, o seu patrimonio artistico, e a sua abastança pela industria e pelo commercio. — E tudo isto dito aos pequerruchos numa linguagem ingenua de patriarca biblico, tão limpida, tão cantante, tão simples que nos fala á alma como uma canção.

Valorizando ainda mais toda a obra, temos «Duas palavras de apresentação», pelo distinctissimo homem de sciencia, e Director da Casa Pia de Lisbôa, — o sabio antropologista senhor dr. Aurélio da Costa Ferreira.

Num rapidissimo esboço é este *O Nosso Portugal*. Obra de quatro Artistas de incalculavel merito,

um que nos fala ao cérebro, outros que nos encantam a visão, e todos combinados e reunidos numa grande ancia de melhorár a alma dos que hoje começam a entrár no mundo, iluminando-lh'a de luz e de amor patrio, sem que para tal se dispendam esforços de gigante, e conseguindo que o Portugal de amanhã, seja enormemente superior ao de hoje em Civismo, em Conhecimento, em Progréso e — em Educação!

* * *

Notas de Estudo, por Moreira Teles, é ainda um livro, que se lê por gosto e que penosamente se termina. Embora orientado por um manifesto parcialismo na analyse dos acontecimentos, parcialismo que leva o auctor a esquecer as condições do meio em que os Portuguezes realisaram a acção civilisadôra e progressiva dos seus descobrimentos, e as bem superiores barbaridades dos povos que se lhes achegaram nessa lucta de aventura: mau grado ter esquecido tudo o que de bom sobre nós tem sido dicto pelos escritôres lá de fóra e até pelo proprio Leroy-Beaulieu, que tão poucas simpatias nos dedica, as *Notas de Estudo* denotam um alto espirito de analyse, e um grande e patriotico interêsse em servir o Brazil, — Portugal de Alem-Már, feito com o nosso sangue e as melhores energias dos Portuguezes de ha três seculos. O problema de emigração que ali é ventilado e defendido no seu aspecto do exodo em massa para o Brazil, onde iria realisár o sonho de Sylvio Roméro, encarâmo-l'o nós por um bem diferente e antagonico prisma. Propugnariamos aqui pelas nossas razões se o espaço no-l'o permitisse, mas como é tempo de findár, deixarêmos para momento mais asádo a satisfação deste legitimo empenho, — porque é sempre bem agradável discutir com homens de intelligencia, de estudo e de sabêr, como Moreira Teles, — auctor dessas *Notas de Estudo* que acabâmos de, ao correr da pena, analisar.

A. BUSTORFF.

No proximo n.º: *Canções do meu lar*. — por Mario Pachêco. *As treze baladas das mãos frias*, canções por Pedro de Menezes. *No cahos da Ideia*, poemas de Fernando Caetano Pereira. *Praias do Mystério*, por Augusto de Santa Rita, etc. etc. etc.

□

Cronica de Arte

A 13.^a exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes

(PINTURA, ESCULPTURA, PASTEL
E ARCHITECTURA)

Mais uma exposição da *Sociedade Nacional*, e uma prova a mais do valor activo e do momento esthetico da arte portugúesa!

Desde a 1.^a exposição da *Sociedade Promotora de Bellas Artes*, em 1862, e depois da estreia d'estes concursos do *Gremio Artistico*, em 1891, numerosas são até hoje as exposições de arte, officialmente consagradas, para que as treze da *Sociedade Nacional*, justo é reconhecê-lo, deixassem de obter proveito salutar.

Muito conseguiram estas sociedades na congregação dos elementos artisticos, dispersos num meio diffuso, hypoesthetico, desorientado como é este da

nossa terra. O mercado artistico, fóra de concursos inoportunos quasi sempre por accidentes de ordem múltipla, com datas certas, sob firma de responsavel identidade, está criado. E a ellas artistas e publico o devem.

Ha porém muito a fazer. E' o mais difficil, por intangível ás mãos dos homens, e porque em todo o homem ha, — mesmo no artista, que tambem o é com h minusculo, — um calcanhar de Achilles muito enjoiado pelos proprios e demasiadamente respeitado pelos mais. Será melhor artista quem, na sua sincera verdade transmissora, melhor mentir. E, á suprema confissão da mentira artistica, formará uma sociedade de artistas os seus discipulos. A' maneira de academias têm de ser olhadas as exposições nacionaes, — mas academias de selecção rigorosa. O publico da assistencia artistica, que visita as exposições em busca da emoção da arte, e do seu estudo reflectido, deve de exigir, cumpre-lhe fazê-lo, a prática d'esse principio. E, demais, a obra exposta, desde que a exposição é um concurso nacional, ha de ser a mais rigorosamente apta e comprovada para demonstrar, anno a anno, a competencia, o trabalho, o progresso, dos artistas melhores, na melhor demonstração. Não se documenta a sciencia nacional num determinado momento, senão pelas obras representativas. Faz-se a selecção scientificz. Urge que se faça tambem a selecção artistica, para saneamento do ambiente da nossa arte, e missão é que compete hoje á *Sociedade Nacional*.

Fôra assim, e não haveria já tanta mediocridade nesta 13.^a exposição. Se o mostruario dos concorrentes diminuiu em quantidade, não ganhou a qualidade. E, apesar d'isso, ainda ha individualmente obras optimas, prestigiantes.

São estas as observações geraes a fazer e a frizar insistentemente.

PINTURA — De 229 trabalhos expostos salvam-se, embora em valor ainda mui relativo entre si, uns 60. Dá esta conta uma percentagem de 26,2%, o que é muito pouco, passando a custo de um quarto de total.

O lugar de honra no «retrato e figura» cabe a *Velloso Salgado: Um cesto de plargonios* (159 do Catalogo), retrato de menina sobre quem a luz incide suavemente de fugida pelo arvoredó, a avivar a opposição do lilás do vestido, em cambiantes bem medidos, para o vermelho quente das flores, — a modelação, o desenho, a graça, excellentes, — é uma autentica obra prima. O *Sorriso* (160), outro retrato de mulher, de vermelho, — nota rubra, galantemente mephistophelica, — equilibra com precioso valimento a serie de retratos, completada por mais três, dos srs. *Vaz Ferreira* (156), *Oliveira Ramos* (157) e *Dr. Monjardino* (158). Nos quadritos de paisagem, mostra que não foi fadado para ella; tem muita luz, muito brilho, linda côr, mas a paisagem pede qualidades especiaes de visão, que Salgado não possui, talvez por falta de pratica propria. Depois do que apresentava, já por via de regra mediocre, a sua parte d'este anno foi uma ressurreição, e surgiu o Salgado tradicional, que o será enquanto quizer.

Segue-se-lhe a *Melancholia* (50) de *Constantino Fernandes*. Sem transes de tragedia, o artista collocou a heroina, abandonada a um aniquilamento de alma, entregue á dor indefinida da tristeza vaga da melancholia, prostrada contra uma columna de nave manuelina, que luz de mysterio alaga, fria, rispida, dolente. O contraste do negrume do vestido para a luz branca do ambiente, ganha ás coisas o maximo

relevo. E' um trabalho bem estudado, e feito com a clareza e simplicidade de vêrdeiro mestre da sua arte.

Carlos Reis está na idade do branco, um dos estadios da sua vida artistica. O branco porém já lhe pesa um pouco, sem a leveza das *engommadeiras*, do Museu de Arte Contemporanea. Tem alegria, realce, mas é tão monótono, que já basta. O *Retrato* (133), a *Primeira Communhão* (134) são quadros alegres pelo tom suave da côr, mais opaco mais duro do que devera de ser em tecidos leves, de vapor; no segundo é curioso o dialogo de côr, do branco para a luz fubra da chamma e do halo das velas no altar.

Alves Cardoso foi este anno muito desequilibrado. Ao lado do retrato que tem no Catalogo o n.º 11, e que ha de ser considerado o seu melhor trabalho neste genero, pois ha nelle perfeição de côr, forma, sobriedade, compostura, apresentou a *merenda* (10) que é uma calamidade. No desenho de figura pecca mais do que é licito a um pintor do seu merecimento, e cumpre-lhe corrigir: veja-se o *sarilho e dobadura* (18) com mulheres de cara aleijada, *as duas amiguinhas* (14) em que as pernas da rapariga não pertencem áquelle corpo, a *merenda*, onde todas as linhas bailam.

Alfredo Migueis tem na emotividade branda dos seus retratos deste anno qualquer coisa de dolorido, uma expressão ainda errante, que precisa de acentuar.

Bonvalot expôs um retrato do *pintor Lacerda* (38), com qualidades aproveitaveis, e de desenvolver, pelo character e boa technica de retratos que tem. O quadro do *Pierrot* (37) seria obra de marcar, se a *Pierrette* estivesse feita com a segurança e o cuidado gracioso da primeira figura; como está, é uma fuga ás difficuldades da expressão physiologica da scena. O *Mestre* (40) só tem superioridade no tamanho; falta-lhe ali muita coisa, material e espiritual, enquanto se ha de notar a difficuldade do assumpto, pela evocação que suggere.

Na «paisagem» appareceu um pintor brasileiro, cheio de olhos e de nervos, que foi a revelação de que no Brasil se trabalha, se sabe trabalhar, e ha bons nervos para o fazer. E' pena que ás exposições da Sociedade Nacional não venham muitas vezes artistas do Brasil, quando todos se esforçam, os de cá e os de lá, por nos chamarem irmãos. Mais ou menos longinquamente filhos da mesma paisagem, seria curioso ver que temperamentos se amoldam e se comparam, dos artistas que o mar separa, como aos velhos conquistadores, e aos actuaes commerciantes. A arte brasileira chega-nos pela caricatura de jornal, indecisa, a *Guarany* de Carlos Gomes, italiana, e o hymno nacional, o que é pouco demais, ou mesmo nada. O pintor *Navarro da Costa* concorreu ao certemem com três marinhas, a que deu todo o realce da cor, da luz, a vida e a alma do mar. Primou em dar aos olhos portugueses, como madrigal ou invocação, pedaços da patria, ess'outra patria nossa, que é o mar. Pintor de ondas e luz marinha, varia no estudo dos quadros a visão do modelo, e a technica forte, luminosa, une-os com pessoal impulso de observação cheia de vigor. O *Porto de Pozzuoli* (60), todo luz quente, côr, a *manhã de junho* no Rio de Janeiro (59), manhã baça de luz metalica, sobre agua em movimento que a brisa encrespa, o *Porto de Napoles* (61), mancha esfumada, mysteriosa, são os tres quadros do pintor Navarro da Costa, onde tira todo o partido possivel do relevo das tintas, que sabe dourar de um sol muito sentido, vibrante.

De Portuguezes tem o lugar primacial *Frederico Ayres*. As sete paisagens são boas, mas d'ellas ha uma que é optima: o *fim do dia* (24) mostra-me a paisagem mais expressiva, mais linda, em que os meus olhos poisaram. A nevoa do crepusculo baixa sobre a terra que a purpura do ocaso incendeia ainda, e a um lado um aldeão, elemento necessario alli, caminha apressado. Deviam os paisagistas collocar as figuras com o desenho e naturalidade d'aquelle homem. Este pintor tem grandes recursos, e é justo esperar-lhe um grande futuro pelo bom aproveitamento, conscienciosamente orientado, das suas boas qualidades.

Dordio Gomes, no *Rancho da azeitona* (62), de Arrayolos, dá-nos a paisagem alentejana, de inverno, côr de esperança, numa luz de estufa. *Campos da minha terra* é outra face da terra alentejana, de estradas com bordadura de eucalipto hieraticos. A technica, de tintas lisas e contrastes de sombras, tem vigor que se acentua na graça das figuras.

De *Alves Cardoso*, quando o mencionei no retrato, não lhe falei na obra de paisagem. O *começo do dia* (20), *Lua Nova* (19) e a bella mancha de côr, com bella paisagem, dos *Arredores de Chaves* (21) documentam-lhe o alto apreço que o trabalho de paisagista lhe merece. Retratista e paisagista, é essa a sua missão, que não lhe convém abandonar nem complicar, antes melhorar cada vez mais.

Uma estreia de paisagista foi a de *Martinho da Fonseca*. O *Adeus do sol*, em Thomar (77). As ultimas chapadas do sol a baterem no velho castello dos Templarios, de torre de menagem bem erguida lá no alto, um canto do Nabão em luz crepuscular cá em baixo. E' bem feito. Paisagem de côr, e prova de perspectivas, é o quadro de *Casaria vermelha* de Barcellos (78), bem estudado.

João Vaz tem, na série de quinze trabalhos de terra e mar, obras de bom e esmerado valor: das marinhas mansas sobressae a *Praia da Foz* (218), movimentada, graciosa, num bello esmalte de luz. A região de Setubal applica-lhe a tarefa artistica. O *Amanho das Redes* (212), *A bordo do Aragon* (214), que todos fazem o bordo de qualquer Aragon, as *Gaivotas* (219), de desenho mediocre, ás vezes a côr como nas *Praias* (223), as pedras contadas do caes do Tejo nos *Barcos de carga* (211), são coisas que a mestria de João Vaz devia evitar, inglorias a par das outras onde tem preciosidades de raro valor.

Abel Santos tem trabalhado. Contra as paisagens dos annos passados, monotonas, erradas, empastadas, apresentou este anno o *Castanheiro* (172), que ficou uma das obras boas d'esta exposição, *Poentes* (174, 177, 178), que deve variar um pouco mais, e um *Trecho do Nabão* (176), onde não conseguiu porém dar o movimento da agua.

Antonio Saude não deu novidades, e tem obrigação de as dar, com o seu valor, e o progresso manifestado na ultima exposição que fez.

A mais ha: umas manchas de *Julio Ramos*, um *Estudo* (94) bom de *Abel Mantas*, e *Falcão Trigoso* com *O meu Algarve* (207) e as eternas amendoeiras, e os eternos verdes da paisagem mais linda e mais colorida do Algarve.

Em natureza morta, ha de bom os *Fructos* (155) de *Gil Romero*, pintados com bom gosto e bella technica; e as *Naturesas mortas* (139 140) de *Gilberto Renda*.

LUIS CHAVES.

N. da R. — Das restantes secções continuaremos a publicação no proximo numero, pedindo ao nosso distincto colaborador, sr. Luis Chaves, nos perdoe a falta de espaço de hoje.

Cronica teatral

A pouco se reduz a actividade d'aquelle que tem por missão anotar n'estas breves notas de fugidia critica o registo do movimento teatral na quadra calmosa que ora vai decorrendo.

Aos primeiros dias mais ardentes d'este sol de verão, as companhias deixam a cidade e abalam para longe, a levar tambem até ás nossas provincias um pouco d'essa distracção, que só raro possuem durante o anno, e que é o prazer intelectual do teatro.

Vão de abalada para voltarem de novo com os primeiros indicios do outomno. Lisboa despovoada perde com isso uma das suas feições mais galantes e animadas, mas não fica inteiramente sem teatro; abandonam-a as companhias de declamação, mas em seu lugar surgem como recompensa as de revista, improvisadas num ápice, com alguns elementos de valor que ainda ficam, emprestando-lhes o seu nome para o reclamo do cartaz, de mistura com a comparsaria anodina e vulgar dos nossos teatros baratos do género.

Lisbõa, pois, de verão, transformada n'uma fornalha, tem ainda este recurso para passar bem as noites calmosas da estação que decorre:

A revista alegre e condimentada ao sabôr proprio da época, tão fresca e despida como o copo quasi nu das semi-irgens de scêna.

Assim, abraçada de dia, Lisboa refrescará á noite com a revista, que a brandura dos nossos costumes tolera despida até quasi á cinta, ou apenas com o leve sendal da Fantasia a encobrir a verdade d'alguns ossos que indiscretamente aparecem, a querer furar a pele, por sob os tecidos leves da roupagem.

A revista será pois o nosso passatempo unico n'estas noites de calor, já que mais nada nos oferece de novidade a vida morrinhenta e ramerraneira da cidade, por equal decorrendo monotona e cheia de tedio n'estes mezes quentes de estufa.

E até quando valtar o ruído dos que, partindo, levaram consigo a animação da cidade, o cronista folgará, repousando-lhe a pena até ao regresso, para depois encetar, a par da sua habitual referencia aos teatros, uma secção nova sobre a sua gente, como um inquerito aos artistas e ao meio teatral, o que representará, na sequencia dos artigos, o complemento logico d'estas linhas de critica de

SACADURA CABRAL.

FIM DO I.º VOL.

(ANO II)

Casa VENTURA ABRANTES

(LIVRARIA EDITORA)

80, Rua do Alecrim, 82 — Lisboa

Telefone 870

Livraria das Novidades

DE

ANTONIO DOS SANTOS CAPELA

Rua da Marinha, 15 — FARO

**Livraria, Papelaria, Loterias, Tabacos
nacionais e estrangeiros**

N'este estabelecimento vendem-se e compram-se todos os livros para escolas e liceus, romances e obras scientificas. Recebem-se diariamente todas as novidades literarias, jornaes de modas, figurinos e publicações.

Grande sortimento em **BILHETES POSTAIS**

Assinaturas permanentes de todos os romances e mais obras. Descontos aos revendedores e estudantes. Encadernações a preços moçicos.

Agente das principaes casas de LISBOA

Depositario da ALMA NOVA, em Faro

Livraria, tipografia, encadernação,
Fotogravuras, assinaturas, leilões e
Desenhos de capas e illustração por

SAAVEDRA MACHADO

SEMENTES

Hortalicas,
flores,
arvoredo,
cereais,
pastos,
etc.

Pedidos a
Alfredo Car-
neiro de
Vasconcellos
& Filhos



105, Rua de S. João, 111 — PORTO

Fabrica Industrial 1.º de Maio

SERRALHARIA MECANICA E CIVIL

FUNDIÇÃO DE FERRO E BRONZE



MANUEL CARVALHO

RUA INFANTE D. HENRIQUE, 186 — FARO

Construção de Poços Artesianos. — Vendem-se materiaes para os mesmos

Esta casa, que é no genero a primeira da provincia do Algarve, encarrega-se de todos os trabalhos mecanicos e civis. Constróem-se engenhos de noras de todas as qualidades, com a maior ligeireza, solidez e perfeição. Fazem-se charruas de todos os tamanhos, maquinas de debulhar milho, colunas, tubaria e todos os utensilios agricolas. Ninguem deixe de comprar n'esta casa, visto que em parte alguma do país se fabricam e vendem estes generos em melhores condições.

Preços sem competencia * Ninguem compre sem visitar esta importante fabrica

SAGRES

Magnifica estação de turismo pela grandiosidade do aspecto geografico que oferece o lendario Cabo de S. Vicente e pela evocação das mais arrojadas epopeias das passadas grandezas da nossa raça.

Neste evocador recanto algarvio — que é um dos mais dignos de serem visitados — situado proximo da antiga Escola de Sagres existe um HOTEL EX-PLENDIDAMENTE INSTALADO, COM TODOS OS CONFORTOS E PRECEITOS HIGIENICOS, E UM OPTIMO SERVIÇO DE MESA.

Livraria Internacional

DE

EDUARDO J. PEREIRA

Agente das principaes casas editoras de todo o mundo

48, Rua 1.º de Dezembro, 48 — FARO

**Livraria, Papelaria, Musicas e Loterias
TABACOS NACIONAES E ESTRANGEIROS**

Vendem-se e compram-se todos os livros para escolas e liceus, romances e obras scientificas, novidades literarias, jornaes de modas, figurinos e publicações.

Assinaturas permanentes de todos os romances e mais obras. Descontos aos revendedores e estudantes. Encadernações a preços resumidos. **Vende a ALMA NOVA**

Grande sortimento em **BILHETES POSTAIS**

TEATROS

Republica: «Os Castelos no ar» que a imprensa e a critica acolheu como o maior dos sucessos no genero. O consenso unanime do publico deu a «Os Castelos no ar» foros de mais uma autentica gloria para os seus autores: Eduardo Swalback e Acacio de Paiva, sobejamente conhecidos pelas suas obras de teatro. O Republica será como sempre o ponto de reunião obrigado da presente quadra.

Trindade: Magnificos espectaculos variados pela Companhia Taveira de que faz parte a graciosa actriz cantora Maria Stelina, da companhia Caramba, e que tão grande sucesso alcançou no Coliseu.

Eden: Primorosa serie de espectaculos populares para divulgação artistica do nosso melhor teatro nacional.

Obra de extensão e do maior alcance popular é por isso mesmo digna dos maiores encomios a gerencia da companhia do Nacional.

CINÊMAS ELEGANTES

OS PREFERIDOS

Salão Fóz: Os melhores espectaculos de variedades. O nosso «Music hall» por excelencia.

Politeama: Grandiosos espectaculos cinematograficos.

Olimpia: Concerto e magnificas fitas.

Condes: Grandiosos programas e excelente musica.

GRAND PRIX
O MAIOR PREMIO DA EXPOSIÇÃO - LONDRES 1904
PREMIADO COM MEDALHAS DE OURO NAS EXPOSIÇÕES:


 R. JANEIRO 1902
 ANVERS 1894
 BELEM 1893

LONDRES 1904
 LISBOA 1898
 PARIS 1889

MOSTRUARIO INDUSTRIAL PORTUGUÊS 1918, ETC.

Xarope Peitoral James

Cura infalível de todas as tosses, mesmo as mais rebeldes, bronquites crônicas e agudas, ataques asmáticos, etc. Mais de 50 anos de curas são o melhor atestado. Aprovado pelo Conselho de Saúde Pública de Portugal e pela Inspectoria Geral d'Hygiene dos E. U. do Brazil.

DEPOSITO GERAL: FARMACIA FRANCO, FILHOS
RUA DE BELEM, 147-LISBOA
A VENDA EM TODAS AS FARMACIAS


Contra a debilidade

Farinha Peitoral Ferruginosa da Farmacia Franco

Esta farinha é um precioso medicamento pela sua acção tónica reconstituente, do mais reconhecido proveito nas pessoas anemicas, de constituição fraca, e nas que, em geral, carecem de forças no organismo. E ao mesmo tempo um excelente alimento reparador, de facil digestão, utilissimo para pessoas de estomago debil ou enfermo, para convalescentes, pessoas idosas e creanças.

Está legalmente autorizado e privilegiado.

Pedro Franco & C.^a L.^{da}

DEPOSITO GERAL
RUA DE BELEM, 147-LISBOA

GRAND PRIX - O MAIOR PREMIO DA EXPOSIÇÃO - LONDRES 1904

CONTRA A DEBILIDADE
VINHO NUTRITIVO DE CARNE
 O MELHOR TONICO QUE SE CONHECE
 ATENDIDO POR NUMEROSOS MEDICOS PORTUGUEZES E ESTRANGEIROS
 AVENDA EM TODAS AS PHARMACIAS


 PEDRO FRANCO & C.^a

Belem 1893,
 Anvers 1894,
 Londres 1904,
 Rio de Janeiro 1908, etc.

Premiado com medalhas de ouro nas exposições: de Lisboa, 1888, Paris, 1889,

Rio de Janeiro 1908, etc.

Rua de Belem, 147 - LISBOA

RAL FERRUGINOSA poderosamente alimentar e fortificante despertando também o apetite e aproveitando em geral a todos os debilitados seja qual for a causa da debilidade.

O VINHO NUTRITIVO DE CARNE DE PEDRO FRANCO & C.^a L.^{da}, é o tonico por excelencia e que está naturalmente indicado contra a DEBILIDADE: — ANEMIA, Febre palustre, E EM TODAS AS CONVALESCENÇAS. ≡ Producto GENUINAMENTE NACIONAL cuidadosamente preparado com os melhores vinhos do Porto, conservados durante longos annos nos nossos depositos, a sua efficacia tem-lhe granjeado um renome universal. ≡ O VINHO NUTRITIVO DE CARNE é um aperitivo que deve existir nas nossas casas para uso quotidiano, pois, além de restaurar, conservavos a SAUDE, o VOSSO MELHOR CAPITAL.

≡ São também de nosso exclusivo fabrico o XAROPE PEITORAL JAMES que cura as tosses mais rebeldes, bronchites chronicas, etc., sem causar desarranjos de estomago ou intestinos e a FARINHA PEITO-